

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**Em nome da excitação: Uma etnografia da relação  
política entre torcedores organizados e dirigentes de  
futebol**

**Gustavo César Arêas de Souza**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Em nome da excitação: Uma etnografia da relação política entre torcedores  
organizados e dirigentes de futebol**

**Gustavo César Arêas de Souza**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Édison Luís Gastaldo**

Dissertação submetida como requisito  
para obtenção do grau de **Mestre em  
Ciências Sociais**, no Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais,  
Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro-UFRRJ.

Seropédica, RJ  
Maio de 2014

796.334

S729e

T

Souza, Gustavo César Arêas de, 1985-

Em nome da excitação: uma etnografia da relação política entre torcedores organizados e dirigentes de futebol / Gustavo César Arêas de Souza. - 2014. 95 f.

Orientador: Édison Luís Gastaldo.

Dissertação (mestrado) -

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2014.

Bibliografia: f. 90-95.

1. Futebol - Torcedores - Teses. 2. Torcedores desportivos - Aspectos sociais - Teses. 3. Clubes de futebol - Teses. I. Gastaldo, Édison Luís, 1970- II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIA SOCIAIS**

**Gustavo César Arêas de Souza**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Curso **de Mestrado em Ciências Sociais**, do **Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - PPGCS – UFRRJ**.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14/05/2014

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo  
Presidente e Orientador  
UFRRJ

---

Profa. Dra. Izabel Missagia Mattos  
Membro Interno  
UFRRJ

---

Prof. Dr. Ronaldo George Helal  
Membro Externo - UERJ

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes pela bolsa concedida.

Ao meu orientador, o professor Dr. Édison Luís Gastaldo, pelas fontes, dicas, conselhos e, principalmente, pela paciência e compreensão pelas minhas falhas, defeitos e inexperiência, pois sua orientação sempre extrapolou positivamente a função de apenas orientar. Dessa forma, os erros, que certamente existem no trabalho, são, com toda a certeza, consequências de meus atos falhos, e os acertos, caso existam, só ocorreram por sua intervenção. Gastaldo, muito obrigado!

Aos professores Doutores Edson Miagusko, Izabel Missagia de Mattos, Miriam de Oliveira Santos, Vladimyr Lombardo Jorge, Annelise Fraga Fernandez, Nelson Rojas de Carvalho que, com suas aulas, contribuíram para que eu tivesse uma passagem bem-sucedida no curso.

Aos meus colegas de curso, em especial Breno Seixas e Vinícius Rodrigues. Obrigado, amigos, pela jornada. Não teria sido a mesma coisa sem vocês. Foi uma felicidade tê-los encontrado.

À minha amada namorada Juliana, que sempre esteve comigo nos momentos cruciais do meu curso, dando o apoio que só quem ama pode dar e sem requerer qualquer retribuição. Me ajudando com dicas sobre teses, bibliografia, academia e mundo, sem você, amor, não teria conseguido.

À minha família, parentes e amigos que me apoiaram e incentivaram, especialmente nos momentos mais críticos, sem jamais esperar ou cobrar qualquer retribuição pelo amor, amizade e compreensão cedidos.

Aos amigos que fiz na arquibancada e ajudaram esse trabalho sair: Gustavo Coelho, Eduardo Cabeleira, Frajola, Campinho e Riquinho, sou um pouco Young depois de tudo...

À minha mãe, Rita, que com toda sua austeridade e exigência de retidão moral, me ajuda em todos os desvios e tentações que a vida faz, por ter me dado vida e por ser exigente e carinhosa.

Ao meu pai, M o t t a , por ter me dado a vida preciosa e única, o amor incomensurável e incondicional e o exemplo de austeridade, porém, com bom humor. Mas, principal e simplesmente, por ele ter existido.

Por fim à minha médica psiquiatra Dr<sup>a</sup> Andreia, que com sua medicação ajudou a por minha cabeça no lugar e me dar forças para continuar a caminhada.

A quem, eventualmente, eu possa ter cometido a indelicadeza de esquecer de mencionar, muito obrigado. Obrigado a todos!

## RESUMO

Este trabalho visa investigar a natureza da relação entre Torcidas Organizadas e diretoria de clube de futebol. Para tal, foi produzida uma etnografia tendo como objeto de análise a torcida Young Flu, do Fluminense. A etnografia foi realizada em cerca de 1 ano no qual acumularam-se viagens, entrevistas, amizades, perigos e uma nova visão a respeito do futebol.

O futebol deve ser visto como “um fato social total”, conceito de Mauss (2003), no qual o social só é real quando está integrado a um sistema. Uma totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros. Totalidade, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas, sobretudo, simbólica.

Torcidas Organizadas são instituições legais, com CNPJ, não sendo grupos clandestinos. As Organizadas usam símbolos, bandeiras, bandeirões e faixas. Recendo gratuitamente das diretorias uma cota de ingressos, estes que nas mãos das torcidas, tornam-se um instrumento de uma economia simbólica de ingressos. Esta forma de autofinanciamento engloba também atividades sociais, como eventos e viagens, além da venda de material esportivo com símbolos da torcida e do clube (com a licença gratuita deste também). Mostram-se assim, verdadeiras empresas geradoras de lucro. Sugerindo, dessa forma, que existe uma relação de mercado compreendida como informal entre as Torcidas Organizadas e as diretorias de clube. Ser membro de Torcida Organizada garante certos direitos e contribui para internalizar um sentimento de pertencimento pelos quais outros não passam. Criam-se laços de solidariedade, de cooperação e de distinção perante os demais; assume-se um compromisso com rosto. Contudo, saliento que na arquibancada todos são bem-vindos para apoiar.

**Palavras-chave:** torcedores organizados, identidade, economia simbólica de ingressos.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the nature of the relationship between “Torcidas Organizadas” and directors of the football’s clubs. For this an ethnography was produced having as object of analysis the crowd “Young Flu”, of Fluminense, That ethnography took 1 year to be prepared, in which involved travel , interviews , friendships , dangers and a new vision about football.

Football should be seen as a "total social fact ", where the concept by Anthropologist Mauss (2003), wich the social are only real if that’s integrate a system. All the meanin g o f o n e s o c i e t y a r e r e s u m e d i n a l l : total in the sense that society includes all human phenomena of economic , cultural, political, religious , among others , with no prior hierarchy . Whole, in the sense that the nature of the goods produced by community members is not only material, but particularly symbolic.

“Torcidas Organizadas” are legal institutions, they are legally registered in government, not being clandestine groups. The “Organizadas” uses symbols as flags, banners, and “bandeirões”. Recivieng for free a quota of tickets, Tickets to the hands of the fans become a form of self-financing, a symbolic economy of tickets, w e c o u l d i n c l u d e i n t h i s l i s t a s well t h e social events and activities like travels, where twisted also remunerate, sales material symbols using the free licensed club form. If so show true income profit generating enterprises. Suggesting a market relationship between “Torcidas Organizadas” and the club boards, this can be understood as informal. Being a member of a “Torcida Organizada” confers rights , a sense of belonging different from others. Being part of this group creates bonds of solidarity , cooperation and distinction before the other , it is assumed a commitment with face, but in bleachers everyone are welcome to support.

**Key Words:** Torcedores organizados, identity, symbolic economy of tickets.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
“Só a vitória nos interessa” – Objetivos gerais .....	9
Justificativa.....	10
Método .....	13
Problema de Pesquisa .....	13
<b>CAPÍTULO I – Os torcedores organizados como problema sociológico .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA .....</b>	<b>38</b>
2.1 – Tipo de pesquisa .....	38
2.2 – Limitações do Método.....	39
2.3 – Coleta de dados.....	41
<b>CAPÍTULO III – A história do futebol no Brasil: uma breve apresentação .....</b>	<b>47</b>
3.1 – O velho esporte bretão chega a terras brasileiras .....	47
3.2-Torcida organizada, uma breve história .....	56
<b>CAPÍTULO IV - Em campo no campo – Uma Etnografia de Torcida.....</b>	<b>60</b>
4.1 Do papel do antropólogo e da torcida organizada .....	60
4.2 O campo em campo.....	64
4.3 Economia simbólica dos ingressos.....	80
<b>Conclusões.....</b>	<b>85</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>90</b>

# INTRODUÇÃO

Como podemos observar o esporte, e em particular o futebol, sempre se mostra como cenário de batalhas, uma arena de conflitos de classes, interesses de diferentes montas, origens e destinos. Hoje em dia não se faz diferente: a **política** ocupou e continua ocupando um espaço relevante no futebol e tem grande importância em seu desenvolvimento – sempre em transformação – e esta é um objeto desta presente pesquisa.

Proponho analisar as Torcidas Organizadas de futebol como um espaço de sociabilidade e expressão de identidade e sentimento de pertença de indivíduos de vários grupos e classes sociais, que se identificam e se reconhecem como integrantes de um mesmo grupo, e suas relações tanto entre si quanto com as diretorias de clube. Acredito na importância dos estudos que tenham como recorte entender essa relação, devido a seu grau de ineditismo e importância para o desenvolvimento do nosso campo de pesquisa. Assim o simples entendimento dessa relação nos desnuda aspectos importantes da nossa sociedade. Para tanto, uso como recorte a torcida “Young Flu” do Fluminense Football Club neste trabalho.

A Torcida Organizada pode ser entendida como um espaço de possibilidade de sociabilidade abordando as noções de cooperação, simbolismo, e alteridade. Este sentimento, o sentimento de alteridade muito presente nos estudos da sociologia do esporte e que faz parte de toda imaginária que compõe a identidade de “ser torcedor”. Pode-se entender muitas vezes que torcer para “X” significa até mais torcer contra “Y”, e a recíproca se mostra verdadeira. Como o esporte moderno tem em suas origens simulações de batalhas e a visão de “nós” e “outros”, então o sentimento de diferenciação se faz, portanto, tão importante quanto o sentimento de pertença.

No entanto, não só o sentimento comum de fidelidade ao clube e hostilidade aos adversários sustentam o clubismo, sendo de alta relevância as representações que se faz do clube e da sua torcida, as identidades assumidas e como esses elementos dialogam com a história dos clubes. Analisar o clubismo como um código que encontra seu sentido e sua formação apenas no futebol seria deixar de refletir sobre as intrincadas tramas sociais que envolvem o modo como se pensam os clubes e como as torcidas se veem e são vistas.

## **“Só a vitória nos interessa” – Objetivos gerais**

Contrariando a tendência de uma lógica que se impõe na modernidade, baseada em relações impessoais, com poucos vínculos e paixões, o chamado mundo das relações líquidas (BAUMAN, 2001; GIDDENS, 2002), o “torcer” por um clube retrata valores tradicionais, em que o passado é honrado e os símbolos são valorizados, porque contêm e perpetuam a experiência de

gerações.

Mas nem sempre o esporte ou ainda mais o futebol foram entendidos como objetos nobres de pesquisa. A despeito desse desprezo da tradição científica, Norbert Elias e Eric Dunning (1992) identificam nos “*paradigmas racionalizantes*”, a redução do “*campo de visão*” das ciências a um conjunto comparativamente estreito de atividades sociais, apesar de sua pretensão de tratar a sociedade em todo seu conjunto. Ou seja, para estes autores, as ciências sociais teriam se orientado para o campo restrito dos aspectos entendido como sério e racional da vida, o que teve como efeito a visão de que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções, a fuga da rotina e as tendências irracionais e inconscientes do homem tivessem merecido pouca ou nenhuma atenção no âmbito da teoria e da investigação sociológica. Assim, a busca de referências teóricas e metodológicas para o estudo do futebol, tem necessariamente que passar pela interdisciplinaridade, e tem no estudo desses dois autores seu momento seminal. Nesse sentido, a obra de Norbert Elias estudando o processo civilizatório e suas análises produzidas sobre o esporte, em parceria com Eric Dunning nos oferece um bom ponto de partida.

Por exemplo, ainda é forte a tendência em restringir a análise política do esporte à sua relação com o Estado-nação ou a regimes de exceção, tendo como grande exemplo no Brasil o uso e apropriação que Vargas fez do futebol e do carnaval, assim como a instrumentalização que a ditadura civil-militar fez da Copa do Mundo de 1970, em ambos os casos para legitimar os regimes e atenuar as tensões sociais em ambos os casos. Apesar de não explicitado, a leitura do “político” no futebol parece manifestar-se apenas como manipulação, desvio de suas verdadeiras funções de esportividade e lazer, postos em prática por regimes autoritários ou em situações de convulsão social. As referências são os períodos autoritários na América do Sul – as ditaduras dos anos 1930 e 40 ou dos anos 1970, e na Europa com as Olimpíadas de 1936 em Berlim pelo regime nazista de Hitler, ou por ocasião dos grandes eventos esportivos que estão aportando em nosso país, tais quais a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Uma visão que atribui ao futebol a função social de lazer, associada à de tempo livre como tempo de ócio, de não trabalho, enfim, um “não-lugar” da política. E quando a política se faz em meio ao esporte se dar nesse tempo comum através da alienação, manipulação e atendendo a interesses de outra ordem que não a esportiva. De todo modo, aos poucos os estudos do campo vêm alargando o conceito de política, bem como problematizando a dicotomia simplista e funcionalista entre política e esporte.

Os primeiros estudos acadêmicos sobre torcida em finais da década de 1970 e início dos anos 1980, foi o artigo de Sérgio Micelli para a Revista de Administração de Empresas da FGV em 1978, e em 1981 a dissertação de mestrado de Benedito Tadeu César pelo programa de pós-

graduação em antropologia social da Unicamp. Ambos os estudos não têm o objetivo central de tratar da violência entre os torcedores, mas, por serem os primeiros a tratar de torcidas, são de grande importância na composição de uma história sobre as torcidas neste período. As produções de Luís Henrique de Toledo (1996) e Carlos Alberto Pimenta (1997) deram sequência a esses estudos. Boa parte das análises sobre o futebol e todos os elementos que o compõe (história, clubes, jogadores, torcida etc.) estavam sendo produzidas por jornalistas e o espaço que a academia deveria ocupar vinha sendo preenchido por obras sem maior preocupação metodológica e por algumas obras de caráter literário. Assim, os novos estudos ampliaram as fontes, introduziram novos corpos teóricos e problematizaram os objetos, tais como o comportamento das torcidas, com o envolvimento mais direto de antropólogos, sociólogos, historiadores, entre outros. Abriu-se espaço para outros estudos como, por exemplo, sobre a estrutura dirigente dos clubes e federações, a força econômica do mercado, com destaque para a televisão e os patrocinadores, sobre a história de clubes e jogadores, entre muitos outros.

A paixão do brasileiro pelo futebol não pode ser analisada como uma coisa dada. Reiterada dessa forma, ela é vazia, auto-referida e não nos ajuda na compreensão do futebol. É preciso desconstruir esses lugares comuns. E o futebol é, por excelência, um desses lugares em que há a efetividade da política, onde ela se manifesta para além da racionalidade pragmática ou do olhar mais descuidado.

Fortemente contido de paixão individual e coletiva, o futebol não se prende exclusivamente às determinações de classes, na medida em que, tomadas de forma clássica, elas são excessivamente redutoras. É, portanto, o lugar da “inconsciência”, no sentido oposto daquela consciência racional determinada e imposta de cima e de fora dos sujeitos e dos grupos. É um espaço privilegiado do inconsciente coletivo, dos indivíduos e das massas. O tratamento que Murad (1996) dá a esta questão é: o “desporto é uma organização social do lúdico, e toda a sociedade elege uma modalidade que o caracteriza”. E o Brasil escolheu justamente o futebol, que traduz muito bem a nossa cultura, que nos dá possibilidades de nos entender de dentro pra fora. Nesse sentido, o futebol expressa os sentimentos mais significativos da organização humana, que é o da identidade e o de pertencimento, seja com relação ao clube ou ao selecionado nacional, manifesta-se um sentimento de afetividade e de pertencimento que dá sentido não apenas à instituição futebolística, mas ao lugar a que ela se encontra vinculada.

### **Justificativa**

Esta pesquisa é importante em diversos sentidos, pois as Torcidas Organizadas se encontram com frequência relacionadas a fenômenos violentos como homicídios, brigas,

depreação de patrimônio público, ao menos na esfera do senso comum, em publicação de jornais ou programas televisivos. Seja em troca de favores e privilégios, as Organizadas estão envolvidas de algum modo a acontecimentos terríveis. Aspectos marcantes no futebol hoje passam necessariamente por questões que envolvem as Torcidas Organizadas. Muitas polêmicas são levantadas e todos têm muitos argumentos a favor e contra.

Segundo Bromberger (1995) uma sociedade diz muito a respeito de si mesma através de suas paixões coletivas. Longe de escamotear o essencial, elas o explicitam, ao destacar as linhas de força que atravessam o campo social, assim como as contradições presentes em nossa época, colocando em evidência, ao modo de um drama caricatural, o horizonte simbólico das sociedades modernas. Certamente, os esportes são poderosos reveladores do modo pelo qual as sociedades toleram e geram expressões de violência e emoções coletivas.

A partir do que foi exposto, pergunta-se: que tipo de excitação está em jogo na relação torcedor/clube de futebol?

A partir da espetacularização da prática, o futebol passou a contar com um número significativo de torcedores, que se identificaram com a modalidade, e posteriormente também podemos observar uma constante expansão do número de clubes adeptos da prática. Por fim passou a identificar-se com os referidos clubes, fenômeno denominado pelo antropólogo Arlei Sander Damo (2005) como clubismo<sup>1</sup>. Isto foi necessário para que exista um sentimento de pertença do torcedor.

De acordo com Elias e Dunning as atividades de lazer, de ócio e de tempo livre possuem este caráter “quer se tome parte nelas como ator ou como espectador, desde que não se participe como se participasse numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida” (ELIAS, DUNNING, 1992, p.110). Segundo este autor, a polarização lazer/trabalho em sua forma tradicional é inadequada, pois sugere que todo ou qualquer tempo que não é despendido no trabalho, trabalho tendo este como sentido de uma ocupação de tempo remunerado, ou seja, todo o tempo não livre, pode ser dedicado ao lazer, uma dimensão importante das sociedades modernas nas quais orientam-se para o prazer, tornando-se, assim, um campo de análise que requer e merece teorização e

---

<sup>1</sup> “O vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, tomado aqui como um sistema articulado de crenças e de práticas que, que numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno” (DAMO, 2005, p. 61). Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como „torcedor fanático“, „doente“, „cego“, etc. (Damo, 2007, p. 52). Desta forma, o clubismo pode ser relativizado, algo que acontece com os torcedores menos atenciosos ou envolvidos com a equipe. Contudo, mesmo o torcedor mais relapso internaliza determinadas normas. A mais elementar dentre elas é sobre a impossibilidade de torcer para um clube e ao mesmo tempo apresentar qualquer apoio ou afeto aos principais rivais.

investigação. Desse modo, se a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como atividades sérias da vida, as ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem seus perigos e riscos. Isto se deve ao fato de que a excitação e a emoção presentes nas atividades de lazer são limitadas por restrições civilizadoras.

Marcel Mauss (1979) contribui para este entendimento. Segundo o autor, os sentimentos são categorias sociais que variam de acordo com a grade classificatória de cada cultura e, por isso, devem ser entendidos como expressões coletivas em que o indivíduo aprende a experimentar; do contrário, seriam sempre iguais em sua manifestação. Assim considerando, o modo de expressar esse sentimento é, também, a forma de experimentá-lo, que só se torna possível porque faz parte de todo o repertório cultural do grupo.

O sentimento de identidade refere-se à imagem que a pessoa adquire ao longo da vida a respeito de si própria, imagem que constrói e apresenta, para acreditar na sua própria representação.

Noções como risco e segurança, autocontrole, descontrole são fundamentais para se compreender as experiências de manifestações torcedoras e o sentido da paixão futebolística, estas noções fazem assim um conjunto de representações.

No trabalho de campo, pude observar que os torcedores organizados executam verdadeiros rituais antes, durante e depois das partidas de futebol. Bandeiras, músicas, coreografias e fogos de artifício são algumas das manifestações que ritualizam e embelezam o espetáculo esportivo. No caso específico da torcida “Young Flu”, quase que pontualmente, 10 minutos antes de qualquer partida, torcedores empunhando as suas bandeiras (algumas exaltando a própria Torcida Organizada, outras a jogadores considerados heróis do passado e do presente) correm em direção à arquibancada e são recebidos com gritos “Vem chegando a Playboyzada<sup>2</sup>, vem chegando a Playboyzada...”. Em jogos de maior vulto, são distribuídos centenas, talvez milhares de saquinhos de pó de arroz (na verdade, talco), para serem arremessados em direção ao campo toda a vez que o time pisa no gramado. E, assim, o cenário está montado para a plateia assistir.

---

2 A alcunha “playboyzada”, que por muito tempo fora usada de forma depreciativa pelas torcidas dos clubes rivais, agora é apropriada e enaltecida como qualidade intrínseca da torcida do Fluminense. No entanto, as representações feitas pelos e sobre os torcedores não pode ser levada ao pé a letra, pois não servem para identificar a composição da massa torcedora. Assim, a importância dos estereótipos recai sobre como as representações E (?) norteiam o modo de agir das torcidas, suas rivalidades e seus discursos sobre elas próprias e sobre os adversários. Os fragmentos de história são utilizados como que a formar um fio condutor que liga o clube e seus torcedores do passado aos dias atuais, reforçando determinadas características, atitudes e afirmando conceitos do que é torcer para determinado time, numa relação em que a visão dos próprios torcedores está em constante embate com os ataques adversários e em reelaborações frequentes. Casos semelhantes são encontrados no Flamengo com o urubu, no Palmeiras com o porco, entre outros.

## Método

Empreendi uma pesquisa de imersão na torcida “Young Flu”, do Fluminense Football Club, começando no final do ano de 2012, construindo pontes com testemunhas, coletando dados através de observação participativa, principalmente no período de tempo em que o clube em questão esteve disputando os campeonatos Carioca, Libertadores da América e Brasileiro, todos estes disputados no ano de 2013. Fiz uso de entrevistas semi-estruturadas com testemunhas-chaves eleitas pela disposição em participar do encaminhamento da pesquisa, assim como por sua representatividade junto a ela.

## Problema de Pesquisa

Há mais coisas no futebol que gols e resultados, e desde seus primórdios como esporte amador vêm nos mostrando que existe uma espécie de “caixa-preta” no futebol. Entender o que se passa se faz necessário para o contínuo desenvolvimento do esporte e a sua manutenção como espaço onde o lúdico convive com o profissional, onde a “irracional” paixão do torcedor tem de conviver com a frieza de números, desde os resultados econômicos nesse novo momento “clube empresa”, até os números das análises táticas.

Os clubes se dividem em setores como: presidências e vice-presidências, desde o futebol, até o remo em alguns casos, passando por setores que, vistos de longe ou pelos olhos ingênuos de alguns, nada têm a ver com a esfera esportiva: patrimônio, financeiro, memória, etc. Todos estes setores são formalmente parte da estrutura administrativa e da vida do clube, porém, em muitos casos, têm menos poder de palavra e decisão que as Torcidas Organizadas. As Torcidas Organizadas mantêm relações estreitas com os clubes. Essas relações, embora informais, são atuantes e ajudam a eleger dirigentes ou derrubá-los.

Há uma economia informal de ingressos, na qual existem personagens presentes, dentre estes a Torcida Organizada. Estas sempre vilãs da imprensa enquanto os clubes são vistos como vítimas. Ponto central em qualquer debate a respeito das Torcidas Organizadas está esses repasses, de que forma se dá essa economia simbólica de ingressos?

As Torcidas Organizadas são instituições com meios e fins recreativos, sociais, culturais e econômicos, e o poder público não sabe lidar com as torcidas; ao mesmo tempo se mostra como um algoz e refém.

Há uma permeabilidade entre interesses “clubísticos” e das Torcidas Organizadas. **Assim, o que quero saber é: o clube vive sem Torcida Organizada, mas a Torcida Organizada vive sem clube?**

# CAPÍTULO I – Os torcedores organizados como problema sociológico

O futebol traz consigo uma representatividade única para o povo brasileiro. Seja praticando, torcendo, participando da organização, seja em meras discussões cotidianas causadas por rivalidades. Possui a capacidade de congregar pessoas em torno de si, criando e reforçando elos a partir do sentimento de pertencimento a um clube ou a uma torcida. Nesse sentido, constituindo-se como uma prática social, o futebol se apresenta como um espaço privilegiado de representação do próprio povo brasileiro. Desta forma, revela-se como parte da cultura, um lugar de participação da sociedade. É nesse contexto de busca de nossas identidades que os estudos do futebol passam a ser tratados como “um campo sério” dentro das Ciências Sociais.

Roberto DaMatta talvez tenha sido quem interpretou e denominou o futebol tal qual “drama social”. Com seu pioneirismo em tornar “coisas não-sérias”, como o futebol e o carnaval, em objetos de pesquisa, através de duas obras importantes: *Carnavais, malandros e heróis*, de 1979 e o artigo “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, presente na coletânea por ele organizada em 1982, *Universo do Futebol*.

Criticando a visão hegemônica nos estudos principalmente de origem marxistas, que viam o carnaval e também o futebol como ópio do povo, instrumentos de alienação incapazes de serem instrumentos para uma leitura do social, DaMatta faz a leitura do futebol como expressão do que denominou “dilema brasileiro”, assim como o desinteresse das Ciências Sociais para assuntos “não-sérios”:

Estudando o futebol e o esporte como drama, pretendo analisar essas atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou “ler” por seus membros. (...) O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se portanto, descobrir (DAMATTA, 1982, p. 21).

Juntamente com o carnaval, o “Você sabe com quem está falando”, o futebol e a música popular, não se constituem em “coisas sérias”, dignas de um estudo sociológico, que deveria ser orientado para as chamadas “tarefas urgentes” ou “problemas politicamente relevantes”. Saber o porquê desse preconceito contra o estudo do verdadeiramente familiar é um trabalho importante, que ainda deverá ser realizado (DAMATTA, 1979, p. 212).

Ainda hoje, há estudiosos que concordam de certa forma com o caráter alienante do futebol. Numa via contrária à visão que DaMatta alimenta sobre o caráter democrático do futebol no Brasil, Carlos Alberto Pimenta (1997) reflete sobre aquilo que há de mentira neste esporte, de uma falsa

experiência de vitória, justiça e democracia entre os times, o que apenas contribui para, em certo sentido, a alienação da população. Pimenta comenta a transformação histórica do futebol, que já teve uma veia democrática, a luta contra o racismo no esporte, a incorporação das classes populares, mas que hoje se vê desvirtuada. O autor ainda fala dessa alienação própria do futebol brasileiro e que está presente de outras maneiras em diversos lugares do mundo:

“A Taça do Mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa”. Daí para a frente, o Brasil – numa visão simplista da política repressiva e social – andou para trás. Somos os melhores na arte do futebol e nos orgulhamos desta façanha, mas também somos executados sumariamente sem o devido procedimento judiciário; somos analfabetos, doentes, marginalizados, abandonados, prostituídos e, todavia, não atentamos para este quadro. O futebol participa – dentre vários outros instrumentos existentes nas relações sociais – do processo de fortalecimento do domínio de poucos sobre muitos. [...] Há, contudo, através do jogo de bola, o fornecimento de um falso espaço de liberdade e de igualdade dispersas do real, e os espectadores, tomados de um frenesi, se calam diante da dor, da fome, do analfabetismo e da opressão (PIMENTA, 1997 p. 52).

Podemos nos apropriar e enquadrarmos esse entendimento na dinâmica da Torcida Organizada. Enquanto o futebol permaneceria como um elemento alienante, a relação entre Torcida Organizada e diretoria de clube seria camuflada nesse meio.

Quando Norbert Elias e Eric Dunning começaram a trabalhar juntos num dos principais estudos de sociologia do esporte, *A Busca da Excitação* (1992), ambos estavam de acordo com a sua importância como instrumento de regulação e gerenciamento das emoções, desempenhando um papel privilegiado no cotidiano das sociedades modernas, atuando assim no processo de civilização delas:

Violência, mimese, esporte e sociedade. Norbert Elias tenta demonstrar a relação entre sociedade e esporte. Suas análises sociológicas possuem um forte apoio no rigor das fontes históricas. Entender o esporte articulado com a dinâmica social possibilita que se vislumbrem detalhes específicos, tanto do próprio esporte, como da sociedade onde está inserido. (SOARES, 1995, p. 171)

Podemos entender que o futebol é parte da sociedade, refletindo toda sua dinâmica, contradições e riqueza, constituindo uma arena social privilegiada para estudar problemáticas de grande importância para nossa realidade social, ligadas a diversas formas de sociabilidade, processo civilizatório etc. (ELIAS, DUNNING, 1992). Dentro deste universo, destacam-se diversos atores: jogadores, dirigentes, torcedores, torcedores organizados, dentre outros. Considerando a variedade de grupos que fazem parte da complexa dinâmica que compõe o futebol, esse estudo propõe uma reflexão sobre os torcedores organizados nesse contexto, trazendo para isto as principais referências teóricas que nortearam esta dissertação.

Simoni Guedes (1977) considera o futebol no Brasil como “*instituição zero*”, contribuindo para esse debate. Para a autora, o futebol em nosso país deve ser entendido como um *símbolo flutuante* justamente porque não produziria consensos, ao menos não na sua totalidade, mas pode

ser vislumbrado como um fenômeno cultural em que todos se articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, magia e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis (GUEDES). Sendo assim um significante vazio, mas pleno de potencialidades de significação. Em outras palavras, no Brasil, o campo simbólico do futebol pode ser tomado como exemplo de muitas coisas diferentes: a tradicional metonímia da Seleção Brasileira como “o povo brasileiro em campo”, “pátria de chuteiras”, até as mazelas dos dirigentes de clubes e “cartolas” esportivos como metáfora da classe política e seus problemas de corrupção, má gestão, desvio de dinheiro público, passando pelo desempenho de cada jogador em campo, metáfora de condutas privadas, honrosas ou desonrosas. O futebol no Brasil tem se apresentado como um veículo quase insuperável para a produção e reprodução de discursos sobre a nação e o povo brasileiro. Pode ser entendido como uma *zona livre* mas repleta de significados, assim sendo uma *instituição zero*.

Trazendo de volta Roberto DaMatta para o debate (1982), ele faz uma contribuição relevante para a temática deste esporte no país, em seu ensaio sobre o futebol brasileiro. Quando discorre a respeito deste esporte em diferentes sociedades, mostra que a palavra futebol para os brasileiros nunca surge sozinha, ela é sempre precedida do qualitativo jogo (o jogo de futebol), diferentemente dos países de língua inglesa, que veem o futebol como um “sport” (e estabelecem uma diferença fundamental entre “play”, “game” e “sport”). Segundo o autor, para o brasileiro, o futebol é uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, mas também depende das forças incontrolláveis da sorte e do destino. E muito mais, quando na associação do futebol (jogo) com a Loteria Esportiva (outro jogo), vários jogos de futebol são jogados em planos diferenciados, mas simultaneamente: há o jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores; há outro jogo que se passa na vida real, jogado e apostado pela população brasileira, em busca de uma mudança para seu destino, e por último um terceiro jogo no “outro mundo”, onde as entidades do plano espiritual são chamadas a influenciar nos resultados.

Ainda para DaMatta, o torcedor torce, indicando a ideia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si mesmo, assim ao chamar os espectadores de um jogo de futebol de torcedores é algo que só pode ser entendido quando se levam em conta todas essas importantes conotações sociais do esporte no Brasil. Para o autor, o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte (como uma atividade individualizada com conotações específicas), mas também como um jogo a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações sociais. O futebol deve ser visto como “um fato social total”, conceito forjado por Marcel Mauss<sup>3</sup> que traz a ideia de que o “fato” não pode ser

---

<sup>3</sup> Semelhantes modalidades de trocas aparecem como um fato social total que se revela a partir de duas compreensões do total: totalidade no sentido de que a sociedade inclui todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural,

analisado isoladamente, na medida em que o social só é real quando está integrado a um sistema. Para DaMatta, em sua visão, além de esporte, o futebol no Brasil constitui uma “verdadeira máquina de socializar pessoas”, “um sistema altamente complexo de comunicação de valores”, rico em imagens e mensagens representativas. Em sua “multivocalidade”, o futebol pode ser vivido e entendido simultaneamente de diferentes pontos de vista: ele é esporte e ritual, negócio e espetáculo prestando-se, assim, a variadas dramatizações.

A palavra esporte vem do inglês “sport”, termo importado da Inglaterra, desde o século XIX, por vários países, para denominar os seus passatempos, que, à medida que passaram a ser regulamentados por regras oficializadas, receberam essa denominação (ELIAS; DUNNING, 1992).

Alguns jogos coletivos ingleses, passatempos, foram *esportivizados* nos séculos XIX e XX, e são comumente tratados pela literatura como “esportes modernos”. Sendo assim, o futebol é um dentre os vários esportes modernos, porém com características bem peculiares, pois foi esse o esporte que mais aceitação teve dentre os povos do mundo inteiro, sendo até hoje o mais praticado em diversos países, contando com importantes competições internacionais (HELAL; LOVISOLO, 2001).

Esta *esportivização* na Inglaterra teve uma grande relação com as mudanças sócio-políticas que vinham ocorrendo no país desde os finais do século XVI. Os anos intermediários entre os Séculos XVI e a metade do Século XIX foram de muita violência entre facções de proprietários rurais ingleses. Segundo os relatos de Elias e Dunning (1992), os problemas entre famílias e proprietários eram sempre resolvidos através da força física, assim como as vinganças pelas perdas de pessoas queridas.

Fatos bastante distintos do que passaram a ocorrer na sociedade inglesa com o advento da Revolução Inglesa e a implementação da Monarquia parlamentar, verificada especialmente no

---

política, religiosa, entre outros, sem haver nenhuma hierarquia prévia que justifique uma economia natural que precederia os demais fenômenos sociais. Totalidade, também, no sentido de que a natureza desses bens produzidos pelos membros das comunidades não é apenas material, mas também e sobretudo simbólica. Mauss no momento em que ele sustenta a ideia de sociedade como um fato social total e a dádiva como uma regra moral que se impõe à coletividade; de outro lado, ele escapa à tirania deste pensamento de totalidade ao observar que a experiência direta e interindividual reorganiza o sentido e a direção do bem circulante, refazendo as estruturas e funções estabelecidas. Nesse caso, temos que admitir que as partes, isto é, os membros da sociedade possuem características peculiares que escapam à obrigação moral coletiva. Ao definir a sociedade como um “fato social total”, Mauss compreendeu que a vida social é essencialmente um sistema de prestações e contraprestações que obriga a todos os membros da comunidade. Mas entendeu, também, que essa obrigação não é absoluta na medida em que, na experiência concreta das práticas sociais, os membros da coletividade têm uma certa liberdade para entrar ou sair do sistema de obrigações – mesmo que isto possa significar a passagem da paz para a guerra. “Os fatos que estudamos são todos, permita-se nos a expressão, fatos sociais *totais* (...) todos esses fenômenos são ao mesmo tempo: jurídicos, econômicos, religiosos e mesmo estéticos, morfológicos etc. (...) são, portanto, mais do que temas, mais do que elementos de instituições, mais do que instituições complexas, mais até do que sistemas de instituições divididas, por exemplo, em religião, direito, economia etc. São „todos”, sistemas sociais inteiros cujo funcionamento tentamos descrever” (Mauss, 2003, p.309).

século XVIII. As discussões e lutas que eram travadas no campo, através da força física, passaram a ser de responsabilidade das cortes, onde havia espaços para as discussões e as defesas de maneira “mais civilizada”, ou melhor, sem o apelo a violência física. As cortes tornaram-se assim as mediadoras e grandes responsáveis pela resolução de problemas políticos e sociais. Aliás, é importante ressaltar que a centralização do controle da violência na mão do Estado, retirando dos indivíduos e passando para o poder público é uma das características centrais da teoria do Processo Civilizatório.

A Teoria do Processo Civilizatório apresenta como uma de suas categorias de análise as cadeias de interdependência configuradas a partir das relações estabelecidas entre indivíduos e grupos sociais. Nesta análise teórica, as mudanças ocorridas nas cadeias de interdependências na Inglaterra nos diferentes períodos históricos fez com que se alterasse o padrão das ligações sociais, no sentido das ligações segmentares para as ligações funcionais. Para demonstrar isso, Dunning:

(...) esta faceta do processo como um aspecto no decurso do qual ligações „segmentares“ foram gradualmente substituídas, cada vez mais, por ligações „funcionais“. No centro desta transformação encontrava-se um processo em que o significado dos laços de família outorgados e de residência se tornava sucessivamente menor, enquanto o dos laços adquiridos, determinados pela divisão do trabalho, se tornava gradualmente mais importante (ELIAS;DUNNING, 1992, p. 339).

De acordo com o esquema do autor, apreende-se que as relações sociais, na sociedade inglesa medieval, eram baseadas em ligações segmentares, e as atuais são baseadas em ligações funcionais. O significado dos laços de família, de residência e de localidade vinham se tornando sucessivamente menores, enquanto o significado dos laços adquiridos, determinados pela divisão do trabalho, tornaram se gradualmente mais importantes, representando a transformação de um tipo de ligação social com tendência para a violência emocional e afetiva, as ligações segmentares, para um tipo de ligação social com elevado controle individual e coletivo da violência, as ligações funcionais, com tendência de utilização da violência racional.

Vários fatores contribuíram para essa mudança, dentre eles o contínuo crescimento econômico da Inglaterra no século XIX, e a competência do Estado no controle e monopólio da violência, tornando assim o Estado inglês a única instituição responsável por esse controle (ELIAS, 1994). Elias ainda acrescenta que para o sucesso disso foi necessário um alto grau de controle individual e dos grupos sociais, no que diz respeito a não utilização da violência física. Contando com um alto grau de *autocontrole*, categoria demonstrada na teoria do processo civilizatório<sup>4</sup>, que

---

4 O processo civilizador é um conceito que versa sobre a historicidade do processo de mudanças das sensibilidades dos grupos sociais em longos períodos. Essa ideia de constrangimento interno e externo aos indivíduos ou grupos é central no conceito e na percepção da existência de códigos de conduta e sensações chancelados socialmente, que estimula o juízo de valor social dos indivíduos. Esses constrangimentos versam, sobretudo, o uso da violência, podendo ser

foi elaborada por Norbert Elias a partir de observações, de longo prazo, das sociedades europeias e que, ainda hoje, é considerado um processo em contínua construção.

Sendo assim, para Elias existiria uma espiral de evolução, modelo apresentado em O Processo Civilizador; no entanto, não prevê um dia em que se alcançará o fim da violência na sociedade. Nesta análise, existe a percepção de que as determinações externas de controle da violência, bem com a internalização dessas normas pelos indivíduos, são condições fundamentais do processo histórico de complexificação das sociedades (ELIAS, 1994).

Este processo de complexificação das sociedades pode ser compreendido no sentido que preconizava Durkheim, marcando a transição do tipo de solidariedade mecânica para a solidariedade orgânica, a primeira como modo de vida em que os grupos sociais são menores, mais isolados e que a divisão social do trabalho é encontrada voltada a uma gama menor de tarefas, uma divisão do trabalho rudimentar, e a segunda como parte das sociedades contemporâneas, complexa, em que as relações entre os indivíduos encontram sua lógica na necessidade recíproca que a divisão social do trabalho impõe nessas sociedades. Elias se relaciona diretamente com Durkheim ao entender que as cadeias de interdependência são processos de aproximação entre os indivíduos, situação que se expande nas sociedades urbanas, pois nesses espaços de mútua sobrevivência e mesmo do desfrute das potencialidades da sociedade só podem existir quando os indivíduos contam um com o trabalho do outro de modo direto ou indireto (DURKHEIM, 1995; ELIAS, 1994).

Como já observado anteriormente, Elias e Dunning (1992) tomaram como tema de análise e objeto de suas pesquisas as sociedades modernas, a gênese do esporte moderno e o seu desenvolvimento. Apontando principalmente o aumento do significado social do esporte ao longo dos séculos XIX e XX e constatada a importância alcançada pelo futebol e a violência relacionada a ele no transcurso do Século XX, o reforça como importante objeto de estudo.

Neste aspecto podemos entender o futebol e o esporte para a sua funcionalidade na sociedade, pois quando se acredita que eles têm apenas o papel secundário, de tão somente proporcionar às populações uma prática física que visa manter a saúde e a qualidade de vida, muito semelhante e próxima ao sentido que lhe fora conferido no início do século XX quando da sua popularização, seria cair em uma explicação simplista. Esta hipótese se mostra em absoluto equivocada, pelo simples fato de que os esportes não atraem somente praticantes, mas também espectadores, o que no Brasil costumou-se chamar de torcedores. Elias nos esclarece que a função

---

estendidas a ambientes públicos como nos privados e o controle dos sentimentos, que passam da frequente externalização das vontades para o comedimento. Elias identificou que as sociedades analisadas ao longo dos séculos desenvolveram representações sociais negativas, uma moral e leis que se não impediam os atos violentos, o vendo de forma condenável que os tornavam repugnantes, regrados e determinavam espaços em que pudessem acontecer mediante normas específicas.

de manter a saúde é nada mais que um aspecto complementar, pois o principal sentido do futebol seria a função social que ele cumpre. O descobrimento deste aspecto pelos autores nos revela características do esporte e de outras formas de lazer que não tinham sido descobertas ou observadas até o momento. Entendendo assim que o esporte, na concepção do autor desempenha a função de produzir satisfação, de liberar pulsões e tensões, que se as pessoas envolvidas na prática esportiva forem capazes de controlar seus impulsos libidinais, afetivos e sociais de forma espontânea, observando assim o êxito do processo civilizatório, este que depende até certo ponto de um autocontrole individual, nem muito forte, mas também tão debilitado. Elias e Dunning (1992) entendem que quando o autocontrole é fraco, torna-se inviável para prática esportiva, pois o indivíduo pode desenvolver sentimentos como ódio contra os outros competidores ou mesmo contra os atletas que compõem sua própria equipe, casos de elevada excitação, que são considerados anormais na sociedade moderna. Por outro lado, pessoas que exercem sobre si mesmas um controle muito elevado das pulsões, não podem se enquadrar como praticantes das modalidades esportivas, uma vez que a própria competição impõe um caráter de oposição e conseqüente rivalidade entre adversários, inadequado para quem exerce um forte autocontrole (ELIAS; DUNNING, 1992).

Elias, em momento algum, nega que os indivíduos sempre tiveram um autocontrole, apenas debate como esse conceito vai se reformulando e sofrendo mudanças ao longo do tempo, como ele é essencial para a formação das sociedades, assim como da consolidação dos esportes e suas contribuições.

O futebol, para que se desse como efetivo seu processo de *esportivização*, algo se faz muito necessário, o surgimento dos Clubes, que ainda no início desta atividade esportiva eram apenas associações de cavalheiros, onde se discutiam, delimitavam e reconheciam regras para sua prática. Se analisarmos o contexto brasileiro, verificamos que não foram criados clubes, simplesmente os clubes que já existiam apenas incorporaram o futebol em seu leque de atividades sociais que eram praticadas.

Os times de futebol eram todos partes dos tradicionais clubes sociais que também promoviam outras atividades esportivas, sociais e recreativas. Essa estrutura permanece até hoje, haja visto que a maioria desses clubes ainda tem regatas, basquete, voleibol, natação, tênis, etc. Porém, o futebol tornou-se o esporte que dá prestígio e reconhecimento ao clube. (HELAL, 1997,p.46)

A partir do momento em que os clubes começam a se enfrentar, fez-se necessário o surgimento e a padronização de regras, bem definidas para manter o equilíbrio das forças, surgindo então as Associações, que formulam regras que serão pacíficas a todos os clubes e jogadores, garantindo segurança para a figura do árbitro. Assim, quando acontece o acordo sobre regras relacionadas aos esportes, passou a se necessitar de um órgão fiscalizador responsável pelo cumprimento de todas as normas acordadas, momento em que entram em cena os árbitros e fiscais de futebol.

No entendimento de Elias e Dunning (1992), o acordo dos clubes sobre as regras é um nível superior de integração, parte insofismável do processo de mudança das cadeias segmentares às funcionais. Se estas regras não forem satisfatórias a todos os clubes e jogadores, o esporte passaria a correr o risco de estar comprometido. Estabelecendo assim acordo para alterá-las quando este for do agrado de todos os clubes, esta sim certamente foi uma condição de importância fundamental para que os jogos ou passatempos se tornassem esportes.

O primeiro clube inglês de futebol surgiu em 1857 e, por volta de 1863, fundou-se na Inglaterra a “Football Association”, responsável até hoje pelo futebol inglês, e que codificou e normatizou o futebol naquele país, possibilitando, assim, a ampliação de disputas entre regiões, pois até então os jogos ocorriam apenas em regiões que eram ligadas entre si (REIS, 2003), ou seja, através do processo civilizatório que exigiu dos indivíduos a reformulação do autocontrole, a padronização de regras e a troca das relações segmentares pelas funcionais os passatempos se tornam esportes, e o futebol pode ser entendido como o caso mais bem acabado deles.

Os primeiros países, contaminados por este novo tipo de lazer, foram os europeus, até mesmo pela proximidade geográfica com a Inglaterra. Foram também os primeiros países a constituírem suas federações de futebol, um marco importante para a compreensão da sociogênese do esporte moderno. A expansão do futebol aos países europeus, que se deu de forma concomitante ao seu processo de profissionalização, levou consigo os elementos constitutivos do jogo, sua linguagem, sua forma de organização, e também o hábito de terem adeptos assistindo aos jogos, aqueles que, atualmente, são chamados de torcedores. O futebol constrói, desse modo, seus principais elementos: as regras padronizadas, a forma de disputa, os clubes, os dirigentes (a “cartolagem”) e a torcida. Há registros de que, na última década do século XIX, na Inglaterra, havia clubes que cobravam ingressos para se assistir às partidas (REIS, 2003). Era o surgimento do esporte espetáculo.

O significado social dos esportes se acentua na medida em que o envolvimento com eles se dá de forma cada vez mais séria. Dunning entende que o aumento do significado dos esportes teve a contribuição de três aspectos inter-relacionados. Ele enumera:

- 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação colectiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 322-323)

Outra característica fundamental dos esportes modernos é que, no decorrer do século XX, essas práticas físicas altamente controladas através das polaridades são convertidas em representações simbólicas de competições não violentas, não militares que, dentro de sua prática,

exclui até onde é possível, sem comprometer sua competitividade, todas as formas de violência que podem pôr em risco a integridade física dos praticantes (ELIAS; DUNNING,1992).

As torcidas sempre tiveram um espaço privilegiado dentro das discussões e análises da sociologia esportiva, os *hooligans*, por exemplo, foram e são até hoje objetos importantes de frequentes estudos na nossa área. Eles podem ser entendidos como um grupo de fanáticos que, ao encontrar torcedores adversários ou polícia, travam um confronto direto, dentro ou fora dos estádios, muitas vezes utilizando-se de armas (SMOLIK, 2004). O termo *hooligans* parece ser uma adaptação de “Houlihan”, família de origem irlandesa reconhecida como responsável por diversos distúrbios em Londres, nenhum deles referente ao futebol<sup>5</sup>.

Proferir palavrões e utilizar-se de um comportamento agressivo faz parte do comportamento dos *hooligans*, que possuem em seus adeptos aqueles que vão aos jogos simplesmente com o intuito de promover desordens e causar transtornos, tributários de uma história de violência. Segundo Elias e Dunning o policiamento foi introduzido nos jogos de futebol para impedir a atuação dos *hooligans*, esses então deslocam os confrontos para fora do estádio, bairros, metrô, enfim, qualquer lugar onde possa estar a torcida rival há grande probabilidade de início de briga, muitas vezes a imprensa brasileira tem a tendência de generalizar o comportamento violento de torcedores como *hooliganismo*.

Deste momento em diante é que tais grupos, não apenas ganham visibilidade social, mas também se tornam foco das atenções acadêmicas. Os estudos acadêmicos realizados na Inglaterra vão procurar caracterizar o *hooliganismo* como um fenômeno originário da classe operária e típico do comportamento masculino destas classes. Irão encontrar sinais de violência entre os torcedores de futebol desde a época da fundação da *Football Association* e tematizarão a violência atual como expressão da estrutura social inglesa.

Dunning entende que o *hooliganismo* é um conceito que supera as barreiras nacionais, geográficas, temporais e principalmente as culturais, podendo ser utilizado para elucidar as relações violentas dos torcedores em todos os países onde o futebol é elemento de relevância na cultura local, pois o autor identifica uma recorrência de lógicas, determinações e comportamentos que, em sua visão, são adequadas à análise de todos os casos de violência.

Como já fora dito anteriormente, os *hooligans* são objetos de análise para muitos

---

<sup>5</sup> De acordo com Joseph Smolik : “Football hooliganism is a concept used to describe asocial and anti-social activities by fans of individual football clubs. Hooligan itself appeared in the 19th century in London after an Irish immigrant family called Hooligan or Houlihan. The concept was later used as a general description for any criminal or disorderly conduct. Football and hooliganism have been linked since the sixties, when it was necessary to name this new manifestation at English stadiums. Modern football hooliganism was formed and influenced by some sub-cultures of this period (mods, bootboys, skinheads etc.)” (cf Bastl 2001; Mareš 2001; Mareš 2003; Smolík 2001; Beyer 2002; Mareš, Smolík, Suchánek 2004).

estudiosos, que buscaram entender de que maneira houve a propagação desse fenômeno, por vezes considerado avassalador. Para Murphy, Willians e Dunning, em *O Futebol no Banco dos Réus* (1994), uma minoria de torcedores parece copiar sem restrições o comportamento dos *hooligans* ingleses, formando frequentemente grupos de forma similar ao ponto de usarem nomes tipicamente ingleses. Em suma, no entendimento desses autores é que assim como o futebol que, como prática esportiva, sai da Inglaterra e chega ao resto do mundo, o *hooliganismo* futebolístico também seria assim uma “exportação” inglesa. Os autores afirmam que as manifestações violentas que acontecem no mundo do futebol são reproduções do comportamento dos *hooligans* ingleses, mas devemos ter muito cuidado ao levar isto em consideração, já que cada sociedade possui cultura e característica própria, seus mitos, sua história, símbolos, o que as fazem únicas em sua maneira de ser, e de que forma são representadas por seus integrantes. Crenças, costumes, hábitos e relacionamentos são particularidades de cada sociedade, portanto recomenda-se muita cautela ao afirmar ou mesmo caracterizar as ações violentas ocorridas no futebol mundial como consequência das atitudes tomadas pelos torcedores ingleses, correndo assim risco de cair em uma interpretação simplista. Não podemos igualar os *hooligans* aos torcedores organizados brasileiros, pois cada um desses grupos tem particularidades semeadas a partir das características de seus países de origem, no qual o próprio esporte em si desenvolveu-se de forma particular e única. Mas também não devemos negar ou mesmo afastar importantes aspectos observados pelos autores que nos dão pistas para entendermos a nossa condição específica.

Então, o conceito de *hooligans* dificilmente pode superar peculiaridades das conformações culturais de cada região em que encontramos episódios de violência relacionados ao desporto, as modificações sociais proporcionadas pelos diferentes tempos históricos e a particularidade de cada cultura e ambientes, que encontram especificidades mesmo dentro de cada país, assim como especificidades em cada região dos mesmos. Pensar sobre os *hooligans* é pensar sobre torcedores violentos, mas há diferenças determinantes entre os torcedores violentos, suas condutas, anseios e espaços que ocupam na sociedade, por isso a impossibilidade de enquadrá-los todos sob o mesmo conceito. A violência de torcedores organizados não necessariamente os fazem *hooligans* como o senso comum nos leva a crer.

É num ambiente onde o monopólio da violência pelo Estado, e o autodomínio das pulsões já fazem parte do cotidiano da população que o futebol é criado na Inglaterra. Encontrou repercussão e rápida disseminação nos grupos e classes populares, condição necessária para a massificação de praticantes e públicos, o que proporcionou a sua profissionalização, termo que vai encontrar distintos significados entre os países e épocas para esse esporte. É nesta incipiente profissionalização do futebol inglês que Eric Dunning vai identificar os primeiros *hooligans*.

Com grande incentivo por parte da mídia, responsabilizada pela grande atenção que deu ao fenômeno, estes grupos de jovens tiveram sua imagem associada aos grupos nacionalistas e xenófobos. Estes últimos vislumbraram no comportamento torcedor *hooligan* a possibilidade de divulgar suas mensagens por todo o território nacional inglês e, também, pelo continente europeu.

Como se pode concluir, na Grã-Bretanha e talvez em particular na Inglaterra, o hooliganismo futebolístico está relacionado, numa forma complexa, com a estrutura de classes. (...) Se estamos certos, o hooliganismo é, nas suas origens, a consequência dum complexo enraizado ou de características da configuração sócio-cultural, mais especificamente numa velha sub-cultura masculina predominantemente, mas não exclusiva, das classes baixas. É uma sub-cultura que exalta noções muito estreitas, rígidas e exclusivas de regionalismo, comunidade e nação, noções estas que envolvem um misto ambivalente de desprezo por e medo de tudo e todos os que sejam “diferentes”, “estrangeiros” e “estranhos” (...) crescente envolvimento dos partidos políticos nacionalistas e extremistas no problema do hooliganismo futebolístico em Inglaterra, fenómeno cujos começos poderão ser situados em finais da década de 70. Estes partidos foram atraídos para o futebol não só porque o viam como um contexto potencialmente frutuoso para o recrutamento de novos militantes, mas também porque as deslocações a jogos no estrangeiro proporcionava oportunidades de difusão – através do combate aos “inimigos estrangeiros” – das suas ideias sobre a “supremacia inglesa” (MURPHY; WILLIAMS; DUNNING, 1994, p.16-17).

Dunning ainda nos traz importantes contribuições à compreensão das sensações desencadeadas pelos atos de violência. Esta excitação prazerosa provocada pelo caráter catártico e mimético do esporte, de sua prática e da condição torcedora, proporciona aos indivíduos vivenciarem sensações cada vez mais raras na vida cotidiana. Frente a uma sociedade processualmente mais controlada, por meio do autocontrole individual e o controle dos aparelhos de Estado, a *catarse*, termo apropriado pelo autor e por Elias a partir da obra de Aristóteles, seria a oportunidade de, a partir do embate competitivo com o outro, condição para o futebol, produzir e liberar tensões, seja durante a prática ou no ato de torcer, trazendo consigo uma adesão sentimental que pode ser interpretada como uma imersão no jogo. Tem-se a tensão, mas também as regras que determinam os modos como ela pode ser exposta, regras do jogo e regras da sociedade. Eles estabelecem o conceito de *descontrole controlado* que serve, conforme os autores, como espaços ou situações específicas do descontrole agradável e controlado.

A *busca da excitação* é uma forma de procurar alívio da repressão social; ela acontece no tempo livre, durante o ócio ou no lazer. Neste caso, o lazer é definido como o processo amplo de criação de laços sociais e interdependência, diferente, por exemplo, do mundo das obrigações sociais como escola, trabalho, família, onde ocorre esta repressão. No lazer, as formas de relação não são sistematizadas ou definidas de antemão como no trabalho, no lazer, concebido pelos autores como sendo a busca de um descontrole medido, isto é, estes descontroles descritos anteriormente são, até certo ponto, permitidos ou ainda esperados.

Elias e Dunning afirmam que os momentos de lazer, ou de explosão das pulsões, não

podem abalar o processo civilizador das sociedades complexas, porque o próprio momento de exteriorização das repressões é uma construção deste processo, ou seja, de maneira geral, eles entendem que a busca da excitação é uma necessidade social e faz parte da formação das sociedades complexas, sendo assim necessária. O lazer é um facilitador para a incorporação das normas, porque se não houvesse o alívio das repressões, ocorreria uma implosão interna, que levaria a uma instabilidade social muito mais ampla.

O termo utilizado por Elias e Dunning (1992) para definir o estado de explosão eufórica da neurose é *mimese*, e as atividades que liberam as pulsões são miméticas. O termo refere-se ao fato de que, em contextos miméticos, as emoções adotam uma “coloração” diferente. Nestes contextos, as pessoas podem experimentar sentimentos fortes sem correr os riscos geralmente relacionados ao despertar emocional. Em contextos miméticos, a excitação prazerosa pode ser mostrada com aprovação social e sem ofensa à consciência individual, desde que não passe de limites específicos.

Os autores apropriam assim discussão de Aristóteles sobre a *catarse* da tragédia grega para legitimar o conceito de *mimese*. A *catarse* é um processo de envolvimento coletivo dentro do teatro grego, onde os indivíduos exteriorizariam, nestes espaços, seus desejos, suas emoções e euforias. Os autores apresentam uma pequena lista de atividades de lazer que pertencem à categoria mimética, tais como a ida ao teatro ou a um concerto, às corridas ou ao cinema, à caça, à pesca, etc. Porém, é no estádio de futebol que a *catarse* se expressa no seu apogeu, levando pessoas que nunca se permitiram xingar alguém a se liberar das amarras sociais. A massa eufórica serve como máscara social do sujeito que se esconde atrás de um símbolo (time de futebol, Torcida Organizada), onde o grupo se apropria coletivamente do papel de torcedor, esquecendo todas as outras posturas sociais, como pai, filho, marido, trabalhador. Dentro do estádio, existe um reconhecimento no outro, que é delimitado pelo próprio estádio. O lazer funciona como estimulação social, enquanto fonte fundamental da atividade de *mimese* e, por consequência, do prazer. A estimulação agradável deste gênero, que se percebe por estar reunido com outros, de fato ou por meio da própria imaginação, é um dos elementos mais comuns da satisfação nas atividades de lazer. Como jogo, a sua estrutura permite uma contínua e renovada geração de níveis de tensão-excitação. Muito apreciada tanto pelos jogadores como pelos torcedores, esta tensão-excitação se assenta no fato das partidas serem grandes „simulacros de batalhas“ travadas com uma bola, autênticas lutas físicas entre dois grupos sujeitos a regras que permitem o despertar das paixões ao mesmo tempo que nem sempre as controlam.

Encontra-se a possibilidade de burlar, ou melhor, ressignificar determinadas normas sociais, como a utilização de palavrões, a violência exercida por meio de gritos de guerra e ameaças ao torcedor adversário, mas mantém-se a certeza de que o embate físico significa ultrapassar as

barreiras do aceitável mesmo que seja na arquibancada de um estádio, espaço que é tomado socialmente como de maior liberdade e permissividade a atos ilícitos ou mal vistos socialmente, ou seja, uma *zona livre*. “O esporte é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja uma montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos”. (ELIAS, DUNNING, 1992 p.84)

Sem a pretensão de levantar uma discussão sobre a definição de lazer, vale lembrar a relação estabelecida por Elias e Dunning entre lazer, excitação e tensão no cotidiano das pessoas:

De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a um nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 137, 138).

É possível perceber, por outro lado, que as explosões fortes e apaixonadas nos estádios de futebol, que muitas vezes geram a violência, também podem estar ligadas ao fato de uma partida de futebol, na sua concepção, remeter, como já foi observado, a uma batalha, na qual os adversários ficam em cada lado do campo, no caso, o perímetro do jogo. As equipes adversárias simulam situações de ataque e defesa semelhantes às batalhas campais. Essa análise pode ser exemplificada pelos comportamentos e atitudes de torcedores *hooligans* (ELIAS, DUNNING, 1992).

Violência que geralmente ocorre entre torcedores de times rivais, dentro ou fora dos estádios, e que pode ser tanto simbólica, através de cantos e gestos obscenos, por exemplo, quanto física, através de invasões de campo, confrontos diretos, bombardeios aéreos com pedaços de concreto, assentos quebrados, rojões etc. (DUNNING, MURPHY, WILLIAMS, 1992).

Tomando para nós a linguagem torcedora, podemos perceber que diversas letras de músicas entoadas pelas torcidas estimulam a violência e possuem alta conotação violenta, exaltando qualidades viris de seu time e ou torcida, assim como menosprezando o adversário com diversas formas de ofensa, na maior parte dos casos questionando a sua virilidade. Podemos, assim, caracterizar o futebol como sendo um ambiente masculino e machista (ELIAS, DUNNING, 1992; TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; REIS, 1998). Estas músicas servem também como ameaça, além de demonstrarem vanglórias por vitórias passadas contra os rivais (ELIAS, DUNNING, 1992; TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; REIS, 1998).

Heloísa Reis observou a predominância de agressões simbólicas no ambiente do estádio, gestos, xingamentos e cantos em determinados momentos. A predominância deste tipo de violência acontece por esta ser “(...) legítima, está de acordo com regras normas e valores socialmente

prescritos e aceitos.” (REIS, 1998, p. 104). No estádio de futebol, existiria a instauração de uma ordem diferente da cotidiana, no qual boa parte do que é entendido como “bons costumes” está momentaneamente suspenso, o descontrole agradável, em que, por exemplo, falar palavrões é aceitável e desculpável, uma zona livre (TOLEDO, 1996; REIS, 1998; ARCHETTI, 2003).

As músicas acabam desempenhando uma função de diálogo entre diferentes grupos do estádio. Esta forma de manifestação é bastante recorrente em meio das Torcidas Organizadas; entretanto, os torcedores comuns também utilizam deste expediente (REIS, 1998). Luiz Henrique Toledo, ao estudar as Torcidas Organizadas, percebeu e classificou os palavrões e cantos em quatro tipos: *autoafirmação*, *incentivo*, *intimidadores* e *de protesto* (TOLEDO, 1996). Para Reis(1998), o problema central da linguagem como forma de violência é que a alta quantidade de violência simbólica presente nos cantos das torcidas, bem como nos estádios, pode em algum momento migrar do campo simbólico e gerar violência real. Para a autora, a violência real pode ser estimulada pelo consumo de drogas lícitas e ilícitas, como, por exemplo, o álcool. Sob o efeito destas substâncias, há maior facilidade de adesão a comportamentos não comuns, como os violentos (REIS, 2005).

Dunning estabeleceu uma classificação de tipos ideais em relação às diversas formas de violência (simbólicas e reais) apresentadas no campo esportivo:

- Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física directa ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais;
- Se a violência apresenta a forma de um “jogo” ou “simulação”, ou se ela é “séria” ou “real”. Esta dimensão pode também ser apreendida através da distinção entre violência “ritual” ou “não ritual”;
- Se uma arma ou armas são utilizadas ou não;
- No caso de armas serem utilizadas, se os atacantes chegam a estabelecer contacto directo;
- Se a violência é intencional ou a consequência acidental de uma sequência de ações que, no início, não tinham a intenção de ser violenta;
- Se se considerar a violência iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta, sem retaliação a um acto intencionalmente violento, ou sem a intenção de o ser;
- Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infração dos padrões sociais aceites;
- Se a violência toma uma forma “racional” ou “afectiva”, isto é, se é escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização de um objectivo dado, ou subordinada a “um fim em si mesmo” emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceptualizar esta diferença seria distinguir entre violência nas formas “instrumentais” e “expressivas”. (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 330)

Ainda nesse contexto de consolidação do futebol e surgimento das torcidas, posteriormente o surgimento do *hooliganismo* e também num outro momento as Torcidas Organizadas, mas ainda

em Dunning, Williams e Murphy nos trazem o conceito de *pânico moral*<sup>6</sup> para abordar o medo disseminado na sociedade inglesa relativa à violência e às classes populares. No pânico moral, as classes populares emergem como grupo pretensamente responsável pelo aumento dos fluxos de violência. A tese consiste na vinculação entre a promoção de um pânico moral instaurado na sociedade com a crise do capitalismo. Os *hooligans*, descritos como indivíduos desempregados e indisciplinados, lumpemproletariado<sup>7</sup>, serviriam de pretexto para uma política autoritária e populista por parte do Estado na condução dos problemas sociais. Esse juízo não encontra base teórica ou mesmo empírica para sua afirmação, mas explica a atual elitização pelo qual vem passando o futebol. Ao pensar o futebol inglês, os autores atribuem a dirigentes, políticos, e principalmente, aos jornais a irresponsabilidade do discurso de que vivemos na época mais violenta e perigosa da história da humanidade e neste caso, da relação entre jogadores dentro dos gramados e dos torcedores entre si, que se alimentava da presença cada vez mais ostensiva das classes populares nos ambientes públicos. Frente ao poder de ameaça representado pelas multidões, mesmo que em momentos de diversão, a necessidade de se transmitir valores e condutas era uma demanda de grande interesse às altas classes e aos governantes, vem o advento do relatório Taylor<sup>8</sup>.

Há autores que defendem que a violência é inerente ao futebol. Carlos Alberto Pimenta, por exemplo, afirma que o futebol não é acontecimento que proporciona alívio de tensões acumuladas, ele desconstrói o conceito de descontrole agradável. Para o autor, o futebol seria um carregador de tensões, facilitando o surgimento de um espaço potencial de agressividades físicas e verbais, tanto nas relações jogador/instituição como nas relações torcedor/espetáculo (PIMENTA, 1997).

O autor ainda revela que séculos antes de Cristo já havia indícios da prática no esporte e

---

6 Conceito utilizado por Dunning, Williams e Murphy para abordar o medo disseminado na sociedade inglesa relativa à violência e às classes populares. No pânico moral as classes populares emergem como grupo pretensamente responsável pelo aumento dos fluxos de violência, juízo esse que não encontra base teórica ou mesmo índices para sua afirmação. Ao pensar o futebol inglês os autores atribuem a dirigentes, políticos, e principalmente, aos jornais a irresponsabilidade do discurso de que vivemos na época mais violenta e perigosa da história da humanidade e neste caso, da relação entre jogadores dentro dos gramados e dos torcedores entre si, fato que corrobora com o afastamento dos torcedores dos campos de futebol.

<sup>7</sup> De acordo com o Dicionário Michaelis lumpemproletariado, lum.pem.pro.le.ta.ri.a.do (al Lumpenproletariat) Sociol Camada da sociedade, segundo a sociologia marxista, que vive em extrema miséria, e se dedica ao roubo e à prostituição. Sin: lumpesinato.

<sup>8</sup> O Relatório Taylor é um documento, cujo desenvolvimento foi supervisionado por Lorde Taylor de Gosforth, sobre as consequências e as causas da tragédia de Hillsborough, em 1989. Um relatório intercalar foi publicado em Agosto de 1989, e o relatório final foi publicado em Janeiro de 1990. Ele procurou estabelecer as causas da tragédia, e fazer recomendações sobre a prestação de segurança em eventos esportivos no futuro. Se provou equivocado ao culpar os torcedores pelo ocorrido, ver mais em:

<http://www.epcollege.com/EPC/media/MediaLibrary/Knowledge%20Hub%20Documents/F%20Inquiry%20Reports/Hillsborough-Taylor>

[Report.pdf?ext=http://www.epcollege.com/EPC/media/MediaLibrary/Knowledge%20Hub%20Documents/F%20Inquiry%20Reports/Hillsborough-Taylor-Report.pdf?](http://www.epcollege.com/EPC/media/MediaLibrary/Knowledge%20Hub%20Documents/F%20Inquiry%20Reports/Hillsborough-Taylor-Report.pdf?ext=http://www.epcollege.com/EPC/media/MediaLibrary/Knowledge%20Hub%20Documents/F%20Inquiry%20Reports/Hillsborough-Taylor-Report.pdf?)

que “os atos de violência são inerentes ao jogo e, talvez, pelo uso constante da violência entre os dois grupos de jogadores adversários, ele servia de preparação bélica” (PIMENTA, 1997). Pimenta defende que se os códigos da guerra e da morte estão aí presentes e se mantêm é porque de alguma forma comunicam com especial eficácia as percepções destes torcedores sobre o mundo em que vivem. Não basta dizer que os escolhem porque são violentos. Isto não explica o fenômeno, nem sua permanência, nem sua eficácia. É possível que através do futebol, os torcedores elaborem sentimentos, contradições, vivências que são ali ritualizados.

O estudioso argentino Pablo Alabarces (2000) critica as representações da violência em relação ao futebol por parte da imprensa argentina, mas sua crítica também é pertinente para a imprensa brasileira. Por um lado, as coberturas falam da violência através das metáforas biológicas, como se os torcedores fossem seres animalizados e, por outro, usam metáforas bélicas, chamando-os de criminosos: há uma “coisificação” do elemento torcedor. Segundo o autor, esses dois discursos da imprensa são paradoxais, posto que se a animalização e biologização extraem esse comportamento do campo racional, sua qualificação como uma conduta criminosa e bélica supõe uma racionalidade. Este mecanismo narrativo e estereotipador, presente nos meios de comunicação argentinos, também ocorre no meio jornalístico brasileiro, principalmente no que diz respeito às Torcidas Organizadas.

Alabarces (1999) afirma que os atos de violência assinalam a disputa pela identidade de um imaginário, tanto de um território simbólico, quanto de um território material. Disputa essa que, se por um lado é marcada pela sociabilização e identidade grupal, por outro, mostra-se através da negação do outro, da alteridade extremada, que é visto como inimigo e, não simplesmente, como o torcedor de um time adversário. Nesse sentido, ainda que o amor ao time apareça como o principal motivador pelo qual as pessoas se tornam membros das Torcidas Organizadas, muitos torcedores se percebem como tais não apenas pelo fato de torcerem por seus times, mas principalmente, por se sentirem adversários das torcidas de outros times e entram em uma disputa além daquela no campo. É como se um inimigo, um rival, fosse o fator discriminante de sua doação e afeto pelo time; de modo que, para muitos, o *status* e a importância de ser torcedor ocorre através desse mecanismo de diferenciação e, sobretudo, de negação do outro.

A identidade pode ser construída em função não apenas do pertencimento a um dado grupo, mas também pela sua diferenciação exacerbada através da rivalidade, muitas vezes elencada por atos violentos e destrutivos. Aplicando ao futebol brasileiro a análise que faz Alabarces no caso argentino, podemos dizer que as torcidas, de uma maneira geral, e as organizadas, de forma mais específica, colocam-se como defensoras da identidade de seus times tão abalados que estão pela “constante venda de seus jogadores, pela comercialização e descaracterização de suas camisas e do

seu próprio futebol, que visa menos o espetáculo do que o lucro da vitória, dos campeonatos milionários” (ALABARCES,1999). É como se essas torcidas, “pobres em mais valia econômica, mas ricas em mais valia simbólica” (ALABARCES,1999), reivindicassem para si os laços de uma identidade.

La continuidad de los repertorios que garantizan la identidad de un equipo aparece depositada en los hinchas, los únicos fieles „a los colores“, frente a jugadores „traidores“, a dirigentes guiados por el interés económico personal, a empresarios televisivos ocupados en maximizar la ganancia, a periodistas corruptos involucrados en negocios de transferencias. Las hinchadas desarrollan, en consecuencia, una autopercepción desmesurada, que agiganta sus obligaciones militantes: la asistencia al estadio no es únicamente el cumplimiento de un rito semanal, sino un doble juego , pragmático y simbólico”(ALABARCES, 1999, p.6-7).

Na experiência argentina, segundo Alabarces, o conceito de *aguante*, é fundamental para entender os embates violentos entre torcedores e destes com a polícia. Ter *aguante* é estar disposto a enfrentar os adversários de seu grupo de torcedores, jamais retroceder frente ao perigo, uma forma privilegiada de demonstrar virilidade e capacidade de suportar a dor “*tener aguante*” na linguagem local. Através de combates corpo a corpo, nos quais as armas de fogo são “proibidas” e os corpos dos combatentes são a única ferramenta de luta, apoiar os seus e manter uma ética do confronto, ter *aguante* é a condição para a manutenção da honra, do indivíduo, de sua torcida e também da equipe de futebol que representam.

Y es una ética, porque el aguante es ante todo una categoría moral, una forma de entender el mundo, de dividirlo en amigos y enemigos cuya diferencia puede saldarse con la muerte. Una ética donde la violencia, como dijimos, no está penada, sino recomendada. (ALABARCES, 2004p.64)

No sistema de relações do futebol profissional, conforme as observações de campo de Alabarces, a polícia tem papel fundamental. Tida como elemento de combate à violência, os torcedores violentos a interpretam como a mais violenta e a maior das torcidas, ou adversários. Vencer os policiais e tomar-lhes bens que façam referência à corporação, são situações que elevam a honra da torcida, e também são protesto e ataques ao Estado e ao descontentamento que este gera.

A la vez, la violencia nombra, por exceso, un reclamo: los pibes expresan, en cada aguante, en cada despiole monumental, la presencia de aquello que fue excluido, y en el desborde reclaman una nueva inclusión social. Desde ya que aquí el concepto de exclusión supera el límite de lo simplemente socio-económico: porque nuevamente, no se trata de pobres, o no en su totalidad. Se trata de actores expulsados de la educación o del trabajo, en muchos casos; pero masivamente, también son actores expulsos de un relato democrático, que habla de una sociedad justa, respetuosa, tolerante y abierta, que ciudadaniza y contiene. (ALABARCES, 2004 p.113)

Ter a consciência de que sua torcida ocupa um papel de destaque nos embates físicos é ter respeito frente aos adversários, status frente aos seus e o apressado das torcidas amigas ou aliadas. Os torcedores sabem, a partir da experiência cotidiana nas Torcidas Organizadas no Brasil, qual a capacidade e qual o “potencial” de cada torcida.

Reis e Escher (2006) entendem que o esporte é uma prática social contemporânea e, por isso, na medida em que compreende diferentes estruturas sociais, possui vinculação com as manifestações de violência. De acordo com Heloísa Reis, a violência é uma tendência mundial do futebol espetáculo, de certa forma também concordando com Murphy, Williams e Dunning, visto que muitos jovens buscam a excitação dos jogos para interromper a monotonia cotidiana. Reis explicita que o futebol contém uma carga de violência na própria dinâmica do jogo. A origem do futebol possui “(...) valores de masculinidade, valores exacerbados de virilidade, força e sobrepujança” (REIS, 2006, p.14). Desta forma, a violência faz parte do próprio contexto do futebol, assim como do contexto social, podendo ter graves e sérias consequências.

Rodrigo Araújo Monteiro, em seu estudo sobre a Torcida Organizada “Raça Fla”, do Clube de Regatas do Flamengo, *Torcer, lutar e ao inimigo massacrar, Raça Rubro Negra*, fruto da sua dissertação de Mestrado, corrobora boa parte dos elementos elencados acima. Ele nos demonstra os traços da cultura masculina e machista das torcidas jovens e de que maneira essa violência simbólica migra em alguns casos para a violência real. “(...) A violência, ritual ou real, não ocorre sem que nas relações pessoais se dê um incremento: a ascensão dos membros mais „viris“ e machos das Torcidas Organizadas em detrimento dos mais contidos e menos agressivos”. (MONTEIRO, 2003, p.71)

A consciência dessa lógica de pensamento, que ressalta a masculinidade existente nas torcidas e em diversos outros espaços sociais, faz com que, ao contrário do que as leis pregam, a violência seja uma característica positiva, que rende dividendos simbólicos ou materiais. Muito elucidativo sobre o *ethos* masculino das torcidas, a necessidade da manutenção de um comportamento masculinizante e também a cobrança que esse valor seja apropriado por tudo que diz respeito ao time, um exemplo em sua obra foi o tratamento dispensado à “Flagay”, torcida flamenguista formada por torcedores homossexuais, que pretendiam frequentar os estádios:

No final dos anos de 1980, surgiu nas arquibancadas do Maracanã um movimento de torcedores homossexuais do Flamengo, denominado Flagay, que reivindicava o direito de torcer pelo seu clube tal qual os outros grupos organizados. Tal movimento, no entanto, logo se tornou alvo de chacotas por parte das torcidas de outros clubes, de modo que os flamenguistas, sobretudo aqueles ligados à Raça Rubro-Negra e à Torcida Jovem do Flamengo, viram-se na obrigação de resgatar a sua „honra“. Assim, algum tempo depois, a Flagay deixou de aparecer nas arquibancadas, tornando-se apenas uma lembrança na

Para Heloísa Reis, alguns fatores externos podem contribuir para o surgimento da violência: a perda ou período longo sem títulos por parte do clube; comportamento dos jogadores dentro de campo; forma como a polícia intervém com a torcida e falta de infraestrutura dos estádios e do futebol em si (REIS, 2006). A autora também mostra que as principais causas do vandalismo relacionado ao futebol são: a existência de grupos fanáticos (identificação simbólica); as decisões de árbitros; as declarações de jogadores, treinadores e dirigentes; as notícias esportivas (meios de comunicação); os bolsões de marginalização social e econômica; a infraestrutura inadequada dos estádios; o consumo de bebidas alcoólicas; a massificação dos estádios; a falta de controle policial; a não aplicação de normas do esporte; a falta de educação social para o esporte; o sistema de venda dos ingressos; a forma de entrada nos estádios e o pânico (evento de multidão). Segundo Reis, a violência racional se manifesta quando os indivíduos ou determinado grupo têm a intenção premeditada de realizar confrontos violentos, planejando a forma como agredir o rival. Reis estabelece uma classificação de risco em jogos de futebol (REIS, 2006). A autora considera *jogos de alto risco*: jogos de fase decisiva de campeonato; com grande número de espectadores; com histórico de rivalidade hostil entre as torcidas e aqueles cujos estádios não possuem boa infraestrutura. A autora ressalta a pluralidade dos atores envolvidos na violência, observando que além dos atores ativos, que na maioria das vezes são os torcedores e os policiais, existem agentes que mesmo não sendo elencados a todo momento têm papel fundamental na dinâmica da violência em espetáculos futebolísticos. Assim, a autora nos mostra o papel de clubes, federações, proprietários e gestores dos estádios e legislativo, tanto responsáveis por propiciar ao torcedor condições salubres nos estádios, bem como garantir leis eficazes e sua aplicação, além do papel central de campanhas para a disseminação de uma cultura de paz no futebol que diminui a possibilidade de embates físicos.

Reis aponta que a violência no futebol possui razões sociais e que estas vão além da dependência da existência de Torcidas Organizadas, principalmente, quando o argumento utilizado, de forma subjacente, é a classe socioeconômica. As péssimas condições dos estádios, mídia, má organização esportiva e a ação policial também contribuem para a configuração da violência no futebol. A autora foge do lugar-comum a partir do qual são encaradas as Torcidas Organizadas:

As torcidas organizadas acabam, assim, preenchendo uma lacuna na sociedade, tornando-se um espaço de discussão política. Basta observarmos as situações que vivem os sindicatos e os partidos políticos, nos quais os jovens não conseguem encontrar espaço, e as escolas e universidades, que não conseguem mais congregar um grande número de alunos nos centros acadêmicos para abrigar esse tipo de debate.

Obviamente que os crimes e delitos praticados por membros de torcidas devem ser punidos

como qualquer outro indivíduo não associado deveria ser punido, porém a falta de leis específicas e a cultura de impunidade no Brasil dificultam enormemente a minimização da violência relacionada a espetáculos esportivos (REIS, 2010 p.22-23).

O termo **aventura** foi utilizado por Bernardo Buarque de Hollanda (2009), debatendo diversos pensadores sociais da humanidade, nos servindo de reflexão sobre as caravanas e a licenciosidade que os torcedores adotam em diversos momentos. Durante as viagens, a interpretação das torcidas é que todos os ambientes, como a estrada, postos de gasolina e restaurantes são do futebol; há uma expansão da zona livre, tal qual os estádios e suas cercanias, pela grande presença de torcedores e pelo conagraçamento que esses eventos proporcionam. Hollanda reforça a ideia de que infringir a lei e utilizar-se do expediente da violência nos ambientes do futebol parece ser menos sério do que se fosse em situações recorrentes da vida cotidiana. Para o autor, embarcar em uma viagem com a Torcida Organizada é enfrentar o novo, o desconhecido, as possibilidades de armadilhas das torcidas rivais, ser recebido e acolhido por seus aliados, e para isso é preciso estar sempre preparado, ou como Alabarces apreende a partir do cotidiano dos *hinchas* argentinos, ter o *aguante*.

As caravanas ainda servem como aglutinadoras sociais e momentos privilegiados para a construção de uma história coletiva das torcidas, em que a vitória do time mescla-se à aventura em desbravar novos ambientes e nos embates com os adversários locais e a polícia local, afinal cada polícia tem seu expediente, e conforme a lógica torcedora, apresenta um desprezo especial à torcida visitante, uma hospitalidade às avessas..

(...)Ao lado da violência, os apontamentos filosóficos de Simmel acerca da aventura foram o ponto de partida para a abordagem de uma segunda dimensão crucial na vida das torcidas organizadas: as caravanas de viagem.(...) Sendo o ato de viajar em grupo ainda uma novidade à época, decorrente da criação de um campeonato nacional que integrava os diversos estados do país, mostrou-se como a ampliação da escala e do circuito de enfrentamento entre os clubes implicou em uma maior estruturação das torcidas, a fim de acompanhá-los nas demais regiões do país. Tal missão peregrina, que tinha um aspecto altruístico e outro hedonístico, ensinava a interação com outros grupos de torcedores, acionando uma nova configuração das alteridades clubísticas e das relações inter-torcidas. As alianças entre as torcidas começaram a ser constituídas em um dualismo amizade-inimizade que variava ao sabor das recepções, se hospitaleiras ou hostis, bem como das circunstâncias da rivalidade entre os clubes ou ainda dos contatos pessoais entre as lideranças de cada torcida.(HOLLANDA, 2008 p.446-551)

O torcedor “organizado” se diferencia do comum, tanto em termos de uma autoimagem que faz de si, quanto o próprio conjunto de comportamentos que agrega como categoria social. Pimenta (1997) afirma que estudos pioneiros sobre torcidas de futebol no Brasil nos mostram o embrião dessas organizações na década de 1940, tendo como marco inicial desses movimentos as torcidas Grêmio São-Paulino, que segundo o autor teria sido fundada em 1939, e a Charanga<sup>9</sup> do

---

9 Reunião de torcedores em torno de um grupo musical que tocava marchinhas carnavalescas, promovendo verdadeiras festas nos estádios. A festa era promovida nas arquibancadas, com serpentinas e confetes.

Flamengo, que teria sido fundada em 1942. Este tipo de manifestação proliferou país afora, não sendo exclusividade de grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também em outros centros urbanos, enquanto o torcedor “comum” apareceu no Brasil junto ao advento do futebol em si. Pimenta (1997, 2004) também distingue o comportamento do torcedor comum daqueles pertencentes às Torcidas Organizadas. O torcedor comum não demonstraria, segundo o autor, tanta paixão e dedicação ao time quanto o associado às Torcidas Organizadas, embora nos estádios, mesmo que fisicamente separados, cantem juntos as mais variadas canções e haja a reprodução de violência simbólica, apesar de alguns torcedores não filiados evitarem entoar melodias e refrãos típicos das Torcidas Organizadas, ou que exaltam a violência, esses dois grupos têm em comum formas comportamentais de comemoração e também de reclamações. Na Torcida Organizada destaca-se e toma vulto o movimento social de jovens em torno dessa organização, que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano. Enquanto o torcedor comum é mero espectador numa partida, terminando o compromisso assim que termina o jogo, o “torcedor organizado” considera-se parte, quando não o próprio espetáculo.

Ainda para Pimenta (1997), o torcedor expressa no grupo sua masculinidade, seus sentimentos de solidariedade, de companheirismo e de pertencimento a esse agrupamento; nesse agrupamento, ele assume a identidade do coletivo, relevando seus próprios valores em nome de algo considerado maior que ele mesmo, ainda que o autor tenha uma visão negativa das Organizadas.

Pimenta (1997, 2004), diz também que nas Torcidas Organizadas se encontra uma estrutura típica do exército, com um espaço institucionalizado, que segundo o autor tem inclusive com firma reconhecida em cartório, hierarquia, controle, disciplina, regras de conduta e relações burocráticas.

À medida que ocorre o aumento dos atos de violência e das mortes em decorrência da ação das organizadas, cresce o número de jovens filiados a essas torcidas, atraídos pelo prazer proporcionado pela convivência com os membros e pela sensação de pertencer a um grupo aparentemente forte e coeso (PIMENTA, 1997 p. 28)

A diferença estabelece-se no fato de haver, nestes grupos de torcidas, eleições bianuais e pagamento de mensalidade pelos associados. Assemelha-se a outras relações sociais, nos quais o jovem também se sente acolhido, ouvido e respeitado, ainda que pratique a transgressão da ordem social estabelecida (PIMENTA, 2004)

Já Toledo (1996) e Hollanda (2009) afirmam que as Torcidas Organizadas surgiram nos anos 1940 e não as vê em de forma negativa. De acordo com esses autores, justamente devido à sua estrutura, tais torcidas possibilitavam a continuidade da identidade e dos sentimentos de unidade vivenciados pelos apaixonados do futebol e que antes se restringiam quase que exclusivamente aos momentos dos jogos, no qual se encaixa o torcedor comum. E isso começa a ser possibilitado com a

fundação, em 1940, da Torcida Uniformizada do São Paulo F.C, pelos chamados torcedores símbolo Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel e, em 1942, no Rio de Janeiro, com a fundação da Charanga do Flamengo por Jaime Rodrigues de Carvalho. De acordo com Toledo, essas torcidas tinham uma estrutura básica de organização, com o comando de uma só pessoa. Surge, então, a figura que ficou conhecida como “o chefe de torcida” (HOLLANDA,2009; TOLEDO 1996), que agrupava em torno de si dezenas de simpatizantes, sendo estes chefes vinculados aos clubes através de políticos, dirigentes ou funcionários.

Conforme Hollanda(2009), a diferença marcante entre as formas coletivas ou coletivizadas de se torcer no Rio de Janeiro e em São Paulo era, em primeiro lugar, a repercussão e a continuidade que as Charangas e as Torcidas Organizadas conseguiram na Guanabara; e em segundo lugar o perfil social desses torcedores que em São Paulo eram socialmente enquadrados como membros das camadas mais ricas da classe média e integrantes das altas classes, enquanto no Rio de Janeiro as torcidas advinham do esforço da baixa classe média, caso de Jaime de Carvalho, Dulce Rosalina da Torcida Organizada do Vasco (TOV) e dentre outros. Atraindo para seus grupos egressos dos mesmos meios sociais, no Rio de Janeiro deve ser mencionada também a imensa contribuição do *Jornal dos Sports* que, promovendo competições entre as torcidas, contribuiu em muito para a manutenção e o sucesso delas (HOLLANDA, 2009). Enquanto em São Paulo o que se tratava do divertimento predominantemente das elites, durante a década de 1940 e 1950, no Rio de Janeiro nasceu carnavalesco como vontade de um ideário popular. Entretanto, ambos os grupos são propedêuticos e suas representações são bem próximas do que é ser um torcedor de futebol neste contexto.

O aparecimento simultâneo de formas coletivas ou coletivizadas de torcer atendia aos imperativos de ampliação da integração, da coesão e da participação do público esportivo. Os seus representantes, agora denominados chefes de torcida, mediavam os interesses dos torcedores junto ao chefe de polícia dos estádios e passavam a ter responsabilidade de controle vis-à-vis daqueles atores emergentes no cenário futebolístico, uma amostra exemplar também da parcela significativa de setores populares que logravam visibilidade na vida nacional. Segundo a ótica dos meios de comunicação, havia uma preocupação crescente com a má educação nos estádios, ensejada por uma relação direta com o baixo poder econômico, o que gerava um empenho institucional na criação de formas de contenção no interior desses estratos da população e na deliberação de poder a esses indivíduos cuja conduta era vista como exemplar nas arquibancadas. (HOLLANDA, 2009)

É importante para o entendimento de parte dos discursos que buscam uma idealização do futebol e das Torcidas, utilizando como ferramenta a história, ao demonstrarem os períodos anteriores às Torcidas Organizadas como paraísos idílicos da paz e civilidade nos estádios dos bons costumes do torcedor e da presença de mulheres e crianças, não passam de simplórias romantizações. Portanto, mesmo que divulgadas de modo irrefletido por diversos agentes do futebol,

principalmente por parte de jornalistas e dirigentes, buscaram argumentar que os torcedores devem se organizar única e exclusivamente no objetivo de torcer e apoiar o time, tendo em vista adestrar e padronizar a uma única forma de conduta torcedora.

A nostalgia de um passado, uma era de ouro do futebol brasileiro, é um possível indicativo que marca o discurso sobre as torcidas. As representações de um passado idílico e romantizado parecem encerrados com o nascimento das torcidas jovens no Rio de Janeiro e Torcidas Organizadas em São Paulo. O aparecimento dessas novas formas de torcer em ambas as capitais e sua posterior disseminação por outras cidades mudou o caráter da torcida, impôs um novo modelo hegemônico de organizações de torcedores e foi um dos principais responsáveis por um novo *ethos* das organizações torcedoras, de embate à ordem social vigente, às diretorias dos clubes e de uma maior rivalidade entre as torcidas por novos e diversos capitais, gestados a partir da experiência das arquibancadas e das relações desses indivíduos na dinâmica das cidades (HOLLANDA, 2009). O torcedor processualmente passou da figura abnegada, que apoiava e vivia a emoções do seu clube com respeito e de modo familiar, para uma nova dinâmica, a partir do fim dos anos 1960, imputada às Torcidas Organizadas e Torcidas Jovens, que envolvia a violência e transformariam o estádio de futebol no espaço perigoso do desconhecido.

A “Gaviões da Fiel”, uma das maiores Torcidas Organizadas de futebol, foi fundada em 1969 depois de uma discussão com um dos dirigentes do Clube (TOLEDO, 1996). Essa nova torcida se caracterizaria por apresentar seus componentes de forma impessoal. Não são centradas na figura de uma só pessoa, como nas formas anteriores, são burocratizadas na sua estrutura organizacional, estatuídas, com presidente eleito para um período determinado, conselho deliberativo, diretoria e sócios, constituindo-se como uma empresa privada e sem fins lucrativos. Na concepção de Toledo, as Torcidas Organizadas vão conceber de outra forma o pertencimento clubístico. “As Torcidas Organizadas inauguram uma sociabilidade própria, regida por regras específicas de pertencimento, afinidade e oposição aos clubes e torcidas. Sociabilidade que também traduz a dimensão política da negociação, a hierarquia, conflito, prestígio e poder” (TOLEDO, 1996, p.112).

Na verdade, a partir do momento em que se constituem em empresa, elas acabam por acompanhar o processo de evolução que teria ocorrido com os clubes, mas teriam obtido um grau maior de autonomia em relação a eles, ampliando seu espaço de atuação, trazendo, para o dia a dia, uma rivalidade antes vista exclusivamente nos campos de futebol.

A visão de César (1981) , a partir de um viés estruturalista, é de que a torcida é um instrumento avançado de intervenção social, um dos poucos possíveis às classes populares frequentadoras dos “Gaviões da Fiel” no período; é um modo de expressão, seja da festividade, seja

do descontentamento com o Corinthians e também com a sua condição. Fazer parte de uma torcida, por ela bater e brigar, não é fim em si mesmo, mas uma prática social, modo de se reconhecer perante o mundo e de práxis do *corinthianismo* e de uma conduta dos “Gaviões da Fiel”.

Os Gaviões da Fiel nascem sob uma divisão que perdurou décadas e seus ecos ainda podem ser sentidos: a divisão entre uma cúpula diretiva de classe social mais elevada e maior vivência no sistema educacional, e uma base heterodoxa que vai incluir membros das classes populares, novos sócios com anseios diversificados em relação à torcida e jovens atraídos pela aventura de fazer parte dos Gaviões da Fiel (CÉSAR, 1981)

A partir do momento em que começam a despontar como temidas e violentas, podem tornar-se uma forma de cada vez mais atrair para seu interior um mercado consumidor, o jovem que está em busca disso. Jovens que buscam não só segurança e algo no que acreditar, mas identidade e visibilidade social. Um público consumidor não só de um produto expresso nos uniformes, bonés, camisetas, mas também do lúdico e todo imaginário construído pelo grupo (TOLEDO, 1996).

Toledo, analisando a evolução das Torcidas Organizadas, identificou e analisou alguns dos principais aspectos que constituem o modo de vida dos torcedores organizados. Foram relatadas determinadas práticas que, organizadas a partir da paixão por times de futebol, responderam a determinado padrão de sociabilidade, constituindo uma entre as tantas formas de interação sociais características em uma metrópole. Ele ainda enfatiza que “a condição de torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, sociabilidades e imagens que transcendem aquelas impostas pela ordem social cotidiana” (TOLEDO, 2000). Para esse autor,

a condição de torcedor de futebol é apenas mais um entre tantos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade. E, a partir dessa condição, existe a possibilidade de se pensar, através da maneira como a sociedade é classificada pela preferência por times e torcidas de futebol, sobre o modo de vida nela contido: (...) uma torcida organizada de prestígio é aquela que é notada pelos outros, isto é, xingada, odiada e vaiada, ou ovacionada e aplaudida pelos pares. (TOLEDO, 1996 p.77)

Tanto Toledo, como Pimenta e Reis observaram que a década de 1990 representou um novo momento das Torcidas Organizadas e consecutivamente da sua relação com clubes, polícia e justiça. O gradual aumento dos casos policiais que envolveram torcedores, o grande aumento do número de associados, nas capitais e no interior, por meio das sub-sedes; bem como o despreparo da justiça, polícia e organizadores do espetáculo para atuar de força preventiva e repressiva frente a essa nova realidade foram características do final do século XX.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os aspectos metodológicos do presente trabalho: o tipo de pesquisa realizada; o universo e a amostra utilizados para a pesquisa; a forma pela qual os dados foram coletados e tratados e, por fim, as limitações do método adotado.

### 2.1 – Tipo de pesquisa

Como o objetivo desse estudo foi compreender as características das relações políticas entre Torcidas Organizadas e diretorias de clube de futebol, este trabalho utilizou como método a abordagem etnográfica. O método etnográfico consiste em inserir o pesquisador no dia a dia do grupo pesquisado e assim contribuir para a explicação e compreensão das dimensões culturais, envolvidas em determinado fenômeno.

A etnografia permite que se compreenda o fenômeno dentro de seu contexto, permite interpretar o discurso, o comportamento, os rituais ou até mesmo a forma de consumo de uma determinada cultura, porque atua em estruturas sobrepostas de inferências e implicações, buscando conhecer além do que está na “superfície”.

Geertz (1989) busca explicar de que forma o método etnográfico se diferencia de outros no sentido de absorver e interpretar as questões culturais que servem não apenas como pano de fundo, mas como um emaranhado do qual não é possível escapar na avaliação do fenômeno. Ele utiliza como exemplo dois garotos que piscam rapidamente o olho direito, sendo um dos casos a consequência de um tique nervoso, e no outro, uma piscada conspiratória a algum amigo.

Analisando-os enquanto movimento, ainda que por meio de uma observação fenomenológica, são idênticos. Não seria possível detectar o que era tique, o que era a piscadela. Entretanto, sabe-se que são fenômenos totalmente distintos: um é consequência de uma disfunção física, enquanto outro é uma forma de comunicação. Importante, neste caso, é destacar que somente conhecendo o contexto e o investigando mais profundamente pode-se diferenciar um do outro e descrever os fenômenos com a riqueza necessária para que os conheça com propriedade.

O objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos dos quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como categoria cultural, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua

própria pálpebra. Geertz toma emprestada a noção de descrição densa do filósofo inglês Gilbert Ryle (1900-1973).

O caso é que entre o que Ryle chama de “descrição superficial” do que o ensaiador (imitador, piscador, aquele que tem o tique nervoso...) está fazendo (“contraíndo sua pálpebra direita”) e a “descrição densa” do que ele está fazendo (“praticando a farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento”) está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações culturais são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as forma zero de tiques nervosos as quais, como categoria, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra (GEERTZ, 1989, p. 17).

Quanto à natureza, a pesquisa que pertence ao campo das Ciências Sociais caracteriza-se como qualitativa por privilegiar a compreensão dos significados dos fatos, sem o apoio de informações estatísticas. Na pesquisa qualitativa é possível analisar pequenos grupos, procurando entender os fatos sem necessariamente mensurá-los. É uma modalidade essencialmente de campo, por estar relacionada a fenômenos de grupos ou sociedades, em que o investigador deve atuar onde se desenvolve o objeto de estudo e se concentrar, primordialmente, na compreensão de fenômenos complexos de natureza social.

A pesquisa tem um caráter etnográfico, descritivo. Para construí-la utilizo-me por vezes de categorias analíticas (devidamente referenciadas) e nativas, extraídas do discurso dos praticantes e relacionadas com a atividade.

Publicações que tratam exclusivamente de assuntos como Torcida Organizada, futebol, “cartolagem”, dentre outros foram aqui também privilegiadas. De fato existem, no Brasil, alguns interessantes e enriquecedores trabalhos, desenvolvidos por sociólogos, antropólogos, historiadores, pesquisadores do esporte e jornalistas, reveladores de valiosos dados empíricos. Algumas publicações internacionais sobre o assunto também foram visitadas e também contribuíram bastante para o desenvolvimento do texto.

## **2.2 – Limitações do Método**

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados. Diferentemente da pesquisa quantitativa, não houve coleta

de dados para comprovar uma teoria já existente ou adequação a um modelo. Portanto, é muito relevante para a credibilidade dos resultados a escolha do grupo de pessoas a ser entrevistado, a análise de conteúdo criteriosa, em que pesem estes critérios e os fundamentos éticos em vez de ideias preconcebidas que interfiram na interpretação.

O futebol seria então um veículo no qual os indivíduos poderiam expressar seus sentimentos de uma forma pública (ELIAS, DUNNING, 1992). Não tenho pretensão de efetuar uma análise psicológica que destacaria motivações, atitudes e interesses intrínsecos ao indivíduo. A relação intensa do torcedor com o clube faz com que ele em alguns momentos não separe a identidade indivíduo – torcedor. Essa identidade é alcançada através de experiências, que incluem momentos de alegria e tristeza nessa construção. Dessa forma, o clube traz ao torcedor a possibilidade de buscar um “compromisso com rosto”, ou seja, relações verdadeiras que são mantidas ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença.

Interessa saber como se dá essa relação, assim como também se faz importante saber como se dão as relações políticas entre as Torcidas Organizadas e diretorias de clube, a natureza das Torcidas Organizadas, de que forma relacionam-se entre si e com dirigentes, com imprensa e outras torcidas. Neste trabalho estou disposto a responder algumas perguntas, investigar, reunir pistas, entender e responder uma característica muito presente no futebol, no futebol brasileiro em especial: o caráter das relações políticas entre torcida, especificamente as Torcidas Organizadas, tendo como objeto de estudo a Torcida Organizada Young Flu e as diretorias de clube de futebol.

*Participação versus observação.* A partir desse par opositor eu destaco o método etnográfico, a tradução antropológica das situações apreendidas em campo e a relação estabelecida com meus interlocutores. É necessário considerar esse saber como condicionado e restrito. As elaborações antropológicas resultam, entre outras coisas, dos constrangimentos da inserção do antropólogo no campo e do encontro com determinados tipos de informantes ou interlocutores.

As condições para o encontro do antropólogo junto às pessoas relacionadas à sua etnografia é um tópico que favorece à análise, sendo a oscilação entre observação e participação uma das modalidades de refleti-lo. Ademais, a realização de uma investigação em contexto urbano demanda afastamentos e envolvimentos a serem promovidos no contato com os interlocutores, sendo as diferenças e descontinuidades em relação ao universo pesquisado e aquele do antropólogo matéria de relativização constante (MAGNANI, 1996; VELHO, 1978).

A Observação Participante realizou-se em jogos onde o Fluminense Football Club atuou, em jogos de basquete, em eventos sociais organizados pela torcida tal como churrascos, festas e viagens. Foi importante também analisar e observar de perto a maneira como esses torcedores se relacionam com o clube, entre si e com outros torcedores. Também participei de duas reuniões da

FTORJ – Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – onde pude observar como estas se articulam em defesa dos seus interesses em comum e como também se relacionam com clubes, instituições e entidades da sociedade civil, assim com imprensa. Além desta Observação Participante, também acompanhei de perto acontecimentos noticiados na imprensa em geral, assim como também fui levado pelas pistas que meus informantes me deram, caminhos que encontrei e caminhos no qual fui encontrado, e a diversas conclusões dos acontecimentos em que estive envolvido.

*Espaço público versus espaço privado.* Por meio dessa dicotomia, busco refletir sobre como são elaborados os locais frequentados por meus interlocutores e por outras pessoas e grupos que também os utilizam. Isso estimula a eleição do espaço como elemento central para a análise e a reflexão sobre a produção de diferenças e hierarquias produzidas em cada ambiente etnografado (GUPTA; FERGUSON, 2000).

A eleição desse par opositor é estratégica, pois, mediante a tensão entre público e privado, é possível descortinar nuances, instâncias e domínios que estejam entre estes pólos. Isso demanda que os domínios público e privado sejam compreendidos como instâncias que não podem ser separadas por completo, analisadas isoladamente ou tampouco refletidas como universais e a-históricas.

Invisto então na diferença como categoria analítica, o que desafia a leitura sobre eixos de poder articulados de maneiras distintas a depender dos marcadores sociais em evidência em cada contexto analisado.

Como busco refletir sobre esses garotos e rapazes que compõe sua torcida e investem em suas sociabilidades, o par opositor em questão permite que sejam evidenciadas relações e processos de ocultamento ou revelação mediante a articulação de cada marcador social em destaque. Há distintos segredos ou distintas revelações a depender do que se produz como diferença em cada contexto, o que faz esse debate fundamental para minha análise.

### **2.3 – Coleta de dados**

Para esta pesquisa, foram empregadas diferentes técnicas, como entrevista semiestruturada e observação, quando tratando de torcedores da “Young Flu”.

Também foram analisadas documentação indireta como vídeos, críticas, ou depoimentos, documentação como relatórios e documentação bibliográfica sobre as áreas abordadas na pesquisa como *marketing*, esporte, valores, ou seja, quando não se tratava de indivíduos.

É importante ressaltar que nem sempre se podem obter os dados por registros ou fontes documentais, mas por contatos pessoais. Contudo, para garantir uma melhor compreensão dos fenômenos, a triangulação dos dados foi fator fundamental. Foram triangulados os dados recolhidos na etnografia, como o simbolismo de determinados comportamentos ou objetos, com os dados das entrevistas, da literatura, sempre contando com a supervisão de membros da subcultura.

É válido destacar que as entrevistas podem apresentar vieses tanto pela fala do entrevistado, que pode omitir ou distorcer fatos que não estejam de acordo com a opinião socialmente aceitável, quanto pela interpretação do entrevistador, que embora deva buscar uma neutralidade, possui valores próprios e experiência de vida que podem interferir na avaliação do relato. Por este motivo, o caráter etnográfico da pesquisa se fez necessário, em especial, porque o tema abordado é subjetivo e muitas vezes o discurso é diferente da prática. A observação pode promover a obtenção de informações por meio dos sentidos do investigador durante sua permanência diante das pessoas e dos fatos observados. A observação permitiu mais do que ver e ouvir. Foi um meio privilegiado para analisar os fatos ou fenômenos como comportamentos e atitudes.

A Torcida Organizada como problema sociológico, assim como o futebol, traz à tona diversas discussões e debates. Em meu trabalho de campo, pude observar que existe uma estrutura hierárquica no qual a torcida se monta, com a presença de diversos atores, cada um com seu papel definido, e há um véu em que “verdades” são escondidas e discursos são reforçados. Há, neste sistema, algo que poderia definir na Torcida Organizada para além de sua simples estruturação burocrática – ideal weberiana que vemos aos olhos nus e encontramos toda sistematicamente explicada nas *webpages* de cada uma delas, há o torcedor comum e este está fora desse debate, pois está fora dessas torcidas (organizadas), há o tipo de torcedor organizado que está ali pela beleza da festa, há os meninos, “a molecada” que estão para brigar em nome da torcida, que se entendem como sendo uma espécie de tropa de choque, e há os líderes, “os cabeça”, estes detentores do discurso, sempre os adaptando a uma ocasião que melhor os valha.

Em momentos quando é necessário demonstrarem-se violentos, viris e fortes, estes “cabeça” se inflam e sua torcida passa a ser “a melhor na porrada”; quando se faz necessário dizer que a torcida é simplesmente uma instituição sem fins lucrativos com a função social de apoiar o time e embelezar o espetáculo, ajudar um torcedor associado que passa por algum momento de necessidade, mudam o tom e a “torcida é de família e é uma família”, “apenas nos defendemos dos outros, não somos violentos”. Ouve-se isso em diversos casos e oportunidades, de diversas bocas e atores. Goffman, em sua obra *A Representação do eu na vida cotidiana* (2005), nos ajuda a entender essas mudanças de discurso e as dificuldades do “novato” (no meu caso de pesquisador no meio da torcida) em realmente a entender o que se passa, tendo como tese central que os indivíduos

em situação de interação “representam” de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral.

O trabalho de descrição destas representações lança mão de outros conceitos relacionados ao teatro, com os de “desempenho”, “cenário”, “expressão” e “plateia”. O fluxo de interações em situações sociais determinadas, em “estabelecimentos sociais”, conforme expressão do autor é descrito e analisado com referência ao constructo de “representação” teatral. São descritos fatores antecedentes à representação, como as primeiras impressões de um novo participante em um grupo. Segundo Goffman (2005), os participantes do grupo formam sua opinião a partir de informações anteriores que disponham, e a partir das impressões que o “novato” apresenta, no caso em particular me entendiam como um jovem documentarista tentando entender o cotidiano da torcida.

O novo participante, eu especificamente, por sua vez, tem o interesse de causar determinadas impressões sobre os integrantes do grupo, e tentar se regular a conduta destes, particularmente a forma como estes o tratam. A representação comporta, de um lado, as necessidades e as expectativas daquele que “representa” e, de outro, a interinfluência com o “outro” e com a “plateia”. Num fluxo contínuo de interação o sujeito está atento às impressões que causa a outros, e às manifestações e expectativas destes. Há, portanto, um componente de ilusão, de causar impressões em acordo com intenções determinadas.

Nesse contexto, os dirigentes da torcida esperam que eu não atrapalhe o trabalho deles e ao mesmo tempo tentam “vender” uma imagem considerada por eles adequada a um estranho que aparece no “palco” de forma repentina; nas palavras de Goffman (2005), “coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas”. Daí surge o conflito: há a imagem que eles querem passar para a sociedade em geral, mas, ao mesmo tempo, há os meninos prontos para briga, o tal batalhão de choque da torcida. Neste momento, seu discurso é modificado e tornam-se “gerais” em operação de guerra. Para os “torcedores da festa”, sua torcida é a mais bela e com as meninas mais bonitas. Percebe-se, portanto, que a ordem do processo interacional é frágil e a qualquer momento pode ser quebrada em virtude de a impressão de realidade criada por uma representação ser delicada, suscetível a contratemplos, gerando a possibilidade de rupturas na relação. A mensagem presente na teoria de Goffman é o caráter dramático do ator na modernidade, mas pode ser apropriada para o entendimento do que se passa no interior de uma Torcida Organizada, deixando perceber que se sofre ao viver socialmente.

Este processo de interação quase nunca é pacífico, pois a necessidade que se tem em confiar nas representações dos atores dá margem à possibilidade da falsa representação. Assim, sempre é possível manipular a impressão do observador, já que o ator pode exercer variados papéis; portanto, as relações são vulneráveis:

Em outras palavras, devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratemplos. A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado. Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando, porém nos revestimos de caráter de personagem em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. (GOFFMAN, 2005 p. 58)

Ainda no contexto da Torcida Organizada, Goffman nos traz mais uma contribuição de suma importância, relatando a necessidade que os atores têm de controlar suas representações, pois a qualquer momento pode surgir uma informação que contribua para o estabelecimento de rupturas, os chamados *incidentes*.

O controle das representações se pautaria, desse modo, em certos atributos e práticas que podem ser destacadas em três momentos: primeiro, as ações defensivas dos atores para realizar o próprio espetáculo; num segundo momento, as ações protetoras utilizadas pela plateia e, ou por estranhos que auxiliam os atores no êxito de suas representações; e, por último, as ações que os atores utilizam para tornar possível a utilização, pela plateia e, ou estranhos, de medidas protetoras em seu próprio favor, neste entendimento eu, como novato, e a sociedade com suas pré-impressões e preconceitos a respeito das Torcidas Organizadas advindas do senso comum. As representações consistem em atividades na interação que exercem influências sobre os observadores.

Existiria, assim, um conjunto de técnicas de representação, cuja principal função seria o controle da fachada. As fachadas seriam selecionadas e, portanto, propiciariam que os atores encontrem dificuldades ao selecioná-las dentre inúmeras possibilidades, ao elegerem a mais adequada ao papel no qual pretendem atuar. No caso específico das Torcidas Organizadas, seus dirigentes adaptam suas representações à necessidade dos casos, sendo admirados e queridos, escondendo possíveis vantagens e até mesmos supostos privilégios que conseguem por meio do cargo de destaque que estão ocupando na torcida.

A “Young Flu” foi um laboratório relevante por ser uma torcida grande e tradicional nas arquibancadas. Sua sede principal é grande e tem estrutura para eventos. Este ambiente também foi necessário por trazer uma visão mais realista deste universo, contrastante em sua essência com as imagens pré-fabricadas pela mídia de torcedores brigões, chefes de torcida bem-sucedidos vivendo de futebol, etc. É no cotidiano que estão inseridos os comportamentos e fatos mais simbólicos e representativos do que, de fato, constitui este grupo; é a forma possível de desvendar os contrastes entre o discurso realizado na mídia, a imagem que pretendem projetar e o que, na prática, constitui seu verdadeiro *ethos*.

Ao longo da pesquisa, fez-se necessário ampliar o objeto de observação para se obter um

melhor entendimento sobre esta subcultura. Para tanto, visitei em dois momentos outras torcidas – “Força Jovem Vasco” e “Fúria Jovem Botafogo” – sempre interagindo como membro da subcultura; acompanhei eventos e pré-eventos (bebedeiras de bar, concentração na sede, caminhada da sede até o Engenhão e ao Maracanã em dias de clássico); comemorações de vitórias e atividades de lazer não relacionadas ao universo da arquibancada.

Também foi possível participar mais ativamente de atividades cotidianas da vida dos “nativos”, uma vez que foi possível acompanhá-los e apoiá-los com questões burocráticas. Este apoio foi extremamente significativo no sentido de aprofundar a relação de respeito e confiança mútuos, necessários à transição do pesquisador de *outsider* para *insider*.

Os dados contidos nessa pesquisa foram levantados através das mais variadas fontes. Primeiramente, os dados empíricos foram coletados através do método etnográfico: pesquisa de campo e observação participante, resultando em uma descrição elaborada do fenômeno. O campo propriamente dito não existe de forma singular ou está concentrado em um espaço restrito. A cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana, a Via Dutra, foram meu campo de pesquisa, e em qualquer deslocamento que realizei nesses doze meses pelo nosso perímetro urbano, acionei o olhar do pesquisador e busquei identificar nesta paisagem as informações relevantes para este trabalho.

Ferramenta indispensável ao pesquisador contemporâneo, não posso deixar de mencionar a importância da Internet para esta pesquisa. Na rede social “Facebook”, encontrei grupos e páginas relacionadas a torcidas das 20 principais equipes da série A do campeonato nacional; grupos e páginas relacionadas a torcidas no Rio de Janeiro, além de uma relacionada a brigas e histórias de brigas.

O caráter etnográfico da pesquisa permitiu a observação direta e por determinado período de tempo da vida do grupo a ser estudado, além de permitir o diálogo constante com seus membros.

O processo de aculturação se deu de forma gradativa e lenta. Normas de comportamento, jargões e modo de se expressar tiveram que ser apreendidos, e o papel do informante foi essencial para ajudar na ambientação e, principalmente, para dar credibilidade ao meu ingresso neste ambiente. Até sentir-se parte do grupo, o pesquisador foi tratado muitas vezes com indiferença, embora sempre com respeito. Contudo, de forma velada, estava claro que eu não era parte daquele universo.

Ao longo da pesquisa, e enquanto eu me aproximava do grupo mais intensamente envolvido com a subcultura, surgiram diversas questões a serem analisadas que não teriam sido possíveis se o envolvimento fosse menor, apenas superficial. O estudo etnográfico é basicamente “interpretativista”: busca interpretar o fluxo do discurso social.

A observação participante foi necessária para que se compreendessem os aspectos mais

subjetivos do grupo estudado. As entrevistas duraram, em média, 30 minutos, mas este tempo sempre esteve em aberto, e todo o trabalho de observação, entrevista e participação, durou praticamente o ano de 2013 inteiro. Além destas entrevistas, foram realizadas conversas informais.

Como via de regra em um trabalho etnográfico, esse estudo também fez uma combinação entre entrevistas em profundidade e observação participante como forma de coletar dados. Além disso, foram analisados diálogos informais, observação simples, reportagens e redes sociais. Sendo assim, foi utilizada a ferramenta de triangulação, ou seja, mais de um método de análise foi utilizado para investigar um mesmo fenômeno.

Para analisar os resultados da pesquisa etnográfica e interpretar os dados coletados na observação e nas entrevistas, recorreu-se a uma análise do conteúdo do discurso dos entrevistados sob a perspectiva dos autores usados como referenciais teóricos. Esta interpretação foi elaborada sobre dois eixos de leituras: a teoria que fundamenta a pesquisa e os relatos biográficos dos entrevistados. O que se procurou fazer foi buscar pontos de convergência ou divergência entre estes dois eixos e os dados levantados de forma a compreender os processos de formação e a natureza da relação entre Torcida Organizada e diretoria de clube. Primeiramente, todos os dados coletados – todas as anotações no diário de campo, as transcrições das entrevistas e anotações de conversas informais, informações da internet e da imprensa – foram reunidos e analisados. Essa análise foi feita identificando os pontos centrais do discurso e identificando os dados padrões, ou seja, relações entre características do discurso, assim como variabilidades, ou seja, discursos diferentes entre indivíduos diferentes e entre os mesmos indivíduos.

A pesquisa teve como fonte, além da observação participante e das entrevistas em profundidade, diversos artigos de revistas esportivas especializadas, jornais, *sites* e livros. No tratamento deste tipo de dado, foi utilizada a análise de conteúdo, para identificar o que vem sendo dito acerca de determinado tema. O material jornalístico e documentos institucionais são fontes para tal método de tratamento de dados.

Assim, esta pesquisa teve por objetivos:

- Interpretar a relação entre Torcidas Organizadas e diretorias de clube de futebol e como essa relação sai da esfera esportiva e toma parte da pauta pública;
- Discutir as consequências dessa relação, tendo em vista as mudanças que vêm ocorrendo no futebol brasileiro desde a escolha do país para sede de grandes eventos esportivos internacionais, tais como Copa do Mundo de Futebol e Olimpíadas;
- Problematizar a categoria “Torcida Organizada”, buscando entender seus métodos de ação, seus posicionamentos, seu comportamento econômico, o comportamento de seus membros e a relação das torcidas entre si.

# **CAPÍTULO III – A história do futebol no Brasil: uma breve apresentação.**

## **3.1 – O velho esporte bretão chega a terras brasileiras**

Os esportes são parte importante da vida cotidiana na sociedade moderna e tiveram um papel de destaque no processo civilizador da sociedade ocidental. Mobilizando milhões por todo mundo, ele se faz presente em diversas esferas da vida social. Dentro deste quadro de presença dos esportes na sociedade moderna, é indubitável que o futebol ocupe uma posição de destaque. Nenhuma outra prática da cultura popular envolve a tantos e desperta tamanho interesse e paixão (HELAL, SOARES, LOVISOLO, 2001).

A versão histórica mais aceita sobre a chegada do futebol no Brasil nos conta que em 1894, vindo da Inglaterra, teria sido trazido pelo filho de imigrantes ingleses Charles Miller (CALDAS, 1994) para a cidade de São Paulo. A história do futebol no Rio de Janeiro tem início com um jovem chamado Oscar Cox que, como a maioria dos praticantes do esporte no século XIX, era de família rica e tinha estudado na Europa. Assim como Miller, na bagagem de Cox, muito mais importante do que a bola do novo esporte a ser apresentado, encontrava-se o manual de regras da Associação Futebolística Inglesa. Esse manual forneceu regras que ainda não eram conhecidas ou difundidas no futebol do Rio de Janeiro naquela época, mesmo pelas elites que, contam relatos, o praticavam sem compromisso com as regras oficiais (PEREIRA, 2000).

No entanto, neste primeiro momento, o futebol era um esporte incipiente no Brasil, embora na Inglaterra já fosse difundido e na Europa houvesse uma progressiva formação de clubes. A contínua difusão do esporte pela América do Sul foi um tanto correlata à experiência brasileira com Oscar Cox e Charles Miller. O futebol ou “football” começa a dar seus passos para uma prática mais organizada, sistematizada, importada dos campeonatos e práticas inglesas do esporte.

A história do futebol no Brasil pode ser dividida em diferentes períodos. Robert Levine (1982) utiliza a seguinte periodização: (a) primeira fase: 1894-1904), (b) fase amadora: 1905-1933, (c) fase do profissionalismo: 1933-1950, (d) fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol: 1950-1970.

As elites praticavam futebol e também o assistiam. Este monopólio foi possível, entre outras razões, graças à rápida organização das elites em torno de associações de lazer: os clubes (PEREIRA, 2000). Esses clubes sociais distinguiram-se de outros devido ao lugar central que neles

ocupava a prática de esportes e de outras atividades recreativas (PEREIRA, 2000). A adoção do futebol como prática socializada entre os clubes diz respeito a suas primeiras tentativas de formalização e institucionalização no Brasil, tentativas surgidas muito antes da profissionalização desse esporte. Já no que condiz ao público torcedor, relatos históricos nos dão conta de que as pessoas próximas da vida dos clubes, familiares e namoradas dos jogadores, passam a compor a primeira forma de torcida de futebol no país (PEREIRA, 2000).

Durante o final do século XIX e início do XX, o futebol no Brasil experimenta uma ampla difusão entre as elites sociais <sup>10</sup>. Mas esta difusão não se restringiria às elites. Apesar da predominância, em seu momento inicial, de um público burguês, setores populares aproximaram-se rapidamente do novo esporte (CALDAS, 1994).

Os valores do amadorismo, uma boa educação formal e a obrigatoriedade do trabalho não braçal serviam de justificativa para barrar uma vasta gama de atletas e clubes do circuito de competições organizado pelas federações. Conforme as representações que as elites faziam dos demais integrantes das cidades, a lista dos indesejáveis ao convívio era vasta e incluía trabalhadores braçais, negros, pobres, imigrantes sem posses e boa parte das pessoas de famílias sem tradição no cenário local ou nacional (PEREIRA, 2000). É sintomático o fato de que a imensa maioria da sociedade do período somasse uma ou mais dessas características, por isso diversos jogadores estavam impedidos da prática do futebol de competição das federações em São Paulo e no Rio de Janeiro e também dos campos decisórios da sociedade brasileira (PEREIRA, 2000).

Na medida em que o futebol transpõe os limites da exclusividade e da vaidade física burguesa, ultrapassando os muros das escolas públicas e das universidades, rapidamente deixa de ser uma atividade amadora. O futebol profissionalizado atinge o coração das massas proletárias e o marco fundamental da popularização do jogo foi o deslocamento de uma brincadeira amadora burguesa para uma atividade lúdica proletarizada de reivindicações econômicas (PIMENTA, 1997, p. 38).

O jornalista Mário Filho em seu clássico, *O Negro no Futebol Brasileiro*, representa por várias vezes o futebol das primeiras décadas do século, no Rio de Janeiro, como uma rigorosa

---

10 A difusão do futebol no Brasil não se fez sem resistência: diversos intelectuais, entre eles, Lima Barreto, Graciliano Ramos e Heitor Villa-Lobos, viam no futebol uma forma de imperialismo cultural britânico, adoção impensada de práticas culturais vindas de fora, e que nada tinham a ver com a cultura brasileira (LOVISOLO; SOARES, 2002). Estava longe de ser uma unanimidade. O esforço físico ainda era associado ao trabalho braçal, considerado degradante desde os tempos da escravidão. Não eram raras as cartas publicadas nos jornais reclamando da dedicação aos esportes em detrimento dos estudos. Lima Barreto sugeriu em uma crônica a fundação de uma liga contra o futebol. Seu argumento era de que “os jornais não falavam em outra coisa”. Já Coelho Netto, o escritor mais lido na época, era sócio do Fluminense, clube no qual atuavam os seus filhos. Era um defensor fervoroso das qualidades físicas e morais do futebol. A querela entre ambos durou anos. Machado de Assis olhava o esporte com certo desdém, enquanto João do Rio e Olavo Bilac eram simpatizantes e frequentadores dos estádios. Bilac considerava o futebol uma forma da manutenção higiênica do corpo. Em algumas ocasiões – como em um festival esportivo ocorrido na cidade de Curitiba, em 1916 – chegou a proferir discursos enaltecendo os valores do futebol e sua importância para o futuro pátrio (PEREIRA, 2000).

sociedade de castas, em que as barreiras construídas entre a elite e as classes mais baixas seriam quase intransponíveis. Seguem alguns trechos:

(...) Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família. Se não ficava de fora, feito os moleques do Retiro da Guanabara, célebre reduto de malandros e desordeiros (...) Até como torcedor ele conhecia o seu lugar. Na geral, olhando de longe a arquibancada, cheia de moças, uma *corbeille* segunda a comparação de um cronista mundano (...) A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral (FILHO, 2003, p. 36-41).<sup>11</sup>

Na contramão desse sistema hermético de reconhecimento e apoio entre iguais, o jogo começa a receber outro tipo de torcedor, o não-associado ao clube. Para ser mais exato, além de não-associado o vínculo desse torcedor com o seu clube, creio eu, não fizesse sentido lógico aos então jogadores e dirigentes dos times até aquele momento. Os sentidos do torcer por um clube, que sua simples existência o representa estavam em formação neste momento histórico do futebol (PEREIRA, 2000; HOLLANDA, 2009).

Um jogo do Fluminense contra o Corinthians, da Inglaterra que atraía para o estádio em 1910 uma pequena multidão, era exemplar sobre esse processo [a formação de uma classe torcedora]. Sem conseguir entrar para assistir à partida, muitos dos interessados na disputa acabaram aceitando a proposta de Mano, o ainda pequeno filho de Coelho Neto – que morava então em frente ao campo: 1\$000, ele deu entrada para inúmeros torcedores em sua casa enquanto o pai dormia, tendo ainda cobrado a metade desse preço para aqueles que se dispusessem a assistir à partida de cima do galinheiro. A surpresa do literato, que ao acordar encontra um desconhecido negro subindo as escadas da sua casa, foi tão grande quanto o lucro do menino, que arrecadou 25\$000 com sua estripulia. Aproveitando-se da oportunidade, Mano percebia aquilo que em breve se tornaria constatação óbvia para os que acompanhavam o jogo: o crescente interesse de um público até então excluído do recinto dos estádios pelos jogos da liga. Embora alguns deles, como Chico Guanabara – um „capoeira destemido e respeitado“ que morava nas imediações do estádio do Fluminense – acabassem (por conta de sua torcida apaixonada) por ganhar a proteção dos seus sócios, na maior parte das vezes tratava-se de uma paixão absolutamente unilateral, não havendo relação direta entre torcedores e o clube para o qual dedicavam sua devoção. (PEREIRA, 2000)

O advento da profissionalização do futebol na Inglaterra, a partir de 1885, e no Brasil, a partir década de 1920, contribuiu muito para o aumento do interesse do público, já que com a

---

<sup>11</sup> Em *História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol*, Antônio Jorge Soares apresenta sua crítica ao livro de Mário Filho, provando que muitas das histórias presentes nele são fictícias, e que este livro não serviria como fonte fidedigna dos fatos no período de transição pelo qual o futebol nacional passou. Assim, Mário Filho não teria produzido uma historiografia de fatos ocorridos no período, mas se utilizado de relatos orais advindos da memória de amigos. A tese de Soares mudou os alicerces do estudo do esporte no Brasil, principalmente do futebol. Se antes o livro de Filho se encontrava numa posição de destaque para pesquisas neste campo, hoje em dia esta obra serve apenas de bibliografia auxiliar. Argumenta Soares que o autor se apropriou de relatos de amigos e, utilizando-se de sua perícia de prosador, produziu um épico romance da saga do negro no futebol brasileiro. Complementa nos demonstrando que a história é contada com a estrutura de um romance, no qual é lida, remontada e redesenhada na forma de um épico a saga do negro. Assim, devemos ter todo um cuidado ao utilizar a obra deste autor como referência bibliográfica.

dedicação integral ao treinamento, os jogadores se tornaram mais habilidosos e as equipes mais atrativas, aumentou a qualidade das partidas. As elites, sempre relutantes à profissionalização, justificavam sua posição argumentando que não aceitavam os novos valores vinculados ao futebol que não os do amadorismo. Havia claramente uma disputa de classes camuflada por uma resistência da mudança de paradigma amador *versus* profissional (SOARES, 1999).

No final da década de 20 e durante os anos 30, os clubes e as federações perceberam que “vender” os campeonatos como produtos era mais lucrativo. Os ideais também mudaram, e a seleção se manteve como uma vitrine para uma versão ideal do Brasil, porém não mais europeizada, branca e de elite, mas mestiça, com estilo próprio de jogar, cujas vitórias poderiam servir de símbolo para construir uma imagem vitoriosa do país; criou-se, pois, com entusiasmo o “Foot-ball Mulato”<sup>12</sup>. Dessa forma, vencer, que nas primeiras décadas do século XX era secundário, torna-se, especialmente a partir da década de 30, parte do instrumento para vender uma imagem do Brasil. Já não mais a versão europeia desejada por parte da elite, mas, ainda assim, uma versão idealizada, de uma raça mestiça mais forte.

Mário Filho propõe a tese que ao abrir suas portas à participação dos negros, o futebol jogado no Brasil se tornou o “futebol brasileiro”, fundando um “estilo brasileiro”. Sua tese está presente até os dias de hoje, quando os brasileiros opõem o futebol praticado aqui – que seria chamado, anos mais tarde, de “futebol arte” – ao europeu chamado de “futebol máquina”. Derivado direto da democracia racial<sup>13</sup>, o livro de Mário Filho, assim como *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, veio a se tornar parte de um discurso dominante sobre o futebol no Brasil, e, por muito tempo, foi obra de referência até mesmo no campo acadêmico. Porém, mais tarde estudos mostraram a fragilidade de seus argumentos. Segundo a narrativa que domina o imaginário social sobre o futebol, a forma espontânea de jogar caracterizada pela astúcia, criatividade e improviso nos diferenciaria dos países europeus. Essa técnica seria considerada um elemento importante na construção da identidade nacional e foi muito bem utilizada no período de Getúlio Vargas como unificador cultural do Brasil. Todos esses elementos ajudaram a criar uma autoimagem do país que

---

<sup>12</sup>Em 17/6/1938, no artigo “Foot-ball Mulato”, publicado no *Diario de Pernambuco*, Gilberto Freyre aborda a presença brasileira na Copa do Mundo daquele ano e observa que a razão de termos chegado pela primeira vez às semifinais foi “a coragem, que afinal tivéramos, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro”. E já interessado em caracterizar o estilo brasileiro de jogar o futebol, ele afirma: “o nosso estilo parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses [...]” (BARRETO, 2004)

<sup>13</sup> Gilberto Freyre em sua obra mais conhecida *Casa grande e senzala* rechaça as doutrinas racistas de branqueamento do Brasil. Baseado em Franz Boas, demonstrou que o determinismo racial ou climático não influencia no desenvolvimento de um país. Entretanto, essa obra deu origem ao mito da democracia racial no Brasil, com relações harmônicas interétnicas que mitigariam a escravidão brasileira, que, segundo Freyre, fora menos ruim que a norte-americana.

perdura até os dias de hoje.

No caso de Mário Filho, tratava-se de um jornalista diretamente envolvido na produção do espetáculo futebolístico, também ajudou no acabamento do que hoje é o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, preocupado em explicitar as características positivas do futebol e do negro brasileiro. Sua obra faz uma apologia ao papel do negro no futebol nacional e deve ser analisada criticamente. Já Gilberto Freyre, como se sabe, muito se preocupou com a identidade nacional. Em vários momentos de sua obra, percebem-se tentativas de valorização do negro na formação social e cultural brasileira. Sua explicação para o estilo brasileiro de jogar futebol como produto do mulato e do negro necessita de acabamentos. Eles costuraram de forma absolutamente perfeita um projeto político as nossas manifestações culturais, que se organizavam de forma tensa e fluida no tecido social brasileiro. A eficácia desses intérpretes da nação foi a de estabelecer função social e sentido ao que era indeterminação, manifestação espontânea, identidade local e particular. Solidificando os países numa comunidade imaginada no sentido do historiador Benedict Anderson “mais que inventadas, as nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejos e projeções” (ANDERSON, 2008). Estas *comunidades imaginadas* precisam de mitos fundadores, heróis e, tendo ligado ao território uma história homogeneizante, o esporte sempre se serviu muito bem para isso. Ou seja, reduziram a experiência dos indivíduos – a paixão pelo futebol – a uma essência. Por esse raciocínio, conceitos como “construção”, “formação” ou “sistema” são posteriores e externos às práticas cotidianas dos indivíduos, como, por exemplo, a de torcer por um clube de futebol.

Consciente da especificidade do debate de identidade nacional e da ligação deste debate com a construção e consolidação do futebol no país e de que o conceito de comunidade imaginada pode ser válido também para a compreensão das torcidas pelas diversas aproximações que são possíveis fazer.

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem que [Ernest] Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: „Ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”. (ANDERSON, 2008).

O argumento de Anderson, pensado na esfera futebolística, nos dá pistas sobre como o futebol ajudou na formação do que hoje entendemos como Brasil, com a participação ativa desses “intérpretes” da nação – Freyre e Filho – assim como se formos nos apropriar do mesmo conceito

podemos também ter pistas relativas à ressignificação dos clubes, para além dos clubes, nos dando indicativos dessa comunidade de sentimento e proximidade forjada pela adesão à mesma equipe como um sentido em si próprio, mas não destituído de importância. A comunidade imaginada propiciada pelo torcer forja um conjunto de características que constroem, sob diferentes níveis, seus adeptos. A diferença dessa adesão em relação aos Estados é de que, referente aos clubes, a escolha é voluntária, é um pertencimento escolhido numa vasta comunidade que se expandem do municipal para o nacional e em alguns casos de maior expressão global.

Na construção da identidade brasileira, o futebol aparece como um importante marcador social, ele “desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do „povo brasileiro“ na sua constituição como nação” (GASTALDO, 2006, p. 92). Bromberger (1998) confere destaque ao futebol que, por sua popularidade se oferece como um acontecimento exemplar que condensa e teatraliza à maneira de uma ficção lúdica e dramática, os valores de nossas sociedades. Isto significa entendê-lo, também, como lugar de aprendizado de sentimentos e práticas já que ritualiza a solidariedade e o conflito, a união e a separação, a alegria e a tristeza. Entende-se com isso, que não se nasce torcedor, torna-se um, condição que possibilita experimentar tais sentimentos.

Entender o futebol como uma “das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores” (DAOLIO, 2005, p. 6), significa pensar que ele não possui significados últimos que interfeririam na construção identitária nacional, mas que também é ressignificado por essa. Ele atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão dessa mesma identidade: “o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 152).

Transportando essa lógica para o campo esportivo, podemos afirmar, de acordo com Roberto DaMatta, que diferente do trabalho que tem uma relação direta com o „dever“, com a „obrigação“, com o „castigo“, com o „pecado“ e com „a dureza da vida“, o futebol pode ser entendido naquela época como uma atividade paradoxal porque não é produtiva no sentido radical de provocar uma transformação da natureza da sociedade, estando mais voltada ao lazer e ao divertimento das classes abastadas. Logo, quando os grupos mais populares substituíam o trabalho pela prática rotineira do futebol lhes eram impostas características atribuídas pelas classes dominantes como a vadiagem, a malandragem, a preguiça e a ociosidade. O nacionalismo, o clubismo, e qualquer formação de identidade não devem ser vistos por um prisma positivo ou negativo. Roberto Damatta aponta que:

Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, constituída de favores, hierarquia, clientes, e ainda repleta de ranças escravocratas, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, democraticamente produzia ganhadores e perdedores (...). Desse modo, foi certamente esta humilde atividade, este jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade. Pois não foi através do parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo ao futebol (DAMATTA, 2006, p.142).

Tanto os defensores quanto os opositores do futebol não se preocupavam em entender os motivos da popularização do esporte nem seu sentido para os que o praticavam ou gostavam de ver o jogo. Assim sendo, “todos viam o público ao qual se destinava suas mensagens como uma massa amorfa, que podia ser moldada a sua vontade” (PEREIRA, 2000, p. 229). O processo de abasileiramento do futebol se expressa na mudança dos termos para uma linguagem mais próxima do português. A palavra “futebol” chega ao Brasil como um estrangeirismo, como *football*. O prestígio do futebol estava justamente no fato de ser estrangeiro, pois assim traria também a modernidade dos países europeus para o Brasil.

As semelhanças entre Brasil e Argentina foram e são de interesse para investigadores de ambos os países. Os futebolistas argentinos e brasileiros seriam, segundo as suas próprias descrições, artistas criativos, mestres da dissimulação, cujo ápice durante o jogo se expressaria no drible ou *gambeta*. O “outro”, neste caso, é descrito como disciplinado, forte e metódico, no caso argentino, o inglês e, no brasileiro, o estrangeiro (BARTHOLO, 2007; DAMO, 2008; FRANZINE, 2003; GUEDES, 1998; HELAL, SOARES, LOVISOLO, 2001).

Em ambos os países o *mito fundador*, a construção simbólica, o que deu origem ao futebol é semelhante: o drible, no caso brasileiro e a *gambeta*, pelo lado argentino. Estilos de jogos que priorizam a malandragem, a ginga do corpo, a habilidade mental e não uma rigidez tática que em ambos os casos sempre foi atribuída ao futebol europeu, futebol “máquina”, futebol “força”, da rigidez de esquemas táticos e de pouca versatilidade individual.

Se para os articulistas argentinos a „essência“ do futebol argentino está no „futebol crioulo“, não inglês, e seu emblema é o que se convencionou chamar de „gambeta“ (drible com “jogo de cintura”), característica típica dos „potreros“ (terrenos baldios), para os articulistas brasileiros a “essência” do futebol brasileiro está no “drible”, na „malandragem“, características que se aprendem no “futebol de rua”, e onde sua principal figura é o negro, o mestiço, o „futebol não-branco“. As imagens construídas são muito semelhantes. (HELAL, 2007).

A valorização da exibição da corporalidade no desempenho individual, no exercício sempre surpreendente do drible, o lugar maior da habilidade, da inventividade, da improvisação ao invés da força, erigem o craque como herói dessas narrativas, capaz de sobrepor-se a disciplina e aplicação tática. Este é, sem dúvida, um valor compartilhado nas representações que fazem deles mesmos brasileiros e argentinos (GUEDES, 2002).

Um bom exemplo dessa relação tensa entre equilíbrio e desequilíbrio, entre a parte rígida e

a flexível, é o drible, considerado um dos momentos mágicos no futebol. O drible, ao mesmo tempo em que é a expressão da individualidade e da indeterminação, está contido na regra e é visto como a expressão maior do esporte. Tanto quanto o gol que finaliza um esforço, o drible faz parte daquele momento mágico que antecipa o êxtase. É um dos momentos maiores da excitação no futebol. Porém, se ele não tem limite de acordo com as regras – pois, por princípio é o oposto do choque e da violência –, quando praticado em excesso pode tanto fragilizar sua própria equipe, quanto gerar um sentimento de humilhação no adversário e degenerar em violência.

Dois elementos aparecem como agentes na formação do “estilo nacional” em ambos os países (Brasil e Argentina) a partir da narrativa romântica: 1) uma miscigenação racial que cria um povo mestiço, híbrido e superior; 2) a paisagem ou a geografia do país, que proporcionam o florescimento desse novo jogador de futebol, singular e vencedor. No entanto, a miscigenação assume características distintas: se no Brasil temos a fábula das três raças que formam o mestiço, personificado no hibridismo “harmônico” que reúne o negro, o branco e o índio, na Argentina a miscigenação seria vista como uma forma de “branquear” a população nativa.

Una invención blanca y europeísta, luego rematada en la política inmigratoria que pobló la Argentina con descendientes de españoles e italianos. El acceso a la civilización se define por el blanqueamiento poblacional, asociado a Europa y fuertemente impulsado por la acción estatal y el mito del “crisol de razas”. (ALABARCES, 2006, p. 158)

Guedes (2002) ressalta que é fundamental destacar as ambiguidades ou fissuras na identificação da brasilidade a partir da “negritude”. Ora aparece a exaltação da mestiçagem como marca positiva, ora ela é destacada como estigma da nação, na qual uma raça “inferior” foi e pode ser vista como empecilho ao progresso. Na Argentina, “los futbolistas se argentinizan en el mismo lugar donde pueden cruzarse las vacas o los caballos criollos con las razas europeas, para construir híbridos insuperables” (ALABARCES, 2006, p.159). Essa “argentinização” é decalcada do contato com a pretendida essência *gaúcha*, enraizada nos pampas argentinas, assegurada no mate, no assado e nas planícies verdes.

Assim sendo, a consolidação do futebol como símbolo da identidade nacional no Brasil se dá na Copa de 38. A essa altura se percebe que o governo Vargas tinha se envolvido na propaganda, reforçando o papel do futebol no projeto ideológico do nacionalismo desenvolvimentista, sendo instrumentalizada para a unificação do território sobre uma só bandeira, junto a isso começa a proibir que imigrantes usem sua língua nativa em escolas.

O futebol passou a refletir mais, com o tempo, a nossa realidade – tanto seu caráter cultural e etnicamente mestiço, quanto o caráter desigual da distribuição da riqueza em nossa sociedade. Mas também foi utilizado pelas classes subalternas enquanto instrumento de organização e

associação entre trabalhadores. Foi utilizado pelos políticos para vender uma imagem vitoriosa do seu regime, fosse o Estado Novo, ou, posteriormente, a ditadura militar. O *football* virou futebol, passou a fazer parte da nossa cultura, dos nossos triunfos e mazelas, foi influenciado pelo contexto, mas tem sua própria história.

O futebol é um fenômeno muito mais significativo que um jogo de noventa minutos cercados por quatro linhas. Ele é um fato social total que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo. Esses comportamentos são representados e experimentados de forma diversa em função do contexto em que estão sendo vividos. Entendo o futebol como um espaço produtor de significados culturais, ele “tem seus próprios dilemas. (...) Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessa, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias” (DAMO, 2002, p. 152).

No caso do futebol brasileiro, a forma mais comum de participação nesse evento esportivo é através da torcida por um time x ou y. O sujeito se vincula ao time por aquilo que Arlei Damo chama de clubismo, um “sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento” (DAMO, 2006, p. 41). Segundo esse autor, é essa comunidade de sentimento que ensina uma percepção estética do jogo de futebol, que, conforme ele afirma, é caracterizada pelo engajamento. O futebol é diferente de outros espetáculos como o cinema ou o teatro, pois no estádio o objetivo não é a fruição do jogo, mas torcer por seu time (DAMO, 2006).

Entendo que a diferença e a identidade são produzidas dentro de um mesmo processo cultural. Nesse processo de construção de identidade e diferença, as torcidas criam sua negação na figura do torcedor adversário. Essa figura possui algumas particularidades interessantes, uma vez que esses torcedores compartilham inúmeros códigos.

O clubismo, categoria pensada por Damo, pode ser uma das pistas para pensarmos o que levava esses torcedores a estabelecerem vínculos com essas equipes. Se por um lado os clubes não representavam os torcedores sob as mesmas características de classe, cor, localidade da cidade, ele passa a estabelecer a condição de identidade e representatividade forjada por esses novos torcedores, sob a expansão de uma comunidade fechada entre indivíduos de uma trajetória de vida semelhante para uma comunidade imaginada forjada sob novos paradigmas.

O vínculo clubístico que serve de mola propulsora ao futebol como espetáculo não se caracteriza por uma adesão aleatória. O vínculo *ad infinitum* é fundamental para que o clubismo funcione plenamente, mas isso só é possível de ser entendido tomando-se o clubismo em perspectiva semiológica. Isto implica pensar que é o sistema de pertencas que sugere, e até mesmo constrange, determinadas atitudes. Se você ama o Inter, dirá o sistema, você não apenas o ama acima de todos os outros clubes senão que odeia o Grêmio. (DAMO,

O fato de serem tramas forjadas sob uma relativa autonomia do meio futebolístico, não extingue sua força, mas influencia nesse ambiente as representações que os indivíduos fazem de si próprios e do coletivo do qual fazem parte, a torcida. A leitura de uma realidade futebolística e a atuação social dos indivíduos, ao se tratar do futebol, é em grande parte pautada nesse sistema que reafirma tradições, mas também vive de constantes mudanças.

As dramatizações presentes nas disputas esportivas internacionais seriam uma “nova janela” para observar o nacional. Nesse sentido, o esporte pode ser entendido como uma *zona livre* “espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la exaltación de desempeños físicos (...) permiten la articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar un dominio público oficial y puritano” (ARCHETTI, 2003, p.42).

As *zonas livres* tornaram-se espaços para exercitar a criatividade e para a construção de (novas) identidades. Archetti diz que as competições esportivas internacionais, como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo de Futebol, tornaram-se espaços para a construção da diferença em um novo “mercado” global: o das práticas corporais esportivas.

La globalización temprana del deporte no debe verse como un proceso necesario de homogeneización, sino como un espacio en donde producir imaginarios, símbolos y héroes que establezcan discontinuidades. Las reglas universales y las prácticas son uniformes pero los resultados impulsan no solo las diferencias sino a pensarlas como tales (ARCHETTI, 2001, p. 14).

Sentimentos ligados ao futebol podem ser combustíveis para selvageria e violência como foi no século XX e neste século também, não apenas no Brasil, mas em qualquer lugar que esses sentimentos existam. Nessa direção, a estratégia damatteana de pensar o futebol como “drama social” sem dúvida nos ajuda, desde que não fiquemos engessados nas estruturas sociais e culturais que delimitam esse “drama”. É preciso compreender a paixão do brasileiro pelo futebol como um tema polissêmico, tensionando e historicizando os diversos componentes desse sentimento.

### **3.2-Torcida organizada, uma breve história**

Os vários estudos existentes sobre o tema estabelecem o início das Torcidas Organizadas em dois momentos e em dois lugares distintos: na cidade de São Paulo, entre 1939 e 1940; e na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. O que marca ambos os momentos é a criação de alguma forma de organização da prática torcedora. As torcidas já existiam desde o início do futebol profissional,

mas só na década de 40 é que surgem formas distintas de práticas torcedoras com alguma forma de organização.

Em primeiro lugar, porque não contavam com uma estrutura burocrática e seus vínculos se davam diretamente com o clube de futebol, que muitas vezes financiava suas despesas. Em segundo lugar, porque estavam muito associados a “torcedores-símbolo”, que contavam com grande prestígio junto à imprensa. Nesta época, os torcedores se aglutinavam em torno das lendárias figuras dos torcedores-símbolo, que hoje são utilizados pela mídia para representar um saudosismo e romantismo associado à uniformização e paixão pura do torcedor de futebol.

Eles possuíam uma visibilidade que personalizava a torcida e identificava todo o grupo. Uma época pensada como romântica em que os torcedores viviam um amor pelo clube e acompanhavam de perto, com suas famílias e amigos. Numa época em que era comum os homens se vestirem de terno e as mulheres de longos vestidos para irem assistir ao jogo, o torcedor-símbolo surgiu como um espetáculo à parte e serviu como elemento aglutinador das paixões clubísticas. “O Brasil, que começava a ser identificado como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedor – símbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time (...)” (TOLEDO, 1996 p.23).

A identificação de seus membros era apenas com o “clube do coração”, e não com o próprio agrupamento, como ocorre hoje em dia. Não se envolviam em atos de violência. Pelo contrário, a “Charanga” do Flamengo, por exemplo, condenava com veemência a violência e evitava o uso de palavrões nas arquibancadas.

A animação da “Charanga”, uma das suas características mais ressaltadas, serviu de exemplo às coletividades torcedoras de diversas equipes, principalmente às do Rio de Janeiro. As representações da “Charanga Rubro-Negra” e a partir dela as concernentes a Jaime de Carvalho vinham afirmar um Rio de Janeiro musical, receptivo e capaz de resolver as suas contradições a partir do futebol, da música e da festa, mas sem perder o respeito pela ordem e pelo outro, o adversário. A ascendência moral que Carvalho tinha sobre seu grupo, proporcionou-lhe a alcunha de chefe de torcida, título que era imputado também a figuras emblemáticas e respeitadas das torcidas de outros clubes (HOLLANDA, 2009). Dentre os chefes de torcida, Jaime de Carvalho pode ser considerado o exemplo paradigmático, espécie de tipo ideal, do que então se preconizara como chefe de torcida, com a combinação de aura, de autoridade e de exemplo para os demais torcedores, tendo em vista a reputação em âmbito não só local como nacional. (HOLLANDA, 2009)

(...) [Jaime de Carvalho] por seu estilo cordial e conciliador – tal como o ato simbólico em campo, costumava oferecer uma corbeille de flores às torcidas adversárias e ia ao encontro dos chefes oponentes antes dos jogos em sinal de confraternização, dando uma volta com a

sua charanga no anel das arquibancadas –, logo se tornou uma espécie de torcedor oficial da cidade, incumbido pelas autoridades públicas, por ocasião da Copa do Mundo de 1950, da organização do incentivo à Seleção Brasileira. (HOLLANDA, 2009, p. 108)

Mais do que ser o torcedor-símbolo da “Charanga Rubro-Negra”, Jaime de Carvalho, pelo seu trabalho na organização da torcida durante tantos anos, ganhou o reconhecimento como o representante de toda a torcida flamenguista até a metade da década de 1970. Não existiam eleições na “Charanga” e nem ligações formais com o Flamengo, mas existia o apoio financeiro esporádico do clube, que foi aumentando na medida do sucesso e da representatividade da torcida, fonte de renda que se acresce da contribuição dos adeptos e esporádicos prêmios, principalmente os cedidos pelos jornais da época, notadamente o *Jornal dos Sports* (HOLLANDA, 2009).

As Torcidas Organizadas sob a forma como as conhecemos hoje são um fenômeno relativamente recente, sendo que as primeiras surgiram no final da década de 1960 e início da década de 1970, quando o Brasil ainda vivia sob o peso do regime militar e avançava no desenvolvimento urbano. Foi nesta época que começamos observar a presença de milhares de jovens nas arquibancadas brasileiras com suas vestimentas, modos de atuação e cânticos de guerra próprios. A “Torcida Jovem do Flamengo”, a “Torcida Jovem do Botafogo”, a “Força Jovem do Vasco” e a “Young Flu” surgiram entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970 encontrando-se entre as mais importantes de seus clubes seja em número de participantes, seja pela visibilidade obtida junto à mídia.

Na primeira metade da década de 1990, as torcidas organizadas crescem significativamente. De 1991 a 1995, as principais torcidas organizadas de São Paulo, por exemplo, quadruplicam o seu quadro associativo: a “Mancha Alverde”, do Palmeiras, “salta” de 4.000 filiados para 18.000, a “Independente”, do São Paulo, de 7.000 para 28.000 e a “Gaviões da Fiel”, do Corinthians, de 12.000 para 46.000 (PIMENTA, 2000). Destes novos filiados, a grande maioria era constituída de jovens entre 12 a 18 anos de idade. Na década seguinte, os números de filiados das torcidas organizadas continuaram subindo, e, em alguns casos, praticamente dobraram.

Embora, como veremos adiante, os torcedores organizados brasileiros se diferenciem em muitos aspectos dos *hooligans* – o que faz com que a denominação dada a eles pelos meios de comunicação seja inadequada – podemos apontar algumas semelhanças entre estes grupos. Assim como os *hooligans*, os torcedores organizados são em certa medida jovens oriundos das classes “populares”, não podendo em todo caso generalizá-los como sendo procedentes exclusivamente ou ainda majoritariamente de uma única classe social, ou segmento econômico. Além disto, como os primeiros, possuem um forte sentimento de pertencimento ao grupo. Sentimento que, às vezes, os levam a transgredir as regras legais.

Ainda que a violência não consista no principal aspecto de agregação dos torcedores organizados (TOLEDO, 1996), esta é uma parte constante do repertório de alguns desses torcedores, ainda que estes sejam uma parcela minoritária. Parcela que, em determinados casos, possui ligações estreitas com outras práticas de violência, como a divisão territorial da cidade e com o tráfico de drogas – o que trouxe, principalmente no Rio de Janeiro, uma novidade a partir de 2005: os conflitos entre os torcedores de um mesmo time e até de uma mesma torcida (MURAD, 2007).

# **CAPÍTULO IV - Em campo no campo – Uma Etnografia de Torcida**

“Tudo pelo clube, nada do clube”. (Coletado em diversos depoimentos de torcedores)

## **4.1 Do papel do antropólogo e da torcida organizada**

Se, por um lado, diversos fatores convertem-se em laços entre os espectadores, por outro, a torcida se divide em uma infinidade de tipos de torcedores. Existem aqueles que preferem assistir às partidas no conforto de casa, ou em bares com os amigos, distantes do que julgam como perigos do estádio, mas não é deste tipo de torcedores que falaremos aqui. Falaremos das Torcidas Organizadas, “organizações torcedoras pautadas em projetos coletivos, organizadas espacial e materialmente” (TOLEDO, 1996, p.13). O público da arquibancada também inclui famílias, grupos de amigos, profissionais de imprensa, dentre outros. Cada um destes grupos apresenta maneiras diferentes de torcer, ainda que compartilhem muitas coisas em comum, como adesão afetiva a alguma agremiação, porte de bandeiras durante as partidas, camisas dos clubes, gritos de guerra, hinos, deboche e chacota direcionados a torcedores rivais etc.

Nesta pesquisa, optei pelo referencial antropológico. DaMatta me ajudou justificar essa opção quando, ao escrever sobre o pesquisar nas Ciências Sociais, afirma que a Antropologia é a matéria devotada ao estudo do homem que melhor estabelece uma ponte entre dois universos ou ainda “sub-universos” de significação, sendo tal ponte, ou mediação, realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação. Distanciamento e pertencimento são, portanto, ideias-chave nesta pesquisa. DaMatta nos mostra que, para vestir a capa do antropólogo, é preciso aprender a transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Este método me foi mostrado durante o curso e, com entusiasmo, encontrei-o nas palavras de DaMatta e Gilberto Velho. De acordo com eles, há uma segunda transformação que parece corresponder ao momento presente da Antropologia, quando a disciplina se volta para a nossa própria sociedade, passando a estranhar o familiar. O problema é, então, tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder estranhar alguma regra social familiar e, assim, descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação. O trecho a seguir mostra como foi bem sucedido Velho ao escrever um ensaio sobre sua vizinhança no bairro de Ipanema.

(...) cabe justamente aos antropólogos relativizar essas noções, não negando-as ou invalidando-as ideologicamente, mas apontando a sua dimensão de algo *fabricado*, *produzido* cultural e historicamente. Não se trata de ser nacionalista ou internacionalista, mas sim de chamar atenção para a complexidade da categoria distância e disso extrair consequências para o nosso trabalho científico. (...) O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido.(...) Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado (VELHO, 1991,p.126).

Então provoço aqui uma pergunta, que todos aparentemente sabemos responder: o que seriam as Torcidas Organizadas, qual seria a sua natureza?

Primeiramente, as Torcidas Organizadas são estruturas políticas e jurídicas, tendo CNPJ como “Grêmio Recreativo Social e Cultural Torcida Organiza(...)”; portanto, não são instituições à margem da lei e nem na clandestinidade. Elas possuem estatutos que determinam uma série de regras burocráticas a serem respeitadas, passam por pleitos eleitorais. Assim, têm uma diretoria, um conselho deliberativo e eleições periódicas para presidente, e outra série de cargos, dependendo de qual Torcida Organizada estamos observando. Lembrem, dessa forma, a estrutura de um sindicato.

Ao contrário ao que o senso comum nos tenta a pensar, os membros de Torcida Organizada não são necessariamente violentos, nem mesmos pertencentes exclusivamente às classes mais baixas da sociedade e nem todos são homens. Toda a pluralidade que encontramos em nossa sociedade também encontramos nas Torcidas Organizadas, com suas qualidades, defeitos e vícios, Então quem seriam esses torcedores “organizados”?

Pode-se dizer que os sócios das “organizadas” são pessoas comuns pertencentes às mais variadas classes sociais e tendo como histórias as mais diversas. Observamos advogados, executivos, pedreiros, serventes, professores universitários, estudantes de todos os níveis como membros das Organizadas. Algo em comum os une ao redor delas: o fato de gostarem de futebol, de viverem intensamente o prazer produzido pelas Torcidas, de se sentirem também parte do espetáculo (e serem-no). Vão aos estádios de futebol pela diversão, pela viagem, pela bebida, pela excitação do jogo e alguns até pelo prazer de atos de violência.

Conforme já afirmado, há torcedores violentos fazendo parte das Organizadas. A prática de violência e os embates físico e corporal fazem também parte do ritual desses coletivos de torcedores – embora essa prática não seja de participação obrigatória – assim como confraternizações, churrascos, e toda a sorte de eventos sociais. A imprensa em geral costuma associá-los aos *hooligans* e ao *hooliganismo*.

Nesse momento, é importante pontuar as diferenças fundamentais entre grupos de

torcedores organizados violentos e os *hooligans*, e como estes dois grupos se afastam um do outro na prática da violência (ainda que em ambos os casos o sentimento último é buscar a excitação do combate, descontrolar o descontrolado) simbólica e real. Embora tenham semelhanças, as diferenças também são diversas, fazendo com que cada um desses grupos seja único em sua subjetividade e barbárie. Para essa enumeração tive como base o depoimento de alguns torcedores entrevistados durante o trabalho de campo, ou seja, levo em conta o relato oral de torcedores que participam de brigas, sua autoimagem, sua identificação (ou não) com os *hooligans*, além de todo referencial teórico que foi utilizado em apoio a esta dissertação.

Os torcedores de Organizadas, quando em entrevista, apontaram que, diferente dos *hooligans*, eles não primam pelo anonimato e nem pela transgressão deliberada e irracional. Há uma racionalidade, muitas vezes encontros com hora e local marcados, e em muitos casos é motivo de orgulho o torcedor específico “x” ser conhecido como viril, ganhando status na sua Torcida e o respeito das adversárias, ao serem assim reconhecidos como “tendo disposição na trocação”. Os *hooligans*, embora possuam uma forte estrutura hierárquica entre seus membros, também construída através de performances masculinas e viris, não constituem grupos ou organizações formais; ao contrário, são bem próximos da informalidade e clandestinidade. Já os vínculos entre os torcedores organizados visam principalmente à troca de apoio e infraestrutura, sendo instituições reconhecidas juridicamente e com estrutura burocrática formal.

Quando uma Torcida Organizada viaja para assistir a seu clube em outra cidade ou Estado, ela é frequentemente recebida por alguma torcida organizada local considerada irmã/aliada, fato que dizem não acontecer entre os torcedores *hooligans*. As torcidas do Palmeiras e do Vasco nos fornecem aqui o exemplo mais emblemático dessa aliança entre torcidas irmãs: na final do Campeonato Brasileiro de 1997 entre os dois clubes, a despeito da rivalidade e da importância do evento, ambas as torcidas entraram juntas e abraçadas tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Além disto, quando o jogo foi em São Paulo, os palmeirenses compraram ingressos para os vascaínos e, quando foi no Rio de Janeiro, os vascaínos compraram para os palmeirenses.

Os torcedores organizados contam com uma sede oficial, além de outros núcleos espalhados pela cidade (dependendo da aderência ao clube podem-se encontrar sedes em diversos Estados do território nacional, ou até mesmo em outros países, como no caso da “Young Flu” que tem um núcleo localizado nos Estados Unidos). Enquanto entre os *hooligans* as reuniões se dão de maneira informal em bares ou pubs, onde se confraternizam, exageram no consumo de bebidas alcoólicas, etc. Nas sedes das Torcidas Organizadas também se bebe e são promovidos eventos como festas, churrascos e reuniões.

Talvez a principal característica que diferencia estes grupos é que os torcedores

organizados utilizam vestimentas, bonés, camisetas, jaquetas etc., desenvolvem, dessa forma, uma clara padronização estética, que aumenta a unidade afetiva entre seus membros e constrói uma identidade que os relacionam a suas torcidas e times, enquanto que os *hooligans* não utilizam vestimentas que os relacionam a seus clubes, bem como não fazem uso de bandeiras, instrumentos musicais e outros artefatos. Mas nem sempre foi assim. A fim de evitar o controle da polícia nos anos 80, eles substituíram o velho visual agressivo, semelhante ao dos *skinheads*, por um estilo mais “descolado” e “yuppie” com camisas da marca “Lacoste”, moletons “Fila”, suéteres “Armani”, sapatos “Rockport”, etc. (GIULIANOTTI, 2002). Diante disto, podemos dizer que, neste caso, as cores e os símbolos do clube e do próprio grupo não constituem elementos tão fortes, não marcam o reconhecimento de semelhantes e nem a diferenciação entre rivais, ao contrário da função social das vestimentas para os torcedores organizados.

Há mais semelhanças entre os grupos de torcedores organizados do Brasil e as chamadas *Barra Bravas* argentinas. Essas semelhanças ficaram ainda mais fortes com o advento das torcidas organizadas “Movimentos Populares”, de que trataremos de forma mais detida em breve. Entre as características análogas, podemos observar uma relação muito mais próxima com o clube para o qual a torcida em questão torce, ganhos de dividendos financeiros com diversas atividades apoiadas no clube (seja diretamente com a doação de ingressos e sua posterior venda, uso da estrutura do clube para a promoção de eventos, seja com o uso dos símbolos do clube em jaquetas, bonés, blusas, entre outros).

Mas há também uma diferença substancial entre os torcedores organizados e os *Barra Bravas* no que diz respeito ao posicionamento de cada um acerca da violência dentro e fora dos estádios. Enquanto nos sites oficiais de nenhuma das torcidas organizadas brasileiras pude observar qualquer tipo de incitação a violência – ao contrário, há uma defesa aberta pela paz nos estádios –, nos sites dos *Barras Bravas* existem seções dedicadas exclusivamente a narrar as últimas brigas entre “hinchadas” rivais.

Mais uma semelhança entre os *Barra Bravas* e as Torcidas Organizadas se dá na forma como ambos influem na vida política do clube, claro que respeitando as especificidades de cada cultura e o sistema jurídico de cada país. Os clubes de futebol argentinos são organizados como associações de membros particulares, em que os diretores são eleitos pelos membros das torcidas, o que faz com que os membros da diretoria frequentemente busquem o apoio dos *Barras Bravas*. Apoio que, às vezes, termina em crimes, como ocorreu na década de 1990, quando membros da torcida “La 12”, do Boca Juniors, foram condenados por “associação ilícita” e extorsão aos dirigentes do clube (GIULIANOTTI, 2002).

Portanto, podemos estabelecer que há semelhanças evidentes entre esses três grupos de

torcedores, porém diferenças gritantes entre eles. Para que possamos entender o que se passa no Brasil, dificilmente encontraremos respostas com modelos externos, e o que se desnuda aos olhos é a necessidade de categorizar e padronizar condutas por parte de setores da imprensa e do senso comum, construindo um discurso de criminalização das Torcidas Organizadas e padronização de organizações e formas de torcer. Aquela imagem relacionada às Torcidas Organizadas como grupos de pessoas associadas clandestinamente para promover o caos se mostra errônea e equivocada, quando estas se institucionalizaram e passaram a buscar na verdade um lugar dentro do futebol profissional e da sociedade. Assim, as Torcidas Organizadas objetivam sobretudo serem conhecidas e reconhecidas como instituições representativas e legítimas de seus clubes (TOLEDO, 1996). E com isso dialogam e negociam com outras instituições e grupos, tais quais a polícia, a academia e a imprensa, como também participam de eventos oficiais, como o carnaval.

Esta etnografia começa em dezembro de 2012 com o Campeonato Brasileiro conquistado pelo Fluminense Football Club e terminou em meados de novembro de 2013 com o iminente rebaixamento do mesmo clube, no jogo entre Fluminense x Atlético-MG, cujo resultado, o empate de 2x2, praticamente sacramentou o posterior rebaixamento do clube. Estive presente em viagens, eventos, festas, jogos, disputas dentro e fora das arquibancadas, debaixo de chuva e sol. Foi uma empreitada trabalhosa e gratificante.

## 4.2 O campo em campo

Por que Young? Young é jovem. É garra, é dinamismo, é ideal, é vontade de vencer, vencendo sempre, é ser tricolor acima dos demais. É sentir o sangue fluir mais rápido em suas veias e ouvir o seu grito ecoar mais distante (Fonte: Site da torcida Young-Flu).

Juntamente com o aparecimento dos primeiros clubes, podemos observar o aparecimento das primeiras torcidas, e com o aparecimento dessas torcidas, naturalmente surge uma cultura de torcedor, em que a entrada desses novos atores sociais, no qual inicialmente no Brasil se deu através das classes dominantes, e posteriormente das classes populares. Depois vem o aparecimento das “Charangas”, no contexto de ditadura Vargasista, logo temos a derrota da Seleção Brasileira no que ficou conhecido como *Maracanazo* em 50, segue-se um período curto de estabilidade democrática e temos o advento da Ditadura civil-militar de 1964, todos esses fatores contribuindo para abrir novas perspectivas do jogar e do torcer.

O nome “Jovem” tem a ver com a conjuntura do final dos anos 60 e início da década de 70, quando se observava a explosão do movimento jovem, não apenas no Brasil, mas em vários países.

A formação de tais torcidas teria recebido a influência de um contexto mais amplo. As torcidas jovens surgiram exatamente na época em que houve a escalada de poder da ditadura, o advento do AI-5, assim como os mesmos movimentos jovens já citados, o *ethos* do período contra a guerra do Vietnã. De certa forma, foi uma das maneiras que os jovens encontraram para se posicionar contra a repressão da época, criando um espírito diferente nas arquibancadas, de protestar quando o time está mal, de se desvincular dos coletivos organizados de antes, que se apoiavam da estrutura do clube para existir, tal qual a “Charanga” do Flamengo. Então, da necessidade de se fazer frente ao clube, apoiá-lo sem ter necessariamente o apoio respondido, manter-se independente frente à “cartolagem” (Termo que é usado para definir pessoas envolvidas com futebol que não entram em campo, como por exemplo os presidentes, diretores, dirigentes dos clubes, além das pessoas que compõe os quadros das federações e confederações), é que surgem as torcidas jovens e organizadas. Foram denominadas Torcidas Jovens: torcida jovem, força jovem, etc., na qual se enquadra a “Young Flu”, objeto de análise dessa dissertação. Muitos agrupamentos formaram-se a partir de dissidências, sendo comum também a incorporação de torcidas. No caso das Jovens, os torcedores gostam de situar seu surgimento em contraposição às Torcidas Organizadas então existentes, as “Charangas” e Bandas de “velhinhos” (como os fundadores se referem às antigas formas organizadas de se torcer), consideradas submissas ou comprometidas com os dirigentes dos clubes. Deste modo, o que enfatizam é o desejo de serem independentes para se posicionarem criticamente (HOLLANDA, 2009).

Todos esses acontecimentos, esse rompimento com a forma de torcer antiga inaugura uma nova perspectiva de se comportar dentro e fora da arquibancada, dentro dessa concepção “jovem” surge um novo *habitus* torcedor.

O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos prático adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado. Constitui uma espécie de segunda natureza inconsciente, num sentido prático. Enquanto coletivo individualizado pela incorporação do social, ou indivíduo biológico coletivizado pela socialização, o *habitus* não é uma invariante antropológica, mas uma matriz geradora, historicamente construída, institucionalmente enraizada e socialmente variável. O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais; assim, transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites de suas estruturas (BOURDIEU, 2002, p. 68).

A criação das Torcidas Jovens, que posteriormente passaram a ser chamadas de Organizadas, produziu uma reformulação estrutural nas relações entre o futebol profissional e o torcedor. Este último transformou-se, também, em parte do espetáculo e como tal passa a operar no ambiente do futebol profissional de forma mais efetiva. Inaugurou-se assim uma prática torcedora que, além do incentivo ao time, cobrava do clube o investimento necessário para as

conquistas. Acompanhou de perto, como sempre, as transformações pelas quais o futebol passou nas décadas de 80 e início de 90, atravessou mudanças, crises, disputas e chegou aos dias de hoje.

A forma de controlar as paixões para um extravasamento apropriado às finalidades que se propunham e que agora estão associadas de modo mais intencional e complexo às questões políticas materializa-se na organização das torcidas. Elas não são mais restritas às arquibancadas, elas se oficializam como instituições e ampliam o horizonte da construção de uma identidade. O indivíduo, a partir deste momento, não é apenas um torcedor qualquer em meio a constelações de identidades em que se transformava em arquibancada, agora ele se associa a um novo tipo de identidade específico. Apesar de serem coletividades mais autônomas do que muitos outros grupos sociais, de serem mais flúidas e muito dinâmicas, tendo assim os indivíduos somente o clube como fundamento para se associarem coletivamente, e a partir delas passam a exercer grande força política, na medida em que regulamentam e socializam regras de torcer. Elas inauguram uma organização bastante complexa, estruturada em cargos, presidência, conselhos deliberativos e diretorias diversas.

Identidade esta construída no sentido refletido por Zygmunt Bauman (2005). Debatendo a noção de pertencimento, no caso a uma nação, por exemplo, diz que ela se forma a partir de uma tarefa, de um objetivo a ser construído.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativas. Só começaram a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005,p.17-18)

Desse modo, observou-se que, para os torcedores entrevistados, a torcida tornou-se mais importante que o próprio clube, sendo definida como irmandade e família. A paixão traduzida na linguagem torcedora como dedicação, doação, sacrifício, articula-se à disposição para a luta, compreendida como obrigação moral do integrante frente ao agrupamento.

Registradas como Grêmios Recreativos Sociais e Culturais, tais torcidas reafirmam seu caráter de entidades sem fins lucrativos. Todas dispõem de um organograma básico que inclui presidência, diretorias e associados. Um aspecto cada vez mais profissional, ganhando visibilidade quase que como empresas pautadas por uma organização interna e projetos comuns que norteiam suas ações. O grande crescimento desses agrupamentos, na virada dos anos 90, levou-os a dividirem-se por regiões que compreendem bairros, cidades próximas, outros estados e, em alguns

casos, países. Isto significa que tais torcidas têm um caráter extralocal.

Dentro do estádio observamos os líderes, também conhecidos como “os cabeça”, diferenciando-se da “molecada”, jovens entre 14 e 20 anos, uma parte deles apresenta comportamento violento, são os mais animados e dedicados. Essa “molecada” se junta a “garotada” – que é a maioria dos integrantes a torcida e tem idades variadas, desde 14-15 anos até os 30-35 anos - enquanto os “cabeça” têm entre 25 e 40 anos. Além destes, também identificamos o pessoal da “velha guarda”, torcedores ainda mais velhos, que ajudaram na fundação da torcida, alguns presidiram e já fizeram parte da estrutura administrativa. “A velha guarda” em seus depoimentos julga que a “molecada é fundamental”, “é o coração” da torcida, sem eles “não há vibração” e normalmente eles dão a legitimidade necessária para quem está no comando da torcida.

Existe uma pluralidade de “agentes” que assumem diversos papéis nos “jogos” de relações sociais. Há uma rotatividade nas arquibancadas e nem todos os torcedores são tão atuantes ou presentes, ou seja, além daquele grupo fiel de participantes, que podem ser os “quarentões” e “cinquentões” (para manter os termos usados pelos torcedores) da “velha guarda”, ou os meninos de 14 anos da “molecada”, existem aqueles que atuam e aparecem durante certo tempo, há aqueles que são chamados de “povão” e só aparecem em jogos importantes e depois desaparecem, e assim são comparados ao torcedor comum de arquibancada, ou ainda, os que acompanham todo o campeonato, saem e depois retornam. Pude observar também casos de “figuras fantasmas” na torcida que só vão aos jogos sem manter um contato mais direto, e que quando se pergunta sobre aquele torcedor específico, ninguém sabe de quem se trata na torcida.

Os conjuntos de símbolos de cada torcida são compartilhados por seus membros como verdadeiros sinais de distinção expressos em todo o material que produzem. Eles suam naquilo, eles atuam naquilo, negociam com a diretoria do clube, pedem patrocínios de empresas de cerveja, fazem arrecadação de dinheiro entre eles, etc. As camisas, as faixas, as bandeiras e os bandeirões, que são elementos centrais, altamente valorizados pelos torcedores por garantirem reconhecimento e visibilidade, são as principais marcas de beleza estética de uma torcida organizada. Delimitando espaços nos estádios e nas arquibancadas, há as faixas com o nome da torcida organizada, que reiteram identidades ao demarcarem diferenças, não somente entre as próprias organizadas, mas, especialmente, sua distância simbólica dos torcedores comuns (TOLEDO, 1996).

“Há que se considerar a lógica do universo relacional e a dimensão imaginária existentes entre esses torcedores, a sociedade e o futebol” (TOLEDO, 1996, p.55). Isto significa que sobre tais símbolos são projetados noções e sentimentos que estão fora deles, mas através deles se tornam canais dos quais as Torcidas Jovens colocam em foco valores como força, garra, astúcia,

coragem, fidelidade, honra, beleza, grandiosidade, dentre outros.

Dessa maneira, o estádio passa a ser um espaço de disputa quase carnavalesca entre as torcidas, que se embatem para se mostrar mais bela, fiel, harmoniosa que a adversária, criando verdadeiros espetáculos. As competições de futebol oferecem, assim, um suporte expressivo à afirmação destas identidades coletivas.

Existe ainda uma divisão territorial entre as torcidas do mesmo clube. Cada torcida, em função de seu tamanho e prestígio, tem uma localização e direito à colocação de certo número de faixas. A localização das torcidas organizadas no estádio, tanto quanto suas manifestações, indica que este é um espaço tanto de consenso – torcer pelo mesmo time –, quanto de dissenso – as diferentes formas de adesão ao espetáculo futebolístico. Deste ponto de vista, as massas que aí comparecem não podem ser tratadas como homogêneas ou passivas. Vale dizer que este espaço, já segmentado entre as torcidas organizadas de um mesmo time, é compartilhado pelos torcedores comuns, o “povão”.

Como foi dito, as Torcidas Organizadas fazem uso de seus símbolos, sobre os quais atuam de forma dedicada e devotada para a confecção e manutenção: suas bandeiras, bandeirões e faixas. Esses itens têm função bem clara e importância bastante distinta. A quantidade de bandeiras e sua disposição dentro de um estádio definem o prestígio, tamanho e beleza de uma torcida. Elas se tornam mais visíveis de acordo com o uso deste instrumental. As bandeiras têm esta função instrumental de tornar a torcida e seus símbolos visíveis para as outras torcidas, para o time e para os outros torcedores comuns, serem esteticamente notados. Colaboram nesta importante tarefa os bandeirões, talvez o símbolo de maior importância dentro de uma torcida organizada, pois quanto maior, maior o prestígio e tamanho da Organizada, confunde-se com as qualidades morais da Torcida, atrai jovens para se associarem e são objetos de cobiça e inveja dos adversários. Surgiram em meados dos anos 90 e causam espanto a todo o público pela extrema beleza estética que conferiram ao espaço ocupado pelas torcidas dentro dos estádios. Logo que surgiram, houve uma pequena competição estabelecida entre os principais agrupamentos torcedores. Além das bandeiras e bandeirões, as faixas das torcidas também possuem um sentido muito claro. Marcam, ainda que de forma discreta, a presença do grupo e também servem para delimitar os espaços que serão ocupados a cada torcida dentro dos estádios. Algumas poucas pessoas entram antes carregando as faixas e delimitariam um espaço próprio ao tamanho da torcida, que aguardaria o momento de entrar no estádio. Prática que se tornou ritual, surgida de uma obrigação jurídica, que não existe mais, tornou-se ritual. Portanto, as faixas que contêm o nome por extenso dos grupos são utilizadas como endereços na demarcação e delimitação de territórios, nas arquibancadas, nos dias de jogos. Além disso, costumam ser viradas ou colocadas de cabeça para baixo em sinal de protesto, quando há

descontentamento com a atuação do time. Elas também são cobiçadas pelos adversários, devendo ser cuidadosamente protegidas.

A torcida propicia uma espécie de educação sentimental na acepção em que Geertz refletiu quando produziu brilhante trabalho etnográfico a respeito das brigas de galo em Bali, no sentido em que ela constitui um texto cultural capaz de promover certa educação sentimental. Entretanto, a Torcida Organizada efetua esta educação através de rituais que envolvem a festa, a alegria e o prazer, mas também a raiva e o desejo de vingança, sendo a questão da honra/masculinidade central nos discursos.

No caso em pauta, tratar a briga de galos como um texto é salientar um aspecto dela (na minha opinião, o aspecto principal) que, tratando-a como um rito ou como um passatempo, as duas alternativas mais óbvias, se tenderia a obscurecer: sua utilização da emoção para fins cognitivos. O que a briga de galos diz, ela o faz num vocabulário do sentimento – a excitação do risco, o desespero da derrota, o prazer do triunfo. Entretanto, o que ela diz não é apenas que o risco é excitante, que a derrota é deprimente ou que o triunfo é gratificante, tautologias banais do afeto, mas que é com essas emoções, assim exemplificadas, que a sociedade é construída e que os indivíduos são reunidos. Assistir a brigas de galos e delas participar é, para o balinês, uma espécie de educação sentimental. Lá, o que ele aprende, é qual a aparência que tem o ethos de sua cultura e sua sensibilidade privada (ou, pelo menos, certos aspectos dela) quando soletradas externamente em um texto coletivo; que os dois são tão parecidos que podem ser articulados no simbolismo de um único destes textos; e – a parte inquietante – que o texto no qual se faz essa relação consiste num frango rasgando o outro em pedaços, inconscientemente. (GEERTZ, 1989, p.317)

Meu trabalho de campo se inicia em meados de novembro de 2012, quando começo a entrar em contato com as primeiras testemunhas-chave desse projeto. Tinha planejado uma etnografia que percorresse os quatro times considerados grandes do Estado do Rio de Janeiro, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, mas o tempo se mostrou curto para tal, e todas as condições me levaram a percorrer somente a torcida “Young Flu” do Fluminense, mas de forma profunda e com toda a dedicação possível.

A grande pretensão deste trabalho era responder a uma pergunta: qual a relação entre Torcida Organizada e diretoria de clube? Pelo senso comum, poderia ser utilizada uma única palavra: promíscua. Mas será mesmo que esta relação se demonstrou assim? Meus amigos de Mestrado, meus amigos de relações pessoais, meus familiares e toda a sorte de pessoa para o qual contava o objeto da minha pesquisa a entendia como uma etnografia sobre a violência promovida por grupos de torcedores das Torcidas Organizadas. Podemos entender esta ligação direta e imediata entre torcida organizada e violência como justa? Para além do julgamento moral de justo/injusto, ela se mostra verdadeira? Os dados que coletei através da minha pesquisa de campo, de entrevistas informais e semiestruturadas, observação, além do acompanhamento do que foi acontecendo quando se tratava de Torcida Organizada nos jornais e imprensa em geral podem tentar responder.

O ano de 2013 se mostrou como um dos mais violentos na história do Brasil em termos de mortes de torcedores. De acordo com site *Lancenet*, houve cerca de 30 torcedores mortos, além de uma série de feridos, observamos punições aos clubes e cenas de barbárie como as que ocorreram na última rodada do campeonato brasileiro de 2013 no jogo entre Atlético-PR e Vasco da Gama. A imprensa em geral e parte da academia legaram a culpa às Torcidas Organizadas.

Longe de buscar os motivos psicológicos que levam estes indivíduos a brigar e também sem a intenção de propor remédios para esta problemática, e tendo em vista que observei apenas três momentos de confronto, pude ainda assim entender que estes eventos de conflito constroem resultados para além da arquibancada, para além da individualidade dos envolvidos e para além dos clubes em campo, ou seja para além do simples embate físico. Pude observar que as brigas, assim como as faixas, os bandeirões, as bandeiras e o tamanho da Organizadora operam em favor do status de cada Torcida envolvida, assim como de cada membro desta que passa a ter destaque participando de eventos violentos.

A violência nos estádios está presente desde o começo do futebol e a violência das Organizadas tem sua escalada uma década após as formações dos coletivos jovens/organizados de arquibancada. Elas crescem na esteira de diversos fatores estruturais do nosso futebol e da nossa sociedade, e de uma modificação da cultura torcedora. Acredito que eu possa contribuir através de fatos que passei a observar a partir 2012, frutos da etnografia e com o auxílio das reflexões dos autores e estudiosos do assunto para entendê-lo de forma objetiva contribuindo com os estudos da sociologia do esporte e também destacando os vários lados que caracterizam a cultura de arquibancada, em especial das Torcidas Organizadas, assim como ressaltar o fundamental papel destas na luta contra a elitização do futebol, a beleza de seu espetáculo, dentre outros tantos aspectos que não são levados em conta no momento em que essas instituições são postas em debate.

Talvez a chave semântica para entendermos a violência das torcidas organizadas possa ser simplesmente a denominação em que elas dividem seus agrupamentos regionais. Através de tanques, esquadrões, pelotões, exércitos, facções, falanges, gritos de guerra, *slogans*, ritualiza-se uma espécie de combate, os simulacros das batalhas que encontramos em campo passaram para as arquibancadas e outros ambientes de futebol. O universo militar inspira as torcidas, fornecendo-lhes símbolos e imagens que, deslocados de seu campo original, são reapropriados de forma criativa. Isto quer dizer que certos sentimentos, relações e valores são, não apenas permitidos, mas especialmente colocados em destaque, explicitando a tensão e o antagonismo como constitutivos do relacionamento entre estes agrupamentos. A “Torcida Jovem do Flamengo” divide-se em *pelotões*, a “Fúria Jovem” do Botafogo em *canis*, a “Força Jovem do Vasco” em *famílias* e a

“Young Flu” em *núcleos*. Para cada um dos segmentos existe um líder que pode ser indicado ou eleito (a depender da torcida) e cuja função é coordenar seu grupo, servindo como uma espécie de elo, fazendo mediação entre a Diretoria das organizadas e os componentes sob sua responsabilidade. Cabe a ele fazer reuniões, cadastrar componentes, podendo promover festas e churrascos para arrecadar o capital necessário à produção de seu próprio material como faixas, bandeiras e adesivos. Sempre que consideram necessário ou quando solicitado, os diretores comparecem às reuniões para reforçar sua autoridade e autonomia.

O conceito de *descontrole controlado* que Elias e Dunning nos trouxeram é um dos fundamentos conceituais que usei para entender a violência entre as torcidas. Porém, como ambos demonstram na obra *A busca da excitação*, esta violência vai no sentido contrário do processo civilizatório. O perigo, representado pelo confronto físico, cujos resultados não podem ser previstos, permite caracterizar essa sociabilidade como uma experiência de risco, em que o conflito, não sendo espontâneo, está sujeito a um campo de possibilidades explicitado pelas relações de amizade e de inimizade que constituem. Por exemplo, nos dias atuais, as principais torcidas de Vasco e Botafogo não se confrontam mais, estabeleceram uma política de aliança, que em dia de clássico entre uma das duas equipes é evocada, tendo assim ajuda mútua quando preciso.

A paixão vivida na linguagem do perigo revela o lado subterrâneo e imprevisível dessa experiência torcedora. Alguns afirmam que enfrentar a morte, perder amigos, ferir-se fisicamente são experiências que conferem poder frente àqueles que não viveram estas provas, assim como vingar membros mortos em confrontos passados, humilhar a outra torcida (fazendo com que esta fuja) e roubar-lhes símbolos, tais quais como camisas, bandeiras ou o bandeirão, os ditos “troféus”, aumentando o status dos indivíduos que participaram da briga dentro da torcida e entre torcidas, assim como o mesmo da torcida “vencedora”. Revela-se, então, a existência de um *ethos* de virilidade entre estes indivíduos, que assim convertem tais experiências em algo emblemático, motivo de orgulho e vaidade, reafirmando a fidelidade ao grupo.

Geertz argumenta que a briga de galos assume temas: “morte, masculinidade, raiva, orgulho, perda, beneficência, oportunidade” (GEERTZ, 1989, p.206) e ordena-os em uma estrutura globalizante tornando-nos significativos, uma vez que visíveis, tangíveis, apreensíveis, “reais num sentido ideacional” (GEERTZ, 1989; p.206), pois se apresentam como uma imagem, uma ficção, um modelo, uma metáfora, um modo de expressão, encaixando de forma perfeita aos confrontos dos torcedores violentos de torcida organizada.

(...) Como já tivemos oportunidade de ver, a briga de galos se expressa com mais força sobre as relações de status, e o que ela expressa a este respeito é que se trata de assunto de

vida ou morte. O fato de que o prestígio é assunto profundamente sério torna-se evidente em qualquer lugar de Bali – na aldeia, na família, na economia, no Estado (...) Entretanto, é somente nas brigas de galos que os sentimentos sobre os quais repousa essa hierarquia se revelam em suas cores naturais. Envolvidos, nos outros lugares, numa névoa de etiqueta, uma nuvem espessa de eufemismo e cerimônia, de gestos e alusões, aqui eles se expressam sob o disfarce muito tênue de uma máscara animal, uma máscara que na verdade os revela muito mais do que os oculta. (GEERTZ, 1989, p.208).

Durante o mais de um ano no qual convivi com a “Young Flu”, observei apenas três episódios de confronto, sendo um deles interno quando da disputa eleitoral para presidente da Torcida. Porém, a violência simbólica está sempre presente, seja ao diminuir a torcida adversária por meio de gritos de arquibancada, seja para reforçar esse *ethos* masculino; a figura da virilidade quase sempre é usada para mostrar “quem é mais homem” e quem não é. São enfatizados, através dos cantos, a virilidade, a honra, a coragem, especialmente através da desqualificação do adversário, caracterizado como “frouxo”, “viado”, “favelado”. Há na torcida organizada uma sobrevalorização de elementos vistos como positivos dentro do senso comum da sociedade brasileira, no qual o homem e/ou o masculino tem lugar de destaque, assim como a classe a qual se pertence. Entendo a questão da masculinidade como sendo central nesse *ethos* de torcedor, a desqualificação do adversário com “menos macho” aparece quando ele é aquele que apanha, corre, sofre (no caso da torcida do Botafogo, está sempre presente a qualidade pejorativa de “chorões”). O fato do palavrão e do xingamento serem largamente utilizados deve ser pensado como formas de comunicação que fazem parte deste padrão de conduta. Tratam-se de canais através dos quais os torcedores organizados (e não apenas eles, apesar de o fazerem de forma sistemática) expressam suas opiniões, visões e conflitos. Toledo, ao pesquisar as torcidas organizadas do estado São Paulo, observa que se reportam, de maneira dramática, sempre aos temas e características da sociedade brasileira; representação de certa proeminência masculina, códigos de sexualidade, relações de mando e obediência, estereótipos sociais, desigualdades, hierarquias (TOLEDO, 1996).

Outra característica presente nos cantos citados é a valorização de conquistas importantes do passado, com expressões como “Vamos Fluzão/ Vamos ganhar/ eu sou do Clube 30 vezes campeão/vim pra torcer/vim pra gritar/e por você a vida inteira eu vou cantar”, sendo que este “30 vezes campeão” se referia ao predomínio de títulos do Fluminense no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, e quando este fora alcançado pelo Flamengo, rapidamente o canto foi alterado para “tantas vezes campeão”. Essa valorização da memória é um dos fundamentos do ser torcedor e principalmente do ser torcedor de Torcida Organizada.

Gastaldo, em *O complô da torcida* (2005), entende que essa valorização de glórias do seu time vem sempre acompanhada de um retruque (“sou 30 vezes campeão” e um flamenguista afirma “mas eu sou mais”). Ele chamou essa modalidade de embate de *desafio verbal*, quando tratou a respeito da rivalidade entre gremistas e colorados em bares do sul do país. Porém, observamos o

mesmo comportamento para além dos bares, mas também nas arquibancadas :

A interação entre os participantes nesses casos toma a forma de um “par adjacente” (para usar um termo da Análise da Conversa), em que a uma chacota corresponde uma réplica instantânea de um participante da torcida oposta, que aceita e devolve o desafio. Como exemplo, pode ser referido um jogo em que o time do Grêmio entrava em campo, quando um torcedor gremista falou para todos: “Tá entrando o bicampeão da América!” A réplica foi imediata: “Tá entrando a segundona!” A paráfrase irônica alude ao recente rebaixamento da equipe do Grêmio à segunda divisão do campeonato brasileiro, enquanto o enquadre do torcedor gremista aludia a grandes títulos da história do clube: diferentes predicados articulados a uma mesma categoria, manejados como dardos.(GASTALDO, 2005, p. 118)

Desde meados de 2012, quando tivemos alguns conhecidos episódios violentos vinculados às torcidas na cidade do Rio de Janeiro, o Ministério Público e a Polícia Civil fluminense têm se mostrado menos coniventes com atos de violência por parte de torcedores, culpando assim os torcedores organizados. Nesse contexto, foi assinado um termo de ajustamento de conduta<sup>14</sup>, no qual os principais dirigentes de torcidas organizadas passariam a responder criminalmente por eventos violentos em que se encontrarem envolvidos. A partir daí, o comportamento das Torcidas Organizadas modificou um pouco.

Nessa conjuntura, como me foi confidenciado por um membro destacado da torcida “Young Flu”, os presidentes e vice-presidentes das principais Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro se reuniram “na dichava” (de forma secreta) e entraram em comum acordo com relação a brigas: não haveria mais confrontos marcados, pelo menos no período em que o TAC estivesse vigente. O TAC funcionou como um mecanismo que selou a “paz” entre as torcidas. Fato foi comprovado numa cena que presenciei: torcedores do núcleo da Baixada Fluminense se encontraram na ida ao Estádio Olímpico João Havelange – Engenhão – acidentalmente nos trens da Supervia com torcedores da torcida “Jovem Fla” – torcida do arquirrival Clube de Regatas Flamengo – que voltavam de um jogo no estádio de Moça Bonita, no bairro Bangu, e foram protagonistas de uma violenta briga, que para a sorte de dirigentes de ambas as torcidas não chegou a ser publicada na mídia, nem mesmo chegou ao conhecimento da polícia. Como consequência, Leandro Campinho, ex-presidente da torcida, oficialmente ex-membro, informalmente quase tão importante quanto o presidente, não permitiu a entrada destes torcedores no estádio, retirando-lhes o direito que tinham de adentrar ao estádio com o restante da Organizada.

Este torcedor por força de um acordo com a justiça não poderia mais fazer parte de forma oficial da Torcida, pois respondia a um processo penal (fato que não foi me detalhado de forma mais específica), porém este mesmo tinha muito poder perante os membros mais agressivos da

“Young Flu”, o que por consequência lhe conferia um poder de fato. Toda a palavra final sobre alguma decisão por parte da Organizadora passava por ele, os “conchavos” (acordos) com a polícia tinha ele envolto, e o presidente Riquinho sempre pedia conselhos a Campinho. Neste episódio especificamente da briga entre torcedores nos trens da Supervia, como já foi dito, quem impediu a entrada desses meninos, que faziam parte da “molecada” da Baixada no estádio, e puniu o chefe deste Núcleo regional foi exatamente ele, Campinho, ex-membro, ex-presidente da torcida, porém uma força que sempre deve ser levada em conta no contexto em que essa etnografia fora produzida. Apesar do que foi debatido antes sobre a relação desses episódios com o *ethos* masculino e masculinizante da conduta torcedora, há alguns outros fatores que colaboraram para a diminuição de episódios de violência entre grupos torcedores no Estado do Rio de Janeiro. As Torcidas Organizadas estão atentas ao fenômeno de criminalização delas próprias, veem isto como uma tentativa de higienizar os estádios para uma posterior elitização (elitização que vemos caminhando a passos largos). Podemos citar, por exemplo, quando da privatização do Maracanã, o consórcio vencedor estabeleceu uma cartilha de conduta dos torcedores, o que fez com que as Organizadas se unissem, para pressionar clubes, federação, exercendo seu poder político, contra este processo de modernização dos estádios, que tem em vista a Copa de 2014 no Brasil, e a criminalização dessas Torcidas Organizadas. Modernização esta que viria afetar práticas culturais inventadas e consagradas nas arquibancadas, para além somente das práticas das organizadas, comportamentos que passaram a simbolizar algo a ser superado, evidenciando outra concepção de ser torcedor, valorizando-o como espectador e não protagonista, com discursos em que são enfatizados o conforto e a segurança individual. “O Maracanã não é teatro” muito se ouviu isso, “querem que a gente venha para os estádios de terno e gravata”, vários relatos nesse sentido me foram confidencializados por testemunhas.

14 Os Termos de Ajustamento de Conduta ou TACs são documentos assinados por partes que se comprometem, perante os procuradores da República, a cumprirem determinadas condicionantes, de forma a resolver o problema que estão causando ou a compensar danos e prejuízos já causados. Os TACs antecipam a resolução dos problemas de uma forma muito mais rápida e eficaz do que se o caso fosse a juízo. Rápida, porque uma ação judicial geralmente leva anos até chegar à decisão judicial definitiva em razão dos inúmeros recursos existentes; e eficaz, porque os direitos protegidos na área da Tutela Coletiva, pela sua própria natureza, necessitam de soluções rápidas, sob pena de o prejuízo tornar-se definitivo e irreparável. É claro que, em alguns casos, se a parte demandada não cumpre o combinado, o MPF se verá obrigado a levar o caso à Justiça. A sua diferença para os acordos judiciais é que estes são firmados no curso de ação judicial já proposta, e, por isso, devem ser homologados pelo juiz federal que preside o julgamento da causa. Mas, tanto o TAC quanto o acordo judicial têm o mesmo objetivo: abreviam o processo, com a assinatura de um compromisso da parte ré, concordando com o que é proposto pelo Ministério Público. Se essa parte desrespeitar o acordo, não cumprindo com as obrigações que assumiu, o procurador da República pode entrar com pedido de execução, para o juiz obrigá-la ao cumprimento. Fonte: Página do Ministério Público Federal da Bahia – <http://www.prba.mpf.mp.br/paraocidadao/pecas-juridicas/termos-de-ajustamento-de-conduta>

Dentre algumas das condutas presentes na cartilha estavam: proibição de instrumentos de percussão e de alguns tipos de bandeiras e a obrigação de que todos os espectadores assistam ao jogo sentados, ou ainda a proibição que o torcedor assista a partida sem camisa. As Organizadas, tão criticadas pela opinião pública, foram de suma importância frente à impotência e passividade dos clubes no processo. Além da derrubada de tal cartilha, as Torcidas receberam novamente seus lugares cativos que são demarcados pelas faixas.

Além da passividade dos clubes nesse episódio e a combatividade das Organizadas, observamos a grande atuação da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – FTORJ<sup>15</sup>, buscando estabelecer um canal de comunicação com autoridades, clubes e torcidas, defendendo o interesse dos torcedores e definindo ações coletivas entre as torcidas (que são consideradas rivais), contando inclusive com a participação de alguns movimentos populares.

De acordo com a antropóloga Rosana Teixeira em seu artigo “Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro” (2013), o surgimento dos chamados movimentos populares de torcedores, se deu a partir de 2006 no Rio de Janeiro e revelou discordâncias em relação ao tipo de ação das Torcidas Organizadas e a defesa de uma forma de sociabilidade torcedora distinta, que indicam novos sentidos atribuídos à paixão pelo futebol, criticando o aparelhamento das torcidas por parte das direções dos clubes.

No Rio de Janeiro, o fenômeno se desencadeia especialmente a partir de fevereiro de 2006, com a criação do movimento “Loucos pelo Botafogo”, seguido da Urubuzada, Guerreiros do Almirante e Legião Tricolor. Chama atenção inicialmente, nos relatos dos integrantes o desejo de distinguir-se do modo de torcer das organizadas, manifestando o objetivo de inaugurar outra sociabilidade em relação ao futebol, em que a paixão aparece sob o idioma da loucura, devoção e não do perigo, em uma clara demonstração de evitação e distanciamento do estigma de “torcedor violento” por elas representado (...) Definindo-se como “movimentos de arquibancada”, “sem rixas”, pretendem fundar um “novo conceito de torcida”. Uma espécie de mito de origem se desenha nas falas dos torcedores entrevistados: resultado da reunião de amigos, alguns inclusive ex-integrantes de torcidas organizadas, identificam entre seus objetivos: unir a massa torcedora (sem subdivisões), incentivar o time (“cantar é obrigatório, não importa o placar”; “paixão é participação”), a valorização do torcedor como “patrimônio” (cuja integridade física deve ser preservada) e o “fazer festa”, traduzida no incentivo incondicional através dos cânticos, na afirmação da identidade clubística, em detrimento da paixão pela torcida, recusando segmentações, além do repúdio à violência. (TEIXEIRA, 2010).

15 A Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro foi criada com o objetivo de promover o diálogo entre as instituições sediadas no Estado e as autoridades. Inspirada no trabalho realizado pela ASTORJ, Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, criada em junho de 1981 e dissolvida antes do início da década de 90, a FTORJ busca garantir o direito e fazer cumprir os deveres dos torcedores e dos integrantes de torcidas através da soma dessas forças de arquibancada. Para mais informações ver: <http://ftorj.wordpress.com/>

Teixeira (2013) observa que os ditos movimentos populares – que tem no Fluminense Football Club seu maior exemplo de sucesso na torcida “Legião Tricolor” –, ao contrário do que discurso dos movimentos populares tributam, não apresentam muitas diferenças em relação às Torcidas Organizadas, não sendo grupos radicalmente distintos, com identidades claramente demarcadas e antagônicas. Muitos ex-torcedores organizados participam do processo de formação e fundação dos movimentos, e assim práticas vão sendo incorporadas, rejeitadas, experiências anteriores servem de referências na sua constituição.

Em muito se parecem com o advento das Torcidas Jovens nos estádios quando estas advogaram uma nova forma de torcer frente à anterior (das “Charangas” e bandas), independentes das diretorias e dos vícios que as outras sofriam. Pode-se afirmar que há um a espécie de eterno retorno às práticas violentas, paternalistas e de uma cultura torcedora voltada ao clientelismo. No caso específico do Fluminense, pude observar integrantes da “Legião Tricolor” comercializando ingressos cedidos pela diretoria, assim como a participação de seus fundadores no apoio à eleição do atual presidente tricolor – Peter Siemsen – também como da sua inflamada campanha para a reeleição dele. Dividindo assim prebendas concedidas pela diretoria tricolor a “Young Flu” e “Força Flu”, torcidas que são alvo de suas críticas e cujas práticas foram razão do rompimento em busca de uma suposta nova forma torcedora.

De acordo com Teixeira esses torcedores, quando entrevistados deixam marcado em seu discurso o desencanto, decepção, a percepção de uma crise traduzida pela sensação de esgotamento em relação ao modelo representado pelas torcidas organizadas. Mas as práticas torcedoras para além das novas – aquelas com muita influência do torcedor Barra Brava argentino – tanto das jovens quanto dos movimentos populares dividem símbolos comuns centrais em sua cultura torcedora : as bandeiras, bandeirões, a bateria, a camisa. “Falam de poder, honra e perigo. Além disso, tais estilos torcedores criados e propagados a partir das arquibancadas revelam a dimensão do aprendizado cultural que envolve esses processos identitários implicando engajamento, dedicação, disciplina” (TEIXEIRA, 2013).

Em uma partida pelo campeonato Estadual do Rio de Janeiro do ano de 2013, no Estádio de Moça Bonita, em Bangu, encontrei uma dinâmica diferente da usual. Normalmente chegava aos estádios, encontrava os membros da “Young Flu” (quando não na sede) e participava com eles dos preparativos dos jogos, assim como comprava meu ingresso repassado gratuitamente a torcida pelo preço da meia entrada. Chegando ao local usual de encontro, não consegui encontrar nenhum dos membros da Torcida com quem mantinha contato mais próximo. Soube, então, por telefone, que não houve distribuição de ingressos gratuitos pela diretoria do clube, de maneira que esta não distribuição desencadeou uma ausência em massa “Young” em represália. Quando estive no estádio,

observei a quase ausência das Torcidas Organizadas do Fluminense Football Club, estranhamente apenas a “Legião Tricolor” – que usualmente fica localizada à direita da “Young Flu”, sempre localizada na parte central da arquibancada tricolor, com mais pessoas, já que as outras apenas estavam representadas por poucos torcedores, e suas faixas espalhadas pelas grades da arquibancada demarcando território e presença.

Avistei Marcelo, membro bem antigo da “Young Flu” e um dos responsáveis pela venda de camisetas e outros acessórios desta torcida. Quando perguntei onde estavam os “outros” ele prontamente me respondeu : “Sem ingresso, sem Torcida, só torcedor comum”. Eles estabelecem claramente que há uma dicotomia entre torcedor organizado e torcedor comum. As Torcidas, à medida que ganharam autonomia em relação aos clubes, tomaram para si e (re)significaram não só as cores, mas todos os símbolos que caracterizavam os respectivos clubes. São elas, hoje, o elemento proporcionador da identidade, da unidade, do sentimento de segurança. Um integrante de uma Torcida Organizada não diz “sou torcedor do Fluminense”, mas diz “sou membro da „Young Flu“, torcida do Fluminense”.

Este comportamento me faz referência o conceito de *campo* de Bourdieu. Para que o campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanes do jogo, dos objetos de disputas, etc. Segundo Bourdieu, uma sociedade não forma uma totalidade única, integrada por funções sistemáticas, uma cultura comum, conflitos entrecruzados ou uma autoridade global, mas consiste em um conjunto de espaços de jogos relativamente autônomos que não podem ser remetidos a uma lógica social única. Cada um desses espaços constitui um campo – econômico, político, cultural, científico, jornalístico e porque não torcedor, ou seja, um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional que, à maneira de um campo magnético, é dotado de uma gravidade específica, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que nele penetram. Assim, nenhuma ação ou produto dela – seja um enunciado, uma criação estética ou tomada de posição política –, pode ser diretamente relacionada à posição social de seus autores, pois esta é sempre retraduzida em função das regras específicas do campo no interior do qual foi construída. Todo campo refrata as forças externas, em função de sua estrutura interna.

Nos diferentes campos, existe uma correspondência entre as divisões objetivas do mundo social – notadamente entre dominantes e dominados – e os princípios de visão e divisão que os agentes lhes aplicam. As divisões sociais e os esquemas mentais são estruturalmente homólogos, pois são geneticamente ligados. A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo. E chegamos, assim, a outro conceito fundamental para Bourdieu – o de *habitus* – que, conjuntamente com o de *campo*, constitui, por assim dizer, a espinha dorsal de sua teoria. Os conceitos de *habitus* e *campo* são relacionais, no sentido de que só podem funcionar um em relação ao outro. (BOURDIEU, 2002, p,68)

Aqueles que, num estado determinado de relação de força, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder e da autoridade específica característica de um campo, tendem a estratégias de conservação – aquelas que nos campos da produção de bens culturais tendem à defesa da ortodoxia -, enquanto os que possuem menos capital (que frequentemente são também os recém-chegados e portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem à estratégias de subversão – as da heresia (BOURDIEU,1983 p.90)

Ainda no contexto de meu trabalho de campo, no jogo Fluminense x Grêmio-RS, pela Taça Libertadores da América pergunto a Campinho, o mesmo que protagonizou o episódio com os meninos da Baixada Fluminense, sobre a possibilidade de ir de ônibus no jogo de volta na cidade de Porto Alegre – RS. Ele me responde: “Cara, a diretoria não deve liberar ônibus para a gente, esse TAC tá nos fodendo. Estamos mais fracos que nunca.” Ainda me confessou a gana que estava para chegar em Porto Alegre e enfrentar torcedores organizados gremistas. Aparentemente, lá o TAC não tem efeito.

Neste momento me contam diversos relatos de viagens e caravanas, quais torcidas são amigas e quais não são, de que maneira são recebidos pelos policiais locais e relatos de brigas é claro. Remeto-me então, através desses relatos, ao conceito de *aguante* que versa sobre a honra individual e a honra em grupo dialogando com os relatos de violência dos torcedores. Alguns torcedores me confidenciaram que, quando em viagens, jogando fora de casa, devem unir-se a torcidas de aliados na briga e mostrar disposição para o enfrentamento, pois estavam lá representando a torcida “Young Flu”, fortificando a amizade e mostrando que eram firmes e “homens”.

Como efeito do TAC, as brigas, as invasões violentas de vestiário, a depredação do espaço público e tantas outras categorias de eventos violentos nos quais as Torcidas se colocam presentes, não têm ocorrido. Como consequência disso, certos privilégios têm diminuído e o poder das Torcidas Organizadas ao que parece também, e isso passa a ser objeto de preocupação de pessoas que se utilizam dessa dinâmica para lucrar.

Outro dirigente da torcida me confessou mostrando sua preocupação com a situação atual da Torcida, mas salientando que não devo expô-lo por razões de sua posição destacada em meio à Organizada:

Sabe aquele torcedor menor de idade da Gaviões da Fiel que confessou ter disparado o sinalizador na Bolívia? Ele é „boi de piranha”, vai receber da torcida o pagamento integral em qualquer faculdade de sua escolha, para qualquer curso. Ih, filhão, a Gaviões rende R\$30.000,00 por dia, eles são uma empresa, não ficam de “mizérinha” com diretoria feito nós aqui do Rio (trabalho de campo).

Passei a entender a violência entre as torcidas como capital simbólico. A Torcida tem mais

força ou menos dependendo de seu tamanho. Muitos pensariam que seu poder estaria relacionado a seu tempo de existência ou tradição, mas temos exemplos de torcidas antigas e anteriormente muito importantes e fortes politicamente que hoje em dia não o são, como a “Torcida Organizada Vasco” (TOV) e a “Torcida Jovem Botafogo” (TJB). Em contrapartida, podemos observar uma torcida recente nos estádios com um capital político muito grande: a “Fúria Jovem” do Botafogo.

Esta dinâmica funcionaria mais ou menos assim: quanto mais violenta a torcida se mostra, mais jovens ela tem capacidade de atrair. Eles se filiam buscando aumento de status social e proteção, por mais contraditório que isso possa parecer. Quanto mais jovens dispostos a lutar por esta torcida, mais força ela ganha; em consequência, mais capacidade de criar inconveniências e desestabilizações dentro do clube, ao redor dos estádios e na rotina da cidade. Quanto mais capacidade de desestabilizar o ambiente do clube, mais privilégios ela ganha, em troca de favores – como, por exemplo, apoiar um ou outro jogador, dirigente, ou até mesmo o contrário. E, por fim, quanto mais privilégios ganha, mais forte ainda se torna, criando um mercado de privilégios, em que seus diretores de destaque lucram e esses rendimentos, ao que tudo indica, são repartidos com pessoas do clube. Ou seja, a violência de uma Torcida Organizada funciona como mecanismo de barganha, e quanto mais violenta essa se mostra, mais as pessoas que as controlam têm a ganhar.

Os dados que coletei no trabalho de campo me mostram que essa é uma das faces da violência das Torcidas Organizadas no Brasil, ao menos no Rio de Janeiro. Deixo bem claro que não é a única, porém é uma das pontes que ligam e demonstram a relação entre elas e as diretorias de clube de futebol, além, é claro, de ter a tradicional e suspeita ligação com o clubismo, a violência não é anômala dentro da mesma lógica. A violência simbólica é parte constituinte deste código de pertencimento, inicialmente por ter entre suas bases a rivalidade, que tem diferentes níveis de permissividade na sociedade contemporânea, mesmo a violência simbólica tem sido reprimida mais assiduamente, nas tentativas de elitização dos estádios e higienização da conduta torcedora.

A violência funcionaria assim nesses termos de uma forma diferente daquela que tem como fundamento o clubismo e/ou a virilidade, enquanto as consequências destas primeiras seriam necessárias e até mesmos desejadas, sendo racionalmente premeditadas, as consequências do empoderamento das torcidas organizadas, através dos mecanismos de violência que promovem, seriam de natureza externa a estes fatos, “a molecada” não vai a combate pra ter mais ingressos gratuitos aos jogos, ela não se põe em risco atrás de prebendas que a Organizada venha a receber, a estas vão a combate defender a sua honra e de sua torcida, assim como desmoralizar a torcida adversária.

Devemos salientar um contraponto: em nenhum momento podemos vitimizar o clube. O clube não é refém da torcida, o clube é patrocinador, incentivador e faz uso dela quando necessário,

pois a Torcida Organizada atrai pessoas ao estádio (mesmo que o discurso médio diga o contrário), arregimenta novos torcedores e mantém as tradições e a cultura torcedora viva. Enquanto as diretorias de clube tem se norteado por discursos modernizadores e de uma gerência profissional, a prática desmente: ingressos para as torcidas amigas, ônibus para as torcidas aliadas, reuniões com os presidentes das torcidas para decidir os rumos dos clubes, disputa do apoio delas em tempos de disputa eleitoral, o uso político da capacidade de desestabilizar o clube quando necessário, assessoria jurídica, dentre outras.

Posso concluir que não existe o “monstro” Torcida Organizada sem apoio das diretorias, em contrapartida existe futebol, existe clube e torcida, indiferente ao apoio ou não de dirigentes, diretores amadores ou profissionais e outro gênero de pessoas que se infiltram nesse meio.

### **4.3 Economia simbólica dos ingressos**

Durante todo o meu trabalho de campo, pude observar o aumento do fluxo de torcedores da “Young Flu”, e sua diminuição, para além dos resultados em campo. Em tempos de aproximação com a diretoria do clube, havia mais ingressos disponíveis à Torcida, em tempos de relaxamento dessa relação, menos ou até nenhum. Neste tempo de um ano de etnografia, observei e defini a torcida “Young Flu” como de situação, porém não tendo seus membros oficialmente como parte da direção do clube, mas presentes (até por serem sócios e por isso com voz ativa na estrutura administrava) no conselho deliberativo, sendo chefes de delegação na Copa Libertadores da América (o jogo em questão foi no Chile contra o time do Huachipato).

A Torcida Organizada normalmente tem direito por parte das diretorias a uma cota de ingressos, destinados a ela de forma gratuita. Esses ingressos, uma vez nas mãos das torcidas, tornam-se uma forma de autofinanciamento, além das atividades sociais como festas, eventos e viagens, vendas de material como camisas, agasalhos, bonés, chapéus entre outros, tanto com o logo das torcidas, assim como material utilizando símbolos do clube de forma licenciada e também numa permissão gratuita, através das quais as torcidas se remuneram. As Torcidas Organizadas, que supostamente existem para dar apoio ao time de forma irrestrita e que seriam compostas por torcedores mais fiéis que outros, num código de valores diretamente ligados à masculinidade, vão muito além disso: são instituições num sentido jurídico sem fins lucrativos, mas se mostram verdadeiras empresas geradoras de lucro. Em diversos jogos estive presente, supostamente de forma gratuita, mas o valor do bilhete de meia entrada me foi cobrado. Quando não na entrada do jogo, mas logo durante o intervalo e meu nome foi anotado num rudimentar balancete contábil. Nas

diversas vezes em que perguntei para o que servia aquele documento, me foi respondido que era uma prestação de contas para alguém de dentro do clube. Porém, em alguns casos, entrei de forma gratuita e não me foi cobrado, fazendo com que o balancete em questão não fosse tão preciso.

Ainda estes ingressos que são repassados às Organizadas de forma gratuita, como observamos, existe um mecanismo que busca maximizar lucro, sendo estes cobrados no valor da meia entrada para os torcedores associados da Torcida. Ainda que de uma forma rudimentar e orgânica, é muito semelhante a estruturas capitalistas precárias em que os limites da formalidade e informalidade são tênues, por exemplo, camelôs, guardador de carro, cambistas, etc.

Tudo isso sugere que há uma relação de mercado entre as Torcidas Organizadas e as diretorias de clube, e esta pode ser compreendida como informal. Observa-se que o torcedor uniformizado, como já mencionado antes, recebe uma série privilégios que podem ser entendidos como um clube de vantagens, e para tal, em retribuição eles prestam-se à troca de favores com dirigentes interessados em crescimento pessoal, que não se importam que em isso possa ser em detrimento do clube que representa. Como exemplo disso, podemos citar novamente a briga entre as torcidas “Fanáticos” do Atlético-PR e “Força Jovem Vasco” em Joinville, no qual ambas diretorias cederam os ônibus e ingressos a essas torcidas, e em consequência da briga o clube do Vasco perdeu um patrocínio de R\$8.000.000 anuais (oito milhões de reais), sem mencionar seus torcedores feridos e a imagem arranhada do Clube.

Entendo que há diversos motivos para demonstrações de força por parte das Torcidas Organizadas, mas em meio ao campo e suas consequências notei um encaminhamento lógico em que a luta corporal e demonstrações de masculinidade se mostram bem efetivas e profícuas, havendo assim consequências indo além do simples ato de se mostrar mais homem que outros, sendo apropriadas para outros fins, ainda que de maneira inconsciente. Quando uma torcida é notoriamente violenta, sua reputação gera dois tipos de sentimentos, um de repulsa e outro de atração. O sentimento de repulsa afasta as pessoas comuns do estádio, gera medo em famílias e alimenta o discurso jornalístico repetitivo a respeito do fenômeno das Organizadas. Mas esse sentimento ainda que em termos do discurso oficial nas Organizadas é rejeitado, não oficialmente é muito bem-vindo, pois quanto mais repulsa causada, mais força é lograda. Portanto, a má fama de torcida violenta traz retorno em diversos sentidos: em termos políticos, há resultados em maior penetração no clube e maior grau de barganha para alianças com “torcidas irmãs”. Punir o clube em si quando em casos de violência em vez de enfraquecer as práticas negativas de barbárie de alguns torcedores das torcidas organizadas, pelo contrário reforça o poder de quem faz uso desse expediente e enfraquece os setores contrários a essa prática dentro das organizações.

Como pude observar essa economia informal de ingressos se dá de uma forma simples, um

“cambismo” semi-oficial. Transitam assim, entre a formalidade e a informalidade. Eles recebem ingressos, e não há nada de ilegal nisso, mas os revendem ao preço de meia entrada, com direito a fila específica no estádio com maiores facilidades. Sendo assim, têm retorno financeiro vendendo algo que lhes foi dado de forma gratuita, assegurando a entrada de membros mais destacados de forma gratuita. Esse “cambismo” tem uma estranheza que não pude descobrir em campo, há um controle de quem compra esses ingressos numa espécie de balancete contábil, e esse documento é remetido ao clube, ou a alguém no clube. Além de capitalizar a torcida, há pessoas dentro do clube que parecem enriquecer de forma estranha com essa política de doação/venda de ingressos. Fazendo assim um duplo movimento, o primeiro que é capitalizar a torcida e permitir que algum dos “seus cabeça” viva desse “barato” que é torcer, o outro é reforçar a hierarquia dentro dela, já que é um sinal de status perante seus pares quando se consegue o ingresso gratuito de forma gratuita.

O sentimento de atração é consequência dessa repulsa. Indivíduos são acolhidos, procuram a torcida e fileiras e mais fileiras de pessoas prontas para briga em nome de uma torcida, em busca de status, para se mostrar viril. O desempenho desses indivíduos em batalhas lhe conferem mais “moral” dentro da torcida e facilitam uma ascensão hierárquica e, dependendo também de seus dotes políticos, ocupar cargos de relevância dentro da organização. O meu estranhamento maior é que nenhum sujeito em nenhum momento se negou a falar de violência, mas quando o assunto se trata de política poucos se prontificam a colaborar. Creio que estes julgam que se reivindicar como agentes políticos seja moralmente negativo, e quanto a agentes promotores de violência não. Quanto mais filiados a Torcida tem em seu quadro, mais força consequentemente tem para barganhar privilégios junto ao clube, e ao mesmo tempo tem mais gente disposta a receber ordens de todos os fins para a contrapartida dessa relação.

A etnografia me mostrou, portanto, que fazer parte de uma Torcida Organizada traz muito mais “retorno” que ser sócio do clube, que é um tipo de relação mais fria e distante. O sócio-torcedor tem direito a regalias tais como ingressos mais baratos, promoções dentro e fora do estádio, mas mantêm-se ali uma relação entre cliente e prestador de serviço, uma relação fria, em que esse torcedor é compreendido pelo clube como um consumidor portador de certos direitos a serviços, na via contrária ocorre o mesmo, o clube se comporta como empresa e nessa relação em busca de otimização (pelo menos em tese) de ganhos financeiros, procurando prestar da melhor forma os serviços prometidos em nome da fidelização, ou seja, a fidelização só vem após o serviço prestado, e isto somente quando com qualidade. O torcedor organizado por sua vez tem como premissa inicial já ser fiel ao clube, ou em muitos casos a torcida, essa fidelização não exigiria nada em troca, algo que durante o período em que vem se empreendendo esta pesquisa tem se comprovado não verdadeiro. Existe uma relação muito semelhante à sindical, no qual os “cabeça” da torcida servem como

interlocutores entre ela e o clube, assim como os chefes sindicais entre patrão e trabalhadores.

A grande pretensão deste trabalho era responder a uma pergunta: qual a relação entre Torcida Organizada e diretoria de clube?

Quando se deu a suspensão da Young Flu das arenas esportivas no Estado do Rio de Janeiro, acompanhei se haveria alguma ajuda jurídica por parte do clube, e não houve. Ainda assim pode-se afirmar que há uma relação sim, mesmo que não neste caso específico.

Os “cabeça” da Torcida têm participação na vida do clube. Participação política ou, em alguns casos, trabalhista – membros da “Legião Tricolor” trabalham na assessoria de imprensa do Fluminense –. No caso da Torcida que foi meu objeto de estudo, “Young Flu”, não vi uma participação trabalhista no clube, mas uma relação paternalista, em troca de apoio e paz por parte da torcida, até mesmo porque o ano de 2013, para o futebol, foi muito conturbado.

A diretoria repassa muitos ingressos à torcida, disponibiliza ônibus e avião para viagens/caravanas, em um caso até mesmo a nomeou um integrante da Young Flu com a chefia de delegação no Chile, licenciam a marca e o escudo em troca de nada para a torcida. Nas viagens internacionais (em que eu infelizmente não estive presente), até acomodações de hotel foram disponibilizadas, enfim, toda uma estrutura para que a Organizada consiga existir e se sustentar de maneira “independente”, e ela o faz e bem.

Alguns membros da cúpula diretiva da “Young Flu” vivem da torcida, não têm ocupação formal, estão sempre presentes na sede, nas festas, nos eventos e no clube, alguns me relataram que vivem de “bicos e *freelas*”. Já outros assumidamente dizem viver da torcida, que ao contrário do clube sempre apresenta balanço positivo, levantando através de mensalidades e toda a sorte de atividades, dinheiro suficiente para além de promover o espetáculo das arquibancadas, liberar essas pessoas da obrigação de trabalhar e passar assim a dedicar-se exclusivamente à Torcida e ao clube. Há de se fazer a observação de que estes rapazes odeiam o termo “torcedor profissional”, são apenas “Young”.

O sócio-torcedor tem direito a voto, dependendo da categoria em que ele se insere, e também do estatuto específico do clube, mas mais uma vez essa relação se mostra fria, depende da predisposição do indivíduo em participar ou não da vida política do clube, também do seu desempenho nas competições de que participa e do cumprimento ou não do prometido no programa de sócios, ou seja, o sócio em si e em via de regra pouco tem a acrescentar na política cotidiana do clube, e se mantém distante na maior parte dos casos. As Organizadas não têm direito a voto, há membros nelas que podem votar por serem sócios do clube, o que não vem à questão, mas ainda assim elas têm muito “poder de voto”, pois, em certo entendimento, seus candidatos são favoritos em eleições e sempre são procuradas e disputadas em períodos de pleito. Quanto mais força tem a Organizada, mais poder de barganha ela exerce, prestando nesses momentos seus serviços políticos

que mais tarde serão “pagos” através de regalias, assim como no atendimento de desejos na esfera esportiva, seja a contratação de um craque ou a não realização de venda de algum jogador tido como promessa. Há um porém nessa relação. As relações políticas entre diretoria de clube e torcida organizada não se restringem apenas a esses momentos de eleição. Nesses períodos, de acordo com dados coletados e depoimentos prestados, se consolidaria uma convergência de interesses, tornando-os ambos muito próximos, ou seja, um momento de diálogo e uma ótima oportunidade de negócios, em que as Torcidas, dependendo de seu peso, tamanho e importância teriam ou não mais poder para barganhar privilégios futuros. A Torcida Organizada, portanto, se comporta neste período como um eleitor no entendimento de Schumpeter (1984), como um consumidor, tentando maximizar seus ganhos e em consequência disso apoiando os candidatos que mais a apoiarem; há uma clara relação de reciprocidade.

O sócio-torcedor enfrenta fila para resgatar seus ingressos, e entra no estádio com os expectadores “comuns” no jogo, em clara desvantagem perante a Torcida Organizada, que tem sua catraca específica, ingressos sem fila, muitas vezes escolta policial para os jogos, etc.

Nos jogos ocorridos em qualquer um dos estádios dos quais visitei, pude observar que em cada catraca há grades separadoras com intuito de organização, uma racionalização da fila, e com a catraca das Organizadas não se faz diferente, também existindo essas grades separando em nome de uma maior organização. Ao primeiro olhar, todos são iguais, todos são separados pelas mesmas grades. Em jogos de grande expectativa e público, nas grades dos torcedores “comuns” (por onde o sócio é obrigado a entrar), pessoas se espremem e experimentam filas no mínimo desagradáveis, enquanto as grades da Torcida Organizada permanecem tranquilas, vazias e confortáveis. Quando em algum momento um torcedor comum “perdido” tenta entrar no estádio pela parte destinada e exclusiva das Organizadas, este é repreendido prontamente por funcionários do clube e policiais militares, que em certa quantidade são colocados a disposição para a manutenção deste privilégio, talvez em nome da segurança (?).

As Organizadas promovem eventos sociais, o clube não, a relação do sócio com o clube se limita basicamente aos jogos de futebol ou outras categorias esportivas e ao acesso às instalações físicas, como piscina por exemplo, não se promovendo uma integração social de pessoas afins. Enquanto isso, a organizada promove eventos, festas, churrascos, viagens, excursões; há uma construção de solidariedade entre semelhantes, um sentimento de cooperação que ao mesmo tempo também gera um sentimento de segregação, mas positivo. O torcedor de Organizada se sente superior aos demais, mais fiel e mais homem e diferente do comum, do “povão”.

Ser membro de Torcida Organizada, além de conceder direitos não estendidos aos demais torcedores, também ajuda a internalizar um sentimento de pertencimento pelos quais outros não

passam. Quando o indivíduo faz parte desse grupo, criam-se laços de solidariedade, de cooperação e de distinção perante os demais, tem-se e assume-se um compromisso com rosto. Porém, saliento que na arquibancada todos são bem-vindos para apoiar.

## Conclusões

A partir do que foi exposto, pergunta-se: que tipo de excitação está em jogo na relação torcedor/clubes de futebol?

Como já foi mencionado, a excitação prazerosa provocada pelo caráter catártico e mimético do esporte, de sua prática e da condição torcedora, proporciona aos indivíduos sensações cada vez mais raras na vida cotidiana, e isso seria uma chave para entender o caráter dessa relação torcedor/clubes. Frente a uma sociedade processualmente mais controlada, por meio do autocontrole individual e o controle dos aparelhos de Estado, a *catarse*, seria a oportunidade de, a partir do embate competitivo com o outro, condição para o futebol, produzir e liberar tensões, seja durante a prática ou no ato de torcer, trazendo consigo uma adesão sentimental que pode ser interpretada como uma imersão no jogo.

A *busca da excitação* é uma forma de procurar alívio da repressão social, ela acontece no tempo livre, durante o ócio ou no lazer. Neste caso, o lazer é definido como o processo amplo de criação de laços sociais e interdependência, diferente, por exemplo do mundo das obrigações sociais como escola, trabalho e família, onde ocorre esta repressão. No lazer, as formas de relação não são sistematizadas ou definidas de antemão como no trabalho, no lazer a busca de um descontrole medido, isto é, estes descontroles são, até certo ponto, permitidos ou ainda esperados.

Elias e Dunning afirmam que os momentos de lazer, ou de explosão das pulsões, não podem abalar o processo civilizador das sociedades complexas, porque o próprio momento de exteriorização das repressões é uma construção deste processo, ou seja, de maneira geral, eles entendem que a busca da excitação é uma necessidade social e faz parte da formação das sociedades complexas. Sendo assim necessário, o lazer é um facilitador para a incorporação das normas, porque se não houvesse o alívio das repressões ocorreria uma implosão interna, que levaria a uma instabilidade social muito mais ampla. A *catarse* é um processo de envolvimento coletivo dentro do teatro grego, em que os indivíduos exteriorizariam, nestes espaços, seus desejos, suas emoções e euforias. Porém, é no estádio de futebol que a *catarse* se expressa no seu apogeu, levando pessoas que nunca se permitiram xingar alguém a se liberar das amarras sociais. A massa eufórica serve como máscara social do sujeito que se esconde atrás de um símbolo (time de futebol, torcida organizada), no qual o grupo se apropria coletivamente do papel de torcedor esquecendo todas as

outras posturas sociais, como pai, filho, marido, trabalhador.

As Torcidas Organizadas são instituições com meios e fins recreativos, sociais, culturais e econômicos, e o poder público não sabe lidar com as torcidas, ao mesmo tempo se mostra como um algoz e refém. Como se daria, então, a relação entre Torcidas Organizadas e poder público? É uma relação conflituosa de fato ou apenas de aparência confusa?

Acordei cedo, ansioso. Quando imaginaria eu, vascaíno, ir a um Fla x Flu? Visto meu traje de pesquisador – camisa do Vélez Sarsfield da Argentina, time aliado da “Young Flu” – e me dirijo ao Méier para a sede da torcida. Em meio a uma cerveja ou outra, decidimos caminhar em conjunto rumo ao Maracanã. Era agosto e estava animado pela disputa. Antes de tudo isso, a “Young Flu” teve uma reunião com o GEPE<sup>16</sup>, iriam nos escotar. Discutiram o plano do percurso e lá fomos nós, nunca estive tão empolgado para um campo.

Com a Polícia Militar do Rio de Janeiro não existe uma relação ríspida, é uma relação de mútua desconfiança. A menor quebra do pacto de boa vizinhança, receberíamos cacetadas e não iríamos ao jogo, mas o percurso foi feito na maior paz.

Essa escolta se repetiu diversas vezes, em diversas viagens, sempre fomos escoltados, seja para a divisa com Minas Gerais, seja São Paulo, seja Espírito Santo. Após a fronteira em geral, a polícia não nos recebia, quando muito nos parava em busca de drogas e armas, o relacionamento aí sim ficava mais tenso. Para a polícia de outro Estado, a “Young Flu” tinha que provar a inocência na falta de crime e muitas vezes subornar os policiais quando este existia (como no caso de drogas no ônibus). “Carioca vagabundo”, “carioca maloqueiro” ouvi diversas vezes, entramos em diversos jogos no segundo tempo; sempre que podiam os policiais nos atrapalhavam, ou nos subornavam, a natureza dessa relação se faz necessariamente clientelista.

De maneira geral, o Estado se faz presente na vida das Torcidas Organizadas através da polícia, algumas vezes através do Judiciário, Ministério Público, nunca sendo tratadas como consumidores e parte do espetáculo, e sim sempre suspeitas prontas a praticar uma anomia. Esta relação, em geral, é mediada por interesses e entendimentos diversos, muitas vezes se mostra encoberta de preconceitos, o que na minha análise demonstra um total desconhecimento desses setores do Estado sobre as Torcidas Organizadas.

Em jogo realizado no dia 27/10/2013 entre Fluminense e Vitória, no qual o clube carioca fora derrotado por 3x2, houve uma briga entre torcedores de ambos os clubes. Supostos envolvidos foram encaminhados ao Jecrim<sup>17</sup> do Maracanã e a torcida “Young Flu” fora punida na hora com

---

16 Grupamento especial de patrulhamento de estádios da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

17 Os Juizados Criminais são órgãos da Justiça que julgam infrações penais de menor potencial ofensivo, buscando-se, com rapidez e informalidade, a reparação do dano sofrido pela vítima, a transação penal, a suspensão condicional do processo e, em último caso, uma possível condenação.

a suspensão da sua entrada por oito meses em eventos esportivos no Estado do Rio de Janeiro.

Nesse ocorrido, um menor fora apreendido e um maior encaminhado à delegacia de polícia de onde saiu após pagar fiança de R\$500,00 – convertidos estes para o Inca<sup>18</sup> - Ambos enquadrados no Estatuto do Torcedor.

Ao mesmo tempo em que a repressão aos crimes e delitos praticados por parte dos integrantes das Torcidas Organizadas acabam se enquadrando no Estatuto do Torcedor – uma conjunção de direitos e deveres civis e penais, todos com penas brandas –, ajudam a estigmatizar os partícipes de brigas como impunes. Já as grandes organizações, que tem interesses econômicos no futebol e que de fato desrespeitam ao bel-prazer essa instituição estas não são punidas e estas sim ajudam a construir a imagem de impunidade.

Há a punição do tratamento despendido às Torcidas Organizadas quando se pega a parte e julga o todo, não há inocentes nessa relação, as Torcidas têm seus torcedores que gostam de brigar, os “cabeça” desses grupos ganham com isso, mesmo que de uma forma irracional e/ou não premeditada, mas ganham. Em geral, a sua finalidade de “Grêmio recreativo, social e cultural...” de fato ocorre, pois as Torcidas Organizadas são espaços antes de tudo de promoção de sociabilidade, de construção de identidades e de militância política, mesmo que de forma indireta.

Pode-se concluir com isso que sim, existe o crime e castigo, torcedor violento é punido. O que podemos identificar como problemático é o tipo de enquadramento legal em que este sujeito se configura, e boa parte disso se dá pelo fato de o Estado e as instituições da sociedade não entenderem e não fazerem o esforço para entender as causas dos problemas veiculados às Organizadas. O Estado, sem saber lidar com as Torcidas, utiliza sempre do mesmo expediente que o faz com os pobres, criminaliza e coloca todo mundo “no mesmo saco”, e esse não entendimento, reconhecimento, conhecimento das Torcidas Organizadas abre espaço para o que eu pude observar durante o campo: a elitização e higienização do espaço da arquibancada.

Por um lado, há as Torcidas Organizadas, tidas e vistas como violentas, por outro há o Estado que não sabe se relacionar com elas e, no meio, um conjunto de interesses de ordem econômica e moral. O clube também se torna tributário nessa relação, pois quando é do seu entendimento, ele se aproxima das Torcidas e acontece o que eu pude observar durante o campo: a torcida se torna passiva à direção, a algum jogador específico e é dela que parte em geral o controle da arquibancada. Quando essa proximidade não se faz interessante, os dirigentes simplesmente abandonam as Torcidas e reforçam o discurso senso comum de criminalização.

---

18 Instituto Nacional Do Câncer.

Entendo que o Estado tem que passar a reconhecer as Torcidas como elas realmente são: grêmios sociais, tratando assim seus membros, que antes de tudo são consumidores e parte do espetáculo. Os crimes, estes quando cometidos por torcedores, todo o tipo de punição à torcida que perpassa pela punição ao clube, o que observar foi o reforço do poder de barganha delas, em vez de enfraquecê-las enquanto instituição – já que é esta a intenção – reforça-se assim o poder delas no clube e na arquibancada, criando uma classe burocrática de dirigentes da Torcida e reforçando o *ethos* clientelista dessa relação.

Podemos então entender esta relação de dependência mediada porque depende da vontade da direção de assistir ou não aquela torcida em específico, mediada porque necessita também do controle que “os cabeça” fazem dos seus para que o clube possa conseguir através dessa relação atingir seus interesses específicos, seja lá quais forem, ou seja, é uma relação de dependência mediada pelo grau de clientelismo que cada diretoria e torcida constroem em sua relação cotidiana. Quebrando a mediação do interesse, “do jeitinho”, da troca de favores, a relação esfria, a Organizadora desestabiliza (migrando assim para o campo de oposição) e o ambiente do clube será muito conturbado. Normalmente, quando isso acontece, a direção não consegue se manter. Como exemplos históricos temos: Eurico Miranda no Vasco da Gama, Dualib no Corinthians e Patrícia Amorim no Flamengo. Muito se assemelha a relação construída no período Vargas entre governo e sindicatos. O governo favorece de alguma forma torpe a classe trabalhadora e o sindicato trabalha para que ela não lhe cause problemas. Em vez de “torcedores profissionais”, o que encontramos é uma “elite burocrática” no comando das torcidas.

As Torcidas Organizadas vivem sem o clube, essa é a conclusão que posso tirar desse mais de um ano de trabalho. Elas nasceram e cresceram sem o seu apoio, na realidade, boa parte da historiografia pesquisada nos mostra que as Torcidas Organizadas (e sob a forma carioca de “Torcida Jovem”) aparecem no cenário do futebol profissional em oposição às diretorias de seus clubes e às formas organizadas de se torcer anteriores, tidas sempre como “vendidas” e “dependentes” – daí aparecem diversas organizadas com o nome de “Independente” –. Porém, estas mesmas que criticavam os modelos anteriores de relacionamento torcida/diretoria, por sua natureza clientelista, com o decorrer da história reproduzem e intensificam estas práticas.

Agora mesmo há a novidade, temos o advento das novas formas de torcer organizadamente nas arquibancadas chamadas de movimentos populares, que em sua grande maioria nascem da vontade e necessidade de quebrar/matar a natureza da relação que as tradicionais Organizadas tinham com as diretorias de clube, assim pondo em risco as formas anteriores de torcer. No entanto, há uma cultura de arquibancada, e desde as famosas “Charangas” sempre parece ter existido uma

relação de natureza clientelista entre clube e torcida, fazendo assim com que algumas propostas de movimentos populares fossem “maculadas” e se apropriando de práticas e naturalizando costumes que antes criticavam, algumas até se envolvendo em brigas. É como se houvesse uma força “sobrenatural” operando naquele universo cultural e transformando a dedicação/paixão a um clube numa relação mais próxima e com interesses mais diversos, com o clube participando disto.

Concordo com Roberto DaMatta (1982) ao entender o futebol brasileiro como um fato social total, e vê-lo como espelho do que é a sociedade brasileira, com seus méritos e defeitos, então não seria diferente nas arquibancadas. Os problemas que foram construindo e moldando nossa cultura de forma tão particular também aparecem em coisas ditas “não sérias”. Podemos ler o Brasil numa delegacia de polícia, num botequim, como também numa partida de futebol.

## Bibliografia

- ALABARCES, Pablo. **Aguante y represión: fútbol, política y violencia en la argentina**. In: Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física, 1999;
- ALABARCES, Pablo, **Fútbol y Pátria**, 2000;
- ALABARCES, Pablo, **Crónicas del aguante: Fútbol, violência y política**. Buenos Aires. Capital Intelectual. 2004;
- ALABARCES, Pablo, **Tropicalismos y europeísmos en el fútbol. La narración de la diferencia entre Brasil y Argentina**, Revista Internacional de Sociología, LXIV, 45, 2006;
- ANDERSON, Benedict, **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008;
- ARCHETTI, Eduardo P., **El potrero, la pista y el ring :las patrias del deporte argentino**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001;
- ARCHETTI, Eduardo P., **Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina**, Buenos Aires: Antropofagia, 2003;
- BARRETO, Túlio Velho, **Gilberto Freyre e o futebol-arte**, REVISTA USP, São Paulo, n.62, p. 233-238, junho/agosto 2004;
- BARTHOLO, T.L, **Na Quadra e no Campo: Esporte e Identidade Nacional no Brasil**. Dissertação de mestrado em Educação Física, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2007;
- BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005;
- BECKER, H., **Segredos e Truques da Pesquisa**, Rio de Janeiro- Zahar Editores, 2007;
- BOURDIEU, Pierre, **Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe.**" In *A Economia das Trocas Simbólicas*, 183-202. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. ["Champ du pouvoir, champ

intellectuel et *habitus* de classe". *Scolies*, Cahiers de Recherche de l'École Normale Supérieure, 1: 7-26, Paris, 1971]

BOURDIEU, Pierre, **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983;

BOURDIEU, Pierre, **Pierre Bourdieu: entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002;

BROMBERGER, C. **Le Match de Football – Ethnologie d'“une passion partisane à Marseille, Naple et Turin**. Paris, Éditions de la Maison de science de l'homme, 1995.

BROMBERGER, C, **Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris, Bayard Éditions, 1998;

CALDAS, W., **Aspectos Sociológicos do Futebol Brasileiro**. Revista USP – Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994;

CAPRARO, André Mendes, **Do football ao futebol**. Revista Nossa História, São Paulo: Editora Vera Cruz, 2006;

CÉSAR, B. Tadeu, **Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo**. Campinas: UNICAMP, (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social), 1981;

DAMATTA, Roberto, **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia de dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979;

DAMATTA, Roberto, **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982;

DAMATTA, Roberto, **A Bola Corre mais que os Homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006;

DAMO, A.S., **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002;

DAMO, A.S., **Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação dos jogadores no Brasil e na França**, 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005;

DAMO, A.S., **O ethos capitalista e o espírito das copas**. In: GASTALDO, Édison Luis e DAOLIO, Jocimar, **A Superstição no Futebol Brasileiro**. (org.). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005;

DAMO, A.S., **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São paulo, Hucitec, 2007;

DAMO, A.S., “**Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 23, 2008;

DURKHEIM, E., **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995;

ELIAS; DUNNING, **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994;

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 2, 1994;

FILHO, Mário, **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro, Mauad, 4ª edição, 2003;

FRANZINE, F., **Corações na Ponta da Chuteira: Capítulos Iniciais da História do Futebol Brasileiro** (1919-1938), Rio de Janeiro, DP&A, 2003;

FREYRE, Gilberto, 1938, **Foot-ball mulato**. Diários Associados, 1938;

FREYRE, Gilberto, **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999;

GASTALDO, Édison Luís. **O Complô da Torcida**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.11, n. 24, jul./dez. 2005;

GASTALDO, Édison Luis. **A pátria na “imprensa de chuteiras”**: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Édison Luis e GUEDES, Simoni Lahud. (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006;

GASTALDO, Edison; **Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.14 n.30 0104-7183, 2008;

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989;

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002;

GIULIANOTTI, R., **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002;

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2005;

GUEDES, Simoni L., **O Futebol Brasileiro: instituição zero**. Dissertação (mestrado) Antropologia Social. PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro: 1977;

GUEDES, Simone L., **O Brasil no campo do futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998;

GUEDES, Simoni L., **De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil**. Caxambu, ANPOCS, 2002;

GUEDES, Simoni L., **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto (orgs.), 2006;

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James, **Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença.** In ARANTES, Antonio A. (org). O espaço da diferença. Campinas: Papyrus, 2000;

HELAL, Ronaldo, **O que é sociologia do esporte.** São Paulo: Brasiliense, 1990;

HELAL, Ronaldo, **Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997;

HELAL, R.; SOARES, A.J. e LOVISOLO, H., **A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria,** Rio de Janeiro, Mauad, 2001;

HELAL, Ronaldo., **„Jogo Bonito” y Fútbol Criollo: La relación futbolísticas Brasil-Argentina en los medios de comunicación.** In GRIMNSON, Alejandro (Org.).Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina. Buenos Aires, Edhasa, 2007;

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque, **O clube como vontade e representação.** Dissertação (doutorado) em História Social da Cultura. PUCRJ, 2009;

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque, **Torcidas-empresas.** Folha de São Paulo. São Paulo. 28 de fevereiro. Caderno Mais. p.6, 2010;

LEVINE, R.M., **Esporte e Sociedade: O caso do futebol Brasileiro.** In: Maihy, José Carlos Sebe B; Witter, José Sebastião (org). Futebol e Cultura – Coletânea de Estudos. São Paulo: Imprensa Oficial / Arquivo do Estado, 1982.

LOVISOLO,Hugo; SOARES, Antônio J., **Futebol é fogo de palha: A ‘profecia’ de Graciliano Ramos.** In : HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES,A.J. (Orgs.) **A invenção do país do futebol.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002;

MAGNANI, José Guilherme, **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** São Paulo: EDUSP, 1996;

MAUSS, M. **Ofício do Etnógrafo, Método Sociológico.** In: Cardoso de Oliveira, R, São Paulo: Ática, 1979;

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003;

MICELI, Sérgio, **Os Gaviões da Fiel: Torcida Organizada do Corinthians.** in: Revista de Administração de Empresas (FGV), São Paulo, v. 18, n. 2, 1978;

MONTEIRO, R. A., **Torcer, lutar ao inimigo massacrar: Raça Ruro-Negra! : Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência.** Rio de Janeiro, R.J. Editora FGV, 2003;

MURAD, M., **Dos pés à cabeça: elementos básicos para uma sociologia do futebol.** Rio de Janeiro: Irradiação Cultural Ltda, 1996;

MURAD, M., **A violência ao futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: FGV, 2007;

MURPHY, WILLIANS, DUNNING,1992. **A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica** in ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação.

Lisboa: Difel, 1992

MURPHY, P.; WILLIAMS, J. e DUNNING, E. **O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança**, Oeiras/Portugal, Celta Editora, 1994;

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, **Footballmania – Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938** . Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000;

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo, **Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997;

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo, **Violência entre torcidas organizadas de futebol em São Paulo em perspectiva**. São Paulo, Fundação SEADE, Vol. 14, N°2, 2000;

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo, **Torcidas organizadas: brutalidade uniformizada no Brasil**. IN PINSKY C. B. (Orgs.). **Faces do Fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004;

REIS, H.H.B., **Futebol e sociedade; as manifestações da torcida**. Tese de doutorado (em Educação Física), Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, 1998,

REIS, H.H.B., **Futebol e sociedade: uma análise histórica** . Revista Histedbr, n.10, jun, 2003;

REIS, H.H.B.; ESCHER, T.A., **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber Livros, 2006;

REIS, H.H.B., **Futebol e violência uma relação histórica e de negligência (no Brasil)**.

(in.)TURTELLI, Sandra Regina. **Esporte em foco**. São Paulo. Cultura Acadêmica. 2010;

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984;

SMOLIK, Joseph. **Football Hooliganism from the standpoint of extremism**. Central European Political Studies Review, 4 – VI, podzim 2004;

SOARES, Antônio Jorge. **Institucionalização do esporte moderno: leitura de Nobert Elias**. In: Sebastião Votre; Vera Lúcia Menezes Costa. (Org.). **Cultura, atividade corporal & esporte**. 1ed. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, v. 1, p. 161-174, 1995;

SOARES, Antônio Jorge. **História e invenções de tradições no campo do futebol**. 1999;

TEIXEIRA, Rosana da Câmara, **Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras**. Texto apresentado no I Simpósio de Estudos sobre Futebol. Museu do Futebol, USP e PUC-SP, 10-14 de maio 2010;

TEIXEIRA, Rosana da Câmara, **Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro**. **Esporte e Sociedade**, ano 8, n 21, março 2013;

TOLEDO, Luiz H. **Torcidas Organizadas de Futebol. (Campinas: Autores Associados/Anpocs), 1996;**

TOLEDO, Luiz H., **A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os**

**torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo.** In: MAGNANI, José Guilherme C.;TORRES, Lilian de Lucca (org). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000;

TOLEDO, Luiz Henrique. **Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002).** Revista Brasileira de Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais, 52, 2001;

VELHO, Gilberto, **Observando o Familiar.** in: Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea, Rio de Janeiro – Zahar Editores, 1991.

## **Jornais, Revistas e Webpags:**

Jornal Extra;

Jornal Folha de São Paulo;

Jornal Lance!;

Jornal O Dia;

Jornal O Globo;

Revista Placar;

Revista Rolling Stone;

<http://espn.uol.com.br/>

<http://extra.globo.com>

<https://www.facebook.com/>

<http://www.folha.uol.com.br/>

<http://globoesporte.globo.com/>

<http://www.lancenet.com.br/>

<http://odia.ig.com.br/>

<http://oglobo.globo.com/>

<http://netflu.com.br/>

<http://www.prba.mpf.mp.br/paraocidadao/pecas-juridicas/termos-de-ajustamento-de-conduta>

<http://www.torcidayoungflu.com.br/>